

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Thiago de Souza Moura**

**Ressignificando a Gravidez na Adolescência na escola:  
como as percepções das alunas e dos alunos estão  
permeadas pelas relações de gênero?**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação da  
PUC-Rio como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em  
Educação

Orientadora: Prof. Silvana Soares de Araújo Mesquita

Rio de Janeiro  
Junho 2019



**Thiago de Souza Moura**

**Ressignificando a Gravidez na Adolescência na escola:  
como as percepções das alunas e dos alunos estão  
permeadas pelas relações de gênero?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Silvana Soares de Araújo Mesquita**

Orientadora

**Prof. Magda Pischelota**

Departamento de Educação Puc Rio

**Prof. Ana Ivenicki**

Departamento de Educação UFRJ

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização da Universidade, do Autor e da Orientadora.

### **Thiago de Souza Moura**

Graduou-se em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas nas Faculdades Integradas Maria Thereza em 2012. Especialista em Ensino de Biologia pela UERJ/ FFP em 2015. E em Ensino de Ciências UFRJ, em 2016. Residente Docente do Colégio Pedro II na área de Biologia em 2016. Atualmente Professor Docente I (Biologia e Ciências) na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e Professor contratado de Ciências na Prefeitura de Itaboraí.

#### Ficha Catalográfica

Moura, Thiago de Souza

Ressignificando a Gravidez na Adolescência na escola: como as percepções das alunas e dos alunos estão permeadas pelas relações de gênero? / Thiago de Souza Moura; orientadora: Silvana Mesquita. – 2019.

222 f.: il. color. 30 cm

Dissertação (mestrado) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Estudos de gênero. 3. Gravidez na adolescência. 4. Escola. 5. Percepções dos alunos. I. Mesquita, Silvana. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Dedico este trabalho aos nossos alunos, que mudam nossas vidas todos os dias!!!

## Agradecimentos

Agradeço a vida pelas oportunidades que tem surgido em minha trajetória.

Nunca imaginei que um dia estaria fazendo um mestrado em educação, mas as vivências na escola acabaram levando-me para esse caminho.

Sou grato pela mãe que tive, ela foi uma mulher espetacular. A primeira feminista, que conheci.

Sou grato pela vida do meu irmão, que sempre está comigo. E grato por ter conhecido meu namorado, assim como eu, um professor, que tenta fazer algo pelos alunos.

Agradeço o aprendizado desses dois anos junto com os professores do departamento de educação e colegas cursistas.

Agradeço aos amigos do cotidiano, que também procuram fazer sua parte por um mundo melhor.

Muito obrigado, Silvana, minha orientadora! Pelas trocas e aprendizado constante nesse período!!!

Que possamos ter forças para seguirmos sempre! Afinal estamos vivendo um período tenebroso em nosso país!

## Resumo

Moura, Thiago de Souza; Mesquita, Silvana Soares de Araújo (Orientadora). **Ressignificando a Gravidez na Adolescência na escola: como as percepções das alunas e dos alunos estão permeadas pelas relações de gênero?** Rio de Janeiro, 2019. 222p. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as percepções das alunas e alunos sobre as relações de gênero na escola, com recorte para a gravidez na adolescência. A escolha desse objeto de investigação originou-se a partir da constatação da visibilidade das alunas grávidas e a invisibilidade dos alunos no debate sobre gravidez na adolescência nas escolas. Assim, ao longo da pesquisa procurou-se responder as questões: Quais são as percepções das alunas e dos alunos sobre gênero no que tange o tema da Gravidez na Adolescência? A escola permite reflexões sobre o tema segundo as percepções das alunas e dos alunos? Foi realizada uma pesquisa qualitativa ancorada em dois instrumentos metodológicos: questionários com perguntas abertas e oficinas pedagógicas com ênfase na pedagogia da imagem e no protagonismo juvenil. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública na cidade de Cachoeiras de Macacu\_ RJ junto as turmas de nono ano do ensino fundamental. No total, participaram do estudo vinte e cinco alunos (vinte e uma meninas e quatro meninos), entre catorze e dezessete anos de idade, respondentes dos questionários e, desses, catorze alunos (doze meninas e dois meninos) participaram das oficinas pedagógicas. O aporte teórico dessa pesquisa amparou-se nos estudos sobre Gravidez na Adolescência, Sexualidades e Gênero, principalmente, dos autores: Maria Heilborn, Michel Bozon e Guacira Louro. A partir da análise dos dados, constatou-se que alunos e alunas apontam a ausência familiar no debate sobre sexualidade e gravidez associada, ainda, a questão do pouco acesso às informações sobre os métodos contraceptivos. Os alunos, mais do que as alunas, apontam a internet como o principal canal de informações sobre Gravidez na Adolescência. A escola é reconhecida por meninos e meninas como um lugar para possíveis construções de reflexões sobre o tema. No entanto, constata-se que na escola os debates sobre gênero, sexualidade e gravidez na adolescência são voltados para discursos biológicos permeados pelo controle e

prevenção. No que tange as relações de gênero na Gravidez da adolescência, as percepções dos alunos direcionam-se para existência de duas gravidezes distintas: a das meninas, considerada a “Gravidez das Mudanças” e a dos meninos, considerada a “Gravidez mais fácil”.

## **Palavras-chave**

Estudos de Gênero; Gravidez na Adolescência; Escola; Percepções dos alunos

## Abstract

Moura, Thiago de Souza; Mesquita, Silvana Soares de Araújo (Advisor).  
**Reignifying Pregnancy in Adolescence in School: How are the perceptions of students and students permeated by gender relations?**  
Rio de Janeiro, 2019. 222p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

The present research aims to understand the perceptions of students and students about gender relations in school, with a clipping for teenage pregnancy. The choice of this object of investigation originated from the verification of the visibility of the pregnant students and the invisibility of the students in the debate about pregnancy in the adolescence in the schools. Thus, during the research the following questions were answered: What are the perceptions of the students and the students about gender regarding the topic of teenage pregnancy? Does the school allow reflections on the theme according to the perceptions of the students and the students? A qualitative research was anchored in two methodological instruments: questionnaires with open questions and pedagogical workshops with an emphasis on image pedagogy and youth protagonism. The research was developed in a public school in the city of Cachoeiras de Macacu\_ RJ together with the ninth grade classes of elementary school. Twenty-five students (twenty one girls and four boys), between the ages of fourteen and seventeen, participated in the study, of whom fourteen students ( twelve girls and two boy) participated in the pedagogical workshops. The theoretical contribution of this research was based on the studies on Pregnancy in Adolescence, Sexualities and Gender, mainly, of the authors: Maria Heilborn, Michel Bozon and Guacira Louro. From the analysis of the data, it was verified that the students indicate the family absence in the debate on sexuality and pregnancy associated with the issue of poor access to information about contraceptive methods. The students, more than the students, point to the internet as the main channel of information about Pregnancy in Adolescence. The school is recognized by boys and girls as a place for possible constructions of reflections on the theme. However, it is verified that in the school the debates on gender, sexuality and pregnancy in the adolescence are directed to biological discourses permeated by the control and prevention. Regarding gender relations in

teenage pregnancy, the perceptions of the students are directed to the existence of two distinct pregnancies: that of the girls, considered the "Pregnancy of Changes" and that of the boys, considered the "Easier Pregnancy".

## **Keywords**

Gender Studies; Teenage pregnancy; School, Student perceptions

## Sumário

1.	Introdução	11
2.	Revisão Bibliográfica e Caminho Metodológico	25
2.1.	Fase Exploratória	26
2.2.	Trabalho de Campo: campo em ascensão	35
2.3.	Instrumentos metodológicos	45
2.4.	Sujeitos da Pesquisa	59
2.5.	Análise e Tratamento dos Dados	61
3.	Aproximações conceituais sobre Sexualidades, Educação sexual na escola e Gravidez na Adolescência	63
3.1.	Educação Sexual na escola	73
3.2.	A construção das percepções: quando a boca fala	89
4.	“Ausência de Discussões” sobre a Gravidez na Adolescência	112
4.1.	Percepções sobre a Gravidez na Adolescência	115
5.	A Gravidez das meninas e a Gravidez dos meninos	127
5.1.	Gravidez na Adolescência: um olhar para ambos os gêneros	130
5.2.	O corpo que “fala” na Gravidez na Adolescência	132
5.3.	A Gravidez das “mudanças” X a Gravidez “mais fácil”	135
5.4.	A desconstrução do corpo biológico feminino	140
5.5.	Ficha comportamental dos gêneros: a divisão sexual do trabalho	142
5.6.	A Abordagem que os adolescentes querem... A Escola que não conversa.	151
5.7.	Os ecos de muitas adolescências	163
6.	Considerações finais	178
7.	Referências bibliográficas	187
8.	Anexos	195

# 1. Introdução

Este trabalho tem como objeto a compreensão das relações de gênero, que se encontram na temática da Gravidez na Adolescência, mediante o aprofundamento das percepções das alunas e dos alunos sobre o tema na escola. A proposta para a construção desse estudo deu-se através das reverberações do cotidiano escolar. Por isso, apresento-lhes um pouco das minhas trajetórias pessoal e profissional.

Minha formação em serviço levou-me para o caminho das pesquisas em educação e objeto deste trabalho. Enquanto Licenciado em Ciências Biológicas, tive dois desejos ao longo da graduação. O primeiro desejo era investigar substâncias oriundas de seres vivos do mar como os Poríferos (Esponjas do mar); e o segundo desejo era direcionar meus estudos para o mundo das plantas. Sempre gostei muito de botânica e sobretudo de estar em contato com o Meio Ambiente. No entanto, ainda na graduação, cursei a disciplina de Didática, além dos Estágios Supervisionados nas escolas (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio), ficando impactado pela possibilidade de atuar como professor na Educação Básica. Portanto, depois de formado, fiz alguns concursos, sendo convocado para trabalhar na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. A escola encontra-se na cidade de Cachoeiras de Macacu, vizinha de minha cidade, Itaboraí. Como graduado em Ciências Biológicas, fiz concurso para Biologia com objetivo de atender apenas ao público do Ensino Médio. No entanto, uma vez convocado para o cargo, descobri que a demanda no momento estava direcionada para Ciências, isto é, atuaria no Ensino Fundamental II. Acabei aceitando minha primeira matrícula com oito tempos no ensino de Ciências e quatro em Biologia.

O exercício do cargo no Ensino Médio era tranquilo, sem muitas dificuldades, mas trabalhar no Ensino Fundamental II com Ciências, lidando com a complexidade dos sextos anos, mudou minha visão do magistério. O trabalho no segundo segmento do Ensino Fundamental exigiu de mim um outro olhar, especialmente nos sextos anos. Esses alunos têm uma energia que nunca acaba, saía da escola esgotado, mas ao mesmo tempo acabei me identificando com esse público e olhando sua realidade além dos corredores da escola.

Em 2014 iniciei minha vida no magistério e, junto com o ofício, realizei algumas especializações voltadas para Botânica e Bioquímica, mas o divisor de águas, que gerou meu deslocamento para as pesquisas educacionais, ocorreu no momento em que constatei na escola a ausência de atividades voltadas para a Educação Sexual das alunas e alunos segundo suas necessidades e realidades.

No ano posterior, candidatei-me à Residência Docente, no Colégio Pedro II, na área de Ensino de Biologia. Após isso, iniciei minha participação nessa experiência profissional. Um dos objetivos norteadores desse programa de apoio à iniciação docente era a construção de uma pesquisa voltada para a escola de origem do residente, segundo a necessidade local. Como trabalho em Cachoeiras de Macacu, município da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, rico em Biodiversidade, meu primeiro movimento foi uma pesquisa sobre o potencial para o Ecoturismo na região. Mesmo assim, ainda não estava satisfeito com a temática, pois algo me incomodava na forma de como a escola lidava com um outro tema que, em pleno século XXI, pode ser considerado um tabu por muitos: Educação Sexual para adolescentes. A partir disso, no início de 2015, na escola onde eu atuava, desenvolvi um Projeto sobre Educação Sexual cujo direcionamento ocorria através da identificação dos anseios dos estudantes sobre o tema. A direção da escola aceitou a proposta e o trabalho foi realizado ao longo do ano letivo.

Desde o momento que comecei a lecionar, lido com casos de gravidez na escola, inclusive com alunos nos sextos anos de ensino. Além disso, casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis também são uma realidade no contexto no qual atuo. O trabalho foi realizado através de um questionário semiestruturado como forma de identificação das percepções dos estudantes sobre o tema. Após as análises dos elementos, os dados foram apresentados no mural principal da escola e algumas palestras ministradas sobre a temática. O trabalho foi desenvolvido e evitou-se o uso de discursos de “controle”, isto é, “higienizantes” que muitas vezes são usados na escola para abordagem do tema. O autocuidado e a liberdade com responsabilidade direcionaram as informações apresentadas nas palestras. Vale destacar que, nesse trabalho, participaram 418 alunos dos sextos aos nonos anos de ensino. Após análise dos dados, minha visão começou a voltar-se para as relações de gênero no ambiente escolar. Afinal, em todos os questionários analisados, as respostas das alunas e dos alunos apontavam posicionamentos distintos. Através das leituras para esse trabalho, tive meu primeiro contato com autores, que

abordavam a temática sobre gênero. Uma delas Helena Altmann (2001), professora da Unicamp, com formação em Educação Física apontava reflexões na escola sobre gênero, corpo, sexualidades e autocuidado.

Essa experiência despertou em mim a necessidade de aprofundamento no assunto, levando-me ao Curso de Extensão sobre Gênero e Diversidade na escola, em 2016, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde pude ter contato teórico-metodológico sobre o tema. A partir disso, busquei instituições com propostas de pesquisa em educação voltadas para o Ensino Fundamental II. Dentre as universidades pesquisadas, cheguei à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Antes do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pesquisei outras instituições para ingresso nas pesquisas educacionais. Porém, no fim, decidi investir apenas na PUC-Rio, pois reconheci nessa universidade linhas de pesquisa que dialogavam com meu tema, quadro docente de alto nível e um histórico consolidado de pesquisas educacionais.

Assim, como proposta de pesquisa neste trabalho, pretendo aprofundar as reflexões sobre gênero na escola, com recorte para as percepções de estudantes sobre a Gravidez na Adolescência. O uso do termo “percepções” neste estudo foi gerado mediante as reflexões da obra do autor Pedro Demo (2000) referente à importância da presença das alunas e dos alunos na construção do conhecimento. Para o autor, as alunas e alunos não são “tábulas rasas” na escola, portanto suas percepções devem vir à tona no ambiente escolar.

A escolha pelo tema, como já disse, originou-se durante minha formação em serviço. Afinal, nos casos que presenciei de gravidez na escola, uma característica em comum sempre chamou minha atenção: a visibilidade das alunas grávidas e a invisibilidade dos alunos. Essa evidência das alunas como únicas responsáveis pela gravidez em comparação aos alunos motivou-me na abordagem desse tema. Outro ponto que me inquieta são os discursos dos colegas de trabalho sobre o assunto, pois uma vez ocorrendo casos de gravidez não-prevista na escola, as alunas são chamadas com nomes depreciativos, sua conduta é colocada em jogo, mas quanto aos alunos vejo novamente a condição da invisibilidade na questão. O termo “gravidez não-prevista” foi selecionado para ser usado ao longo do trabalho segundo as reflexões geradas pelos estudos da pesquisadora Maria Heilborn (2006), que defende o uso de uma terminologia não pejorativa quanto ao fenômeno da

Gravidez na Adolescência, visto que cada gravidez esconde um universo de gravidezes. Portanto, cabe aos atores principais desse processo, grávidas e grávidos adolescentes, definirem suas vivências quanto ao assunto. Um dos estigmas sobre o assunto aparece como resultado da ausência familiar, ou seja, famílias que não se encontram presentes, no que tange ao diálogo sobre sexualidades com seus filhos (HEILBORN, 2006). Todavia fico pensando, será que essas famílias realmente estão ausentes na vida das filhas e filhos, que engravidaram na adolescência? Existe ainda a questão do acesso às informações sobre os métodos contraceptivos. Será que essas alunas e alunos ainda em pleno século XXI não possuem acesso aos métodos de anticoncepção? E nossas escolas, qual o caminho que elas têm buscado para abordagem da gravidez na escola? As alunas e alunos são ouvidos? Será que são contemplados segundo suas realidades? Essas inquietações levaram-me para o desenvolvimento desta pesquisa como forma de proporcionar um mecanismo de ponte para a abordagem na escola segundo as percepções tanto das alunas quanto dos alunos.

Neste trabalho, defendo o aprofundamento do assunto sob uma perspectiva educacional voltada para o aprendizado dos estudos de gênero e sexualidade, voltados para a Gravidez na Adolescência como veículo enunciativo do assunto, conforme principalmente os preceitos das pesquisadoras Maria Heilborn (2006; 2009), Michel Bozon (2004) e Guacira Louro (1995; 2001; 2008; 2013). Além disso, a revisão bibliográfica realizada para este estudo, entre os anos de 1996 até 2017, apontou uma escassez de pesquisas sobre o tema da Gravidez na Adolescência, visto e revisto, a partir das percepções dos alunos na escola sob a ótica dos estudos de gênero.

O presente estudo busca a participação das alunas e alunos nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência. Esta pesquisa apoia-se na contemplação da participação das alunas e alunos no processo, sem a reprodução de juízos de valores, estigmas sociais ou discursos “biologizantes”, muitas vezes associados ao tema. Um discurso “biologizante” pode ser apontado quando refletido apenas sob os cuidados de saúde médica, sem possibilidade para outras considerações como os fatores socioculturais do meio em questão (HEILBORN, 2006).

As análises construídas seguem a linhagem dos trabalhos sociológicos contemporâneos sobre juventude, superando a definição da faixa etária como marco de vida, mas voltando-se para os processos sociais da vida desses adolescentes, isto

é, sua biografia de vida. Mesmo assim, enquanto termo para uso ao longo do trabalho, optou-se pelo uso da nomenclatura adolescente, justificando-se em apontamentos do ECA e da OMS (2007, p.7) sobre o assunto:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) circunscreve a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade. A Organização Mundial de Saúde (OMS), por sua vez, delimita a adolescência como a segunda década de vida, período compreendido entre os 10 e os 19 anos, 11 meses e 29 dias; e a juventude como o período que vai dos 15 aos 24 anos. Há, portanto, intersecção entre a segunda metade da adolescência e os primeiros anos da juventude. O Ministério da Saúde toma por base a definição da OMS e recorre aos termos “população jovem” ou “pessoas jovens” para referir-se ao conjunto de adolescentes e jovens, ou seja, à abrangente faixa compreendida entre 10 e 24 anos.

A partir dessas informações, a pesquisa presente usará o termo adolescência de forma prioritária ao longo da escrita do trabalho, uma vez que demais termos como jovem ou juventude serão considerados sinônimos do mesmo. Portanto, o estudo apresenta uma classificação defendida pelo ECA. Além disso, esta escolha ampara-se na constatação de que se utiliza, geralmente, o termo adolescência e não juventude nos estudos sobre a Gravidez na Adolescência. Uma vez usado o tema Gravidez na Juventude como instrumento de busca de trabalhos para revisão bibliográfica, automaticamente os estudos apresentados foram projetados para a Gravidez na Adolescência. Outro eixo desta investigação consiste na investigação entre o eixo escolar e a escola. Para a autora Guacira Louro (2001), assuntos que atravessam as relações de gênero e sexualidade devem ocorrer em todos os espaços e fases de vida, sobretudo quando a temática atravessa o cotidiano escolar.

O aporte teórico nos estudos de gênero deste trabalho tenta lançar luz sobre as relações de gênero, além da ótica binária: feminino e masculino. Portanto, as fronteiras entre o feminino e masculino foram revistas como um território fluido, possível de novos arranjos nas relações entre os gêneros. Isso quer dizer que, este estudo procura debater a temática através da visibilidade do outro no processo, mediante um olhar voltado para o “excêntrico”, ou seja, para a visibilidade do processo das diferenças, que existem na percepção da diversidade do outro, sobre o outro e em relação a si mesmo nas vivências em sociedade segundo as relações de gênero (LOURO, 2013).

Assim, perpassando pelo contexto escolar, quais têm sido as discussões na escola sobre gravidez na adolescência? As alunas e os alunos lidam com a temática da mesma forma? Todos são ouvidos? A escola pode ser considerada uma pequena sociedade em construção (DURKHEIM, 1975), assim sua teia de relações sofre influência dos modelos de comportamento binário cultivados na sociedade. O comportamento binário aponta para os polos femininos e masculinos sendo considerados como únicos referenciais de conduta na sociedade, com exclusão da diversidade das expressões do gênero quanto ao modo de vestir-se, agir ou comporta-se em público. Portanto, todos integrantes do cotidiano escolar, sobretudo os professores que tem contato direto com os alunos, têm a responsabilidade de desconstrução das diferenças e estereótipos reproduzidos nas relações de gênero na escola.

Esse movimento de desconstrução das diferenças justifica-se nesta pesquisa pela constatação de que seu desenvolvimento pode gerar, na escola, um estímulo a uma cultura educacional plural, que contemple uma “educação para o nunca mais” (CANDAU, 2011). Isso pode ser realizado com o resgate crítico da memória histórico-social sobre os registros de violência, exclusão, silenciamento e discursos intolerantes contra as minorias (mulheres, negros, indígenas, pessoas LGBTI<sup>1</sup>), com o empoderamento e conscientização desses sujeitos enquanto sujeitos de direitos quanto à construção de suas identidades, permitindo-nos ter uma escola crítica e presente nas discussões sobre o tema no cotidiano escolar com alunos sujeitos de suas próprias vidas.

Devido às situações de violência recorrentes no cotidiano contra as mulheres e o público LGBTI, este trabalho busca possibilidades para reflexões sobre o assunto mediante os “bastidores” da escola. Apesar dos avanços atuais nessas discussões, movimentos como a “ideologia de gênero”, posicionamento político fundamentalista, que desqualifica os estudos sobre às relações de gênero e diversidade sexual na escola tem se feito presente na sociedade e no ambiente escolar. A “ideologia de gênero” apresenta o discurso, de que os pesquisadores da área de gênero são doutrinadores sexuais, que desejam “transformar meninos em meninas e meninas em meninos”. Esse posicionamento vai contra os estudos sobre

---

<sup>1</sup>Pessoas LGBTI = Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais. Disponível em: <http://desacato.info/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que/> Acesso em 12/01/2018.

gênero, que contemplam a formação das identidades das pessoas e suas tensões no processo social (LOURO, 1997).

Uma pesquisa recente, realizada pela Data Folha<sup>2</sup>, nos dias 18 e 19 de dezembro de 2018, apontou que a população brasileira de uma forma geral reconhece a relevância dos estudos de gênero no ambiente escolar. Os entrevistados ainda apoiam discussões na escola em sua maioria sobre sexualidade (54%) e política (71%). Esse estudo contesta a ideia dos partidários do movimento “ideologia de gênero”, visto que aponta resultados sobre a necessidade de debates na escola voltados para assuntos referente à sexualidade. Dentre algumas considerações desse estudo divulgado, pode-se destacar que um número maior de mulheres, em comparação aos homens, defendeu discussões na escola sobre Educação Sexual. O registro de um número maior de mulheres apoiando as discussões na escola sobre Educação Sexual pode ser um indício de que elas sofreram e sofrem com a ausência de debates sobre o tema na sociedade. Portanto, isso mostra que há espaço para se tratar o tema na escola.

Assim, o objetivo deste trabalho é abordar a temática das relações de gênero entre os estudantes do ensino fundamental tendo como veículo norteador para a pesquisa a temática da Gravidez na Adolescência, sob a ótica das relações de gênero. Através do debate do tema na escola, pretende-se compreender as percepções das alunas e alunos sobre o assunto.

O tema da Gravidez na Adolescência na escola, ainda pode ser considerado um assunto polêmico, por isso, acredito ser necessário buscar subsídios legais que legitimem a abordagem do assunto no ambiente escolar. Os direitos sobre saúde sexual e reprodutiva nas últimas décadas têm sido permeados pelos discursos sobre a igualdade entre os gêneros. Mesmo assim, a presença do homem nessas questões ainda se encontra incipiente, uma das hipóteses apontadas para tal situação são as poucas iniciativas para o envolvimento destes. Em relação às mulheres, a abordagem realizada ainda continua sendo direcionada para o ciclo gravídico, prevenção do câncer de colo de útero e de mama. Essas abordagens são importantes, mas também é preciso mudar essas estratégias para outras dimensões que

---

<sup>2</sup>Reportagem sobre aprovação da população brasileira sobre os estudos de gênero na escola. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/maioria-no-pais-defende-educacao-sexual-e-discussao-sobre-politica-nas-escolas.shtml> Acesso em 10/02/2019.

considerem a saúde sexual em diferentes momentos do ciclo de vida, inclusive com a promoção efetiva corresponsável dos homens (BRASIL, 2010).

Em nosso país, temos alguns marcos legais sobre os direitos à saúde sexual e reprodutiva como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – PAISM/ BRASIL/1984; Constituição Federal de 1998; Lei 9.263/1996, que regulamenta o planejamento familiar; Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher/ BRASIL/2004 e Política Nacional dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos/MS/2005 (BRASIL, 2010).

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2010, p.22) aponta marcos legais específicos para abordagem dos direitos da saúde sexual e reprodutiva para o público adolescente:

A Constituição Brasileira de 1988 reconheceu, no seu art. 227, crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, modificando toda uma legislação anterior que considerava meninos e meninas como propriedades dos seus pais. Outro marco fundamental é a Convenção sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1989. A convenção em questão significou uma importante mudança de paradigma para a proteção da infância e da adolescência, reconhecendo crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e não objetos de intervenção do Estado, da família ou da sociedade. Em consonância com essa mudança de paradigma, em 1989, o Ministério da Saúde criou o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), para a faixa etária de 10 a 19 anos, 11 meses e 29 dias. Entre as áreas prioritárias desse programa encontravam-se a saúde sexual e a saúde reprodutiva. No Brasil, entre os principais avanços legais que norteiam a atenção à saúde de adolescentes, destaca-se a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, que regulamenta o art. 227 da Constituição Federal de 1988.

Em 2019, o atual Governo em exercício promulgou a Lei 13.798/2019, que institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Essa deve acontecer anualmente na semana que segue o dia primeiro de fevereiro. A legislação aponta a construção de medidas preventivas e educativas para abordagem do tema com o objetivo de redução da incidência da Gravidez na Adolescência. A visibilidade da temática é válida, mas resta saber como essa legislação será realizada de fato.

A sociedade passa sempre por transformações, portanto defendendo que os adolescentes da geração atual devem participar de forma crítica sobre a construção

do processo das diferenças quanto aos outros, isto é, pessoas que se encontram fora dos padrões de gênero e comportamento sexual considerados aceitos pela sociedade. A concepção da escola pode ser apresentada como um espaço configurado para a construção do aprendizado. Quanto a escola, como instituição, ocupa ao mesmo tempo um espaço e um lugar. Quando sendo um espaço, a escola emana o conceito de suporte, estrutura projetada em andamento. Na condição de lugar, ocorre um salto qualitativo, pois este conceito está vinculado a uma construção social, que acontece a partir do fluir da vida (FRAGO, 2001).

Portanto, o espaço sempre deve ser contemplado como disponível para converter-se em um lugar. O espaço, assim como o lugar, não deve ser considerado neutro, pois apresentam signos, símbolos, vestígios da condição e das relações sociais entre aqueles que o habitam. Muitas vezes, o espaço comunica o emprego que o ser humano faz dele, pois tudo acontece a partir da leitura que cada indivíduo faz como fruto de um produto cultural específico. A Escola é um espaço peculiar e relevante, pois a formação das estruturas mentais básicas das crianças e adolescentes são geradas durante anos nesse ambiente. As estruturas mentais conformadas nesse espaço, que socializa e educa, mas que diferente de outros, situa e ordena com essa finalidade, a tudo e a todos quanto nele se encontram. Os professores exercem um papel relevante nesse ambiente, pois todo educador é um arquiteto, tanto quando decide mudar a conformação do espaço escolar ou quando o deixa da forma como se encontra em sua realidade. Contudo o espaço nunca é neutro, sempre educa. Isso reflete o desafio da profissão docente, visto que estamos muitas vezes em espaços escolares que não são lugares e lugares que não apresentam espaços, mas ambos não são neutros, uma vez que são oriundos dos atores sociais, sejam esses protagonistas ou silenciados na alegoria da vida escolar. Será que nossas alunas e alunos sentem-se participantes desses lugares ou apenas estão frequentando esses espaços?<sup>3</sup> (MOURA, 2018).

Esta pesquisa sobre as relações de gênero na Gravidez na Adolescência justifica-se pela necessidade de um aprofundamento do assunto na escola segundo as necessidades dos alunos sobre o tema. Afinal, será que a escola apresenta

---

<sup>3</sup> Esse texto foi escrito segundo os apontamentos do meu artigo: “Ecos no cotidiano escolar: pichações como possibilidades para reflexões sobre gênero e sexualidades” apresentado na modalidade de pôster no V CEDUCE (Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão) em Niterói, 2018.

condições para atender seus alunos nesse assunto? Qual o tipo de abordagem que a escola tem oferecido para isso? As alunas e alunos são abordados da mesma forma? E os professores... Será que discutem o tema em suas aulas? A escola estudada apresenta registros de Gravidez na Adolescência em seu cotidiano. Como essa escola lida com essa realidade? Por isso, o presente ambiente escolar torna-se propício para o desenvolvimento deste estudo. A partir do exposto, algumas questões norteadoras para pesquisa vieram à tona:

- 1) Quais são as percepções das alunas e dos alunos sobre gênero, no que tange o tema da Gravidez na Adolescência na atualidade?
- 2) As alunas e alunos percebem o tema da Gravidez na Adolescência da mesma forma? Quais as principais diferenças e semelhanças?
- 3) A escola permite reflexões sobre o tema de acordo com as percepções das alunas e dos alunos? Quais as abordagens?

O estudo tem como objetivo central compreender as percepções dos alunos do ensino fundamental II sobre as relações de gênero na escola, partindo do contexto da Gravidez na Adolescência. Além disso, visa contribuir para a construção de novas abordagens sobre o tema na escola, a partir das percepções das alunas e dos alunos. A partir dos objetivos gerais, são propostos objetivos específicos a fim de direcionar as diferentes fases da pesquisa e as análises dos dados produzidos:

- 1) Aprofundar as reflexões sobre a Gravidez na Adolescência, a partir das relações de gênero, segundo as percepções do estudante do nono ano do Ensino Fundamental II;
- 2) Identificar as percepções das alunas e alunos sobre a Gravidez na Adolescência e a influência da escola sobre o assunto;
- 3) Verificar onde e como as alunas e alunos buscam informações sobre a Gravidez na Adolescência;
- 4) Reconhecer qual o papel da família, suas percepções sobre a Gravidez na Adolescência e Relações de Gênero;

5) Visibilizar as alunas e alunos pesquisados em suas adolescências na atualidade;

Este estudo volta-se para o público adolescente, que passa por momentos de transformações físicas e emocionais, além das (RE)construções dos valores éticos, morais, sociais e religiosos, que estão em jogo na imagem do seu reflexo na sociedade (ZEK CER, 1985).

Nesse trabalho de pesquisa, especificamente, a série de ensino selecionada para estudo foi o nono ano do ensino fundamental II<sup>4</sup>. No total, participaram do estudo<sup>5</sup> vinte e cinco alunos (vinte e uma meninas e quatro meninos), entre catorze e dezessete anos de idade.

A razão da escolha baseia-se na justificativa de que tais alunos desse período estão encerrando o Ensino Fundamental. Assim, essa escolha pode tentar apontar a influência da escola, na formação das alunas e dos alunos durante esse ciclo de estudos, afinal em nove anos de estudos durante o Ensino Fundamental, será que a escola pode gerar reflexões na percepção dessas alunas e alunos sobre as relações de gênero na Gravidez na Adolescência? E dados do Ministério da Saúde através do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) confirmam um aumento significativo de casos de Gravidez na Adolescência na faixa etária do grupo em estudo, principalmente entre os quinze e dezesseis anos de idade (MS, 2019).

A metodologia empregada neste estudo volta-se para uma abordagem qualitativa, pois visa permitir um movimento de interação entre os sujeitos, possibilitando que aspectos como valores, crenças, visões de mundo submerjam nas trocas entre os participantes. Além disso, existe a possibilidade de aproximação entre o pesquisador e o objeto de estudo e contemplação das subjetividades dos sujeitos da pesquisa (LÜDKE, ANDRÉ, 2017). O estudo utiliza-se de questionários abertos e oficinas pedagógicas como forma de produção de dados no campo. Os questionários foram construídos em determinados eixos estruturais referentes ao tema da Gravidez na Adolescência, Relações de Gênero, Escola e Professores,

---

<sup>4</sup>O público do Ensino Fundamental II abrange os anos de ensino dos sextos aos nonos anos, com faixa etária entre os 11 aos 14 anos, considerando os casos de distorção idade-série.

<sup>5</sup>Nenhum dos alunos citados estavam vivendo no presente momento uma gravidez adolescente.

Canais de Informação e Vida Adolescente. As Oficinas Pedagógicas foram divididas em quatro oficinas com os seguintes eixos temáticos: Estigmas e Contrapontos da Gravidez na Adolescência; Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência; Ser Adolescente; e Onde buscar informações.

O campo de estudo selecionado foi uma escola pública estadual, que se situa na cidade de Cachoeiras de Macacu. Vale mencionar que foi minha vivência nessa escola, que literalmente levou-me a possibilidade de pesquisas na área de gênero e sexualidade, tendo iniciado essa jornada com assuntos direcionados para Educação Sexual na escola.

Com o intuito de evitar o excesso de naturalização com o campo de investigação, optou-se em desenvolver o estudo em turmas na qual, o pesquisador não lecionasse. Como o assunto da Gravidez na Adolescência pode ser considerado uma demanda emergencial no ambiente escolar, a partir das percepções das alunas e alunos sobre o tema, este colégio torna-se um lugar propício para esse movimento de diálogos e reflexões no “chão” da escola. A escolha da investigação do tema Gravidez na Adolescência, relacionado aos estudos de gênero dentro de um contexto escolar, justifica-se como resultado de minha formação em serviço nesta escola.

Assim, faço uso do movimento defendido pela professora Suelen Siqueira Júlio (2017, p.15) do Colégio Pedro II e pesquisadora da área de gênero, que parafraseia André Chervel (1990), estudioso da história das disciplinas escolares, que corrobora pesquisas na escola a partir das experiências da formação docente em serviço:

Há algumas décadas, a escola vem sendo reconhecida como espaço de produção de conhecimentos – e não apenas de reprodução do que é criado nas universidades. Desse modo, defendo que escrever a partir da vivência no cotidiano escolar, longe de ser algo menor ou ilegítimo, é uma forma interessante de levantar e discutir questões sociais maiores que perpassam nossa experiência na área da Educação.

Enquanto professor da Educação Básica e pesquisador, sinto-me na condição de aprendiz e colaborador nas reflexões sobre educação em nossa atualidade, indo em contrapartida ao posicionamento inerte quanto às reverberações da nossa realidade escolar. Refuto a condição de apenas matéria-prima nesse processo, mas retomo um “movimento de ponte” entre a Academia e a Escola. Uma

vez diante do tema da Gravidez na Adolescência na escola, vejo e reconheço que minha formação em Ciências Biológicas não me deu subsídios para abordagem do assunto além dos discursos da “Reprodução Humana”. Não vivenciei debates sobre Gravidez na Adolescência, aborto ou sexualidade na graduação. Outro ponto que destaco abrange minha orientação sexual, visto que sou professor gay assumido na escola. Quando eu era um adolescente gay, lembro-me que as discussões sobre Gravidez na Adolescência na escola sempre foram distantes para minha sexualidade, não me via naquele espaço, visto que, na época da escola e ainda hoje, eram e são mediadas sob a ótica da “Reprodução Humana” e não sexual. A temática da reprodução humana apoia-se em assuntos como concepção, anatomia dos órgãos sexuais e os métodos contraceptivos. Em contrapartida, uma abordagem voltada para a reprodução sexual, pode permitir reflexões sobre as sexualidades em formação dos sujeitos (HEILBORN, 2006).

Por isso, a construção deste estudo exigiu um movimento de desconstrução dos meus próprios referenciais de formação acadêmica inicial, profissional e de vida. Além de um constante exercício de distanciamento, porém ciente de que a neutralidade de um pesquisador não parece ser um real possibilitado (BRANDÃO, 2018).

Apesar da pesquisa ter sido aplicada em minha escola de origem, a abordagem da temática neste lugar me reconfigurou para um novo olhar sobre esta escola e minha prática docente quanto ao tema do estudo. Uma ótica crítica de aproximação e distanciamento daquele lugar, ao mesmo tempo norteado pelo sentimento de estranhamento, pois meu posicionamento era de um pesquisador dos estudos de gênero naquele local que também era meu lugar de trabalho enquanto professor da Instituição. Essa experiência ressignificou minha vida profissional durante os sucessivos mergulhos na construção deste trabalho, seja nos referenciais teóricos, no campo e, sobretudo nisto, no contato direto com os adolescentes que aceitaram participar desta pesquisa.

As análises dos dados do campo permitiram a identificação de pontos relevantes para aprofundamento e reflexões ao longo do corpo da dissertação. O estudo encontra-se dividido em seis partes: Introdução, posteriormente segue o segundo capítulo abrangendo a metodologia deste trabalho.

O terceiro capítulo: “Sob a luz da Gravidez na Adolescência: sexualidades em construção”, apresenta discussões sobre os conceitos de Educação Sexual, Sexualidades, Gravidez na Adolescência e Percepções dos alunos associados aos dados produzidos no campo.

O quarto capítulo: “Razões para a Gravidez na Adolescência” fala sobre as percepções dos alunos sobre a ocorrência da gravidez neste período da vida.

O quinto capítulo: “A Gravidez das meninas e a Gravidez dos meninos”, apresenta reflexões sobre as relações de gênero que ocorrem durante a gravidez, com o desdobramento neste estudo de duas gravidezes distintas em formação. Além disso, aponta considerações sobre a relação da escola com o tema de estudo e as adolescências em formação do público em questão.

O último capítulo retoma as reflexões principais do estudo no tocante a Gravidez na Adolescência e as Relações de Gênero com os apontamentos gerados ao longo da pesquisa.

O presente estudo foi construído sem o desenvolvimento específico de um capítulo teórico, visto que as discussões se encontram fluídas ao longo do corpo da dissertação. Outro ponto relevante consiste na ausência de generalização dos apontamentos gerados pelos dados, pois este estudo apresenta uma diferença significativa na participação entre meninas e meninos (vinte e uma meninas e quatro meninos). Portanto, trata-se de um estudo de gênero, que foge do senso comum de comparação exclusiva entre os posicionamentos femininos e masculinos em seus “papéis” na sociedade. Entretanto, tenta visibilizar as percepções de alunos adolescentes na escola sobre o tema da Gravidez na Adolescência, sob o arcabouço teórico-metodológico dos estudos de gênero.

## 2. Revisão Bibliográfica e Caminho Metodológico

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como característica uma investigação voltada para as subjetividades, particularidades, especificidades e visões de mundo dos sujeitos do estudo. Como anunciado, esta pesquisa tem como proposta de trabalho buscar trazer à tona as percepções das alunas e dos alunos adolescentes quanto às relações de gênero no que se refere ao tema da Gravidez na Adolescência na escola. Para Minayo (2007, p.21), uma pesquisa qualitativa:

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Portanto, a metodologia selecionada estabelece uma relação com o objeto de estudo deste trabalho. Além da autora, o caminho metodológico deste estudo tenta dialogar com outros autores tidos como referência em pesquisas educacionais em nosso país, como Menga Lüdke e Marli E.D.A. André (2013, p.13), que apresentam algumas características da pesquisa qualitativa em educação, segundo pressupostos teóricos defendidos pelos autores Bogdan e Biklen (1982):

1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) Os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; 4) o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; 5) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

O desenvolvimento desse estudo deu-se dividido em três etapas: primeira, fase exploratória; segunda, trabalho de campo; e terceira, análise e tratamento dos dados, conforme os referenciais teóricos da autora Minayo (2007).

## 2.1. Fase Exploratória

A fase exploratória consistiu na observação do meio em questão: lugar/lugares, experiências que permitiram as indagações iniciais para o desejo de imersão no universo dessa pesquisa. O levantamento de hipóteses para determinada situação, seleção da questão norteadora do estudo, ou seja, o problema investigado, os referenciais teóricos que foram usados como “farol, lupa ou microscópio” nesse caminho e pesquisas anteriores que investigaram o tema. Essa fase exploratória pode ser observada parcialmente na introdução deste trabalho, visto que nesta pesquisa os referenciais teóricos não estão concentrados exclusivamente em um capítulo, mas diluídos ao longo do corpo da dissertação.

Nesta fase de estudo foi feito um mergulho contínuo em trabalhos anteriores sobre o tema. Isso deu-se através do processo exploratório mediado pela busca de pesquisas que contemplassem os seguintes recortes de estudo: gravidez na adolescência, gravidez na juventude, gravidez na escola e gravidez e gênero. Os trabalhos identificados e selecionados apresentaram desdobramentos em suas pesquisas, em dado momento, sobre a Gravidez na Adolescência sob a ótica dos estudos de gênero e com impacto na educação.

A origem para identificação dessas pesquisas originou-se através do acesso à Divisão de Bibliotecas e Documentação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (DBD PUC-RIO). Ela apresenta em seu sistema a possibilidade de uma pesquisa integrada associada ao portal da Capes, periódicos e livros eletrônicos e base de dados (BASE, RCAAP, Directory of Open Access Journals, Scielo, Networked Digital Library of Theses & Dissertations, Academic Search Complete, Academic Search Complete, Fuente Académica Premier, Complementary Index, Supplemental Index, MEDLINE Complete e Communication Source).

O marco teórico ocorreu no período de 1996 a 2017, sendo aquele ano inicial selecionado, pois trata-se da pedra fundamental de lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento que voga pela implementação de uma educação para a diversidade e orientação sexual de todas e todos na escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam estimular e defender a necessidade do aprofundamento das discussões em questões da realidade do nosso país que perpassam pela Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo.

Nesse período houve registro de pesquisas em Teses (quatro), Dissertações (vinte e uma) e Artigos (vinte e três) totalizando quarenta e oito trabalhos, que contemplaram a Revisão Bibliográfica deste estudo, ver Anexo 1. Segue-se abaixo, na Tabela 1, os dados quantitativos referentes às pesquisas encontradas no período entre 1996 e 2017:

Tabela 1: Teses, Dissertações e Artigos (1996-2017)

<b>Ano</b>	<b>Teses</b>	<b>Dissertações</b>	<b>Artigos</b>
2000	-	2	-
2001	-	2	-
2003	1	2	3
2004	1	2	-
2005	1	-	-
2006	-	-	3
2007	1	-	-
2008	-	-	2
2009	-	2	1
2010	-	4	-
2011	-	-	3
2012	-	1	2
2014	-	1	3
2015	-	3	2
2016	-	-	3
2017	-	2	1

Fonte ( Elaborada pelo autor)

Os anos 1996, 1997, 1998, 1999, 2002, 2005 e 2013 não foram mencionados no quadro acima, pois não apresentaram nenhum trabalho neste período, dentro da proposta temática deste estudo.

O levantamento bibliográfico apresentou a predominância da pesquisa qualitativa ao longo dos estudos. Dentre os quarenta e oito trabalhos analisados, trinta e nove foram construídos mediante uma abordagem que caracteriza as

pesquisas qualitativas. Quatro trabalhos apresentaram uma metodologia quantitativa e os três trabalhos restantes quali-quantitativos.

Dentre as pesquisas qualitativas, houve um número variado de possibilidades metodológicas. Seguem abaixo, na Tabela 2, as possibilidades utilizadas nas pesquisas:

Tabela 2: Possibilidades Metodológicas

<b>Possibilidades metodológicas</b>	<b>Quantitativo</b>
Entrevista Semi-estruturada	17
Estudo Etnográfico	6
Oficinas Pedagógicas	4
Estudo Exploratório Descritivo	3
Estudo Multicêntrico	2
Método Fenomenológico	2
Questionário e Grupo Focal	1
Produção de Material Didático	1
Estudo de Caso	1
Intervenção Psicoeducativa	1
História Oral	1

Fonte ( Elaborada pelo autor)

A variedade de recursos metodológicos apresentados na Revisão Bibliográfica contrasta-se com a escolha metodológica realizada neste presente estudo quanto aos instrumentos. Afinal, nesta pesquisa, foram usados questionários e oficinas pedagógicas como instrumentos de produção dos dados no campo, enquanto na Revisão Bibliográfica, a entrevista semi-estruturada foi selecionada com um maior número de trabalhos em comparação às oficinas pedagógicas. Em momento algum, este estudo desqualifica esse tipo de instrumento, mas para a compreensão das percepções dos alunos deste trabalho, a partir do referencial teórico e reverberações do cotidiano escolar, durante o exercício da docência em sala de aula, percebeu-se a necessidade de apoiar-se em instrumentos, que permitissem aos alunos um momento individual para produção de dados e outro coletivo junto aos seus pares. Por isso, justifica-se a escolha dos instrumentos defendidos neste estudo.

Durante o levantamento bibliográfico, uma variedade de temáticas, ver no Gráfico 1, sobre Gravidez na Adolescência emergiram no período de estudo.

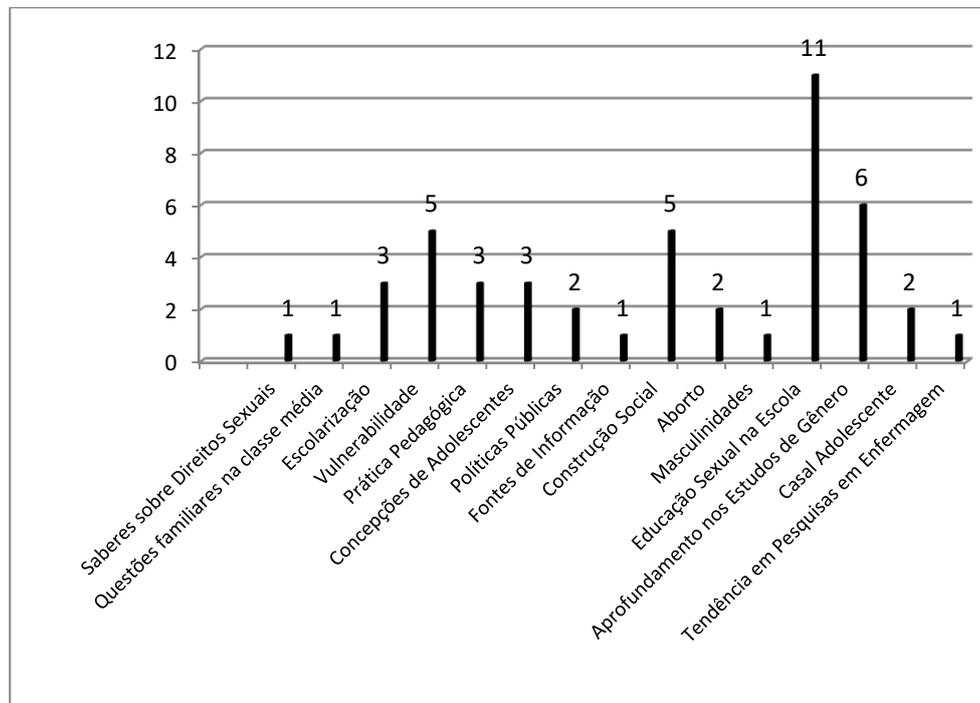


Gráfico 1: Temáticas verificadas ao longo do levantamento bibliográfico associada a Gravidez na Adolescência

A temática sobre Educação Sexual na escola apresentou maior quantitativo de estudos dentro de assuntos que perpassam pela Gravidez na Adolescência. Em segundo plano, apareceram pesquisas que remetiam ao aprofundamento

dos Estudos de Gênero, visto que não basta apenas explicitar os termos masculino e feminino nos estudos, para este ser de fato uma pesquisa sobre as relações de gênero.

O tema da Gravidez na Adolescência tem sido pesquisado por diversos pesquisadores com estudos que causam impacto na área educacional. Apesar disso, neste levantamento bibliográfico, foi percebida uma participação reduzida dos profissionais do magistério nesses estudos. O tema da Gravidez na Adolescência pode ser considerado um dos eixos da Educação Sexual, este assunto tem sido reivindicado através dos Parâmetros Curriculares Nacionais para abordagem nas escolas de forma interdisciplinar. Porém, nesta Revisão Bibliográfica, que foi realizada mediante um recorte nos estudos de gênero, apareceram apenas

colaborações nas respectivas áreas do conhecimento: Educação Física (dois); Ciências Biológicas (três); Pedagogia (três); Ciências Sociais (três); História (quatro) e Física (um). Todas as disciplinas deveriam estar desenvolvendo pesquisas sobre o tema. Onde estão as demais disciplinas? Por que não houve registro delas? Todas professoras e professores da escola tem condições para trabalhar o tema em suas aulas segundo suas formações?

Segue-se abaixo, no Gráfico 2, dados com as respectivas formações dos pesquisadores, que tiveram seus trabalhos revisitados na Revisão Bibliográfica:

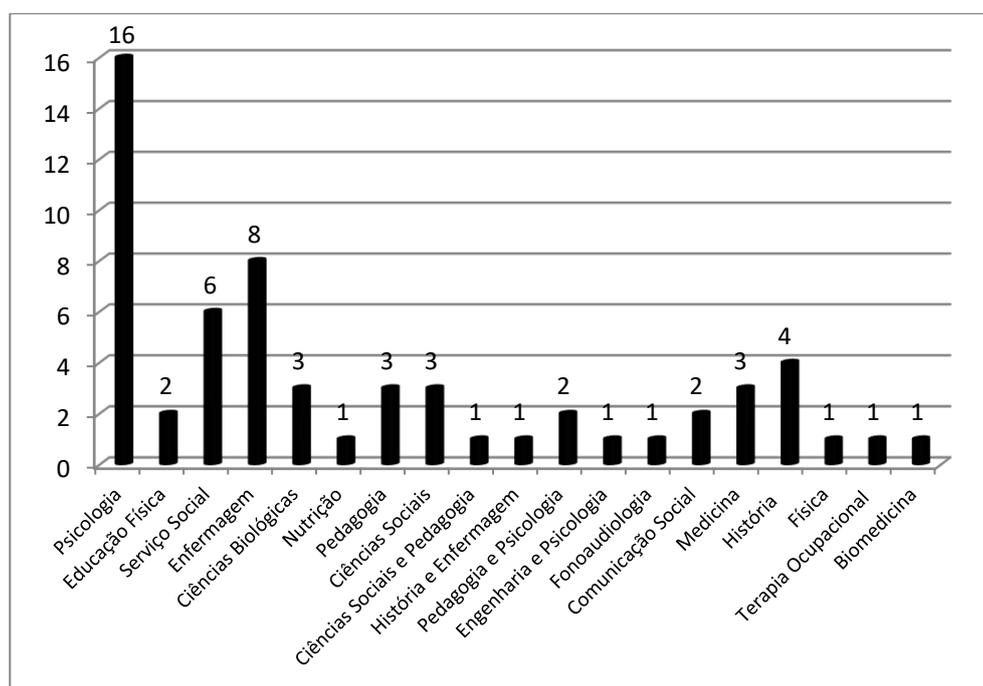


Gráfico 2: Pesquisadoras e Pesquisadores

A maioria dos trabalhos não se encontram ligados a pesquisas educacionais, sendo realizados principalmente por profissionais da área de saúde, com destaque para psicologia e enfermagem. Dentre os quarenta e oito trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores, trinta e sete foram direcionados para percepção dos adolescentes como objeto de estudo. A pesquisa presente também segue esse caminho para a construção de reflexão junto com os adolescentes sobre a Gravidez na Adolescência com aprofundamento nas relações de gênero. Entretanto, algo me chamou atenção na Revisão Bibliográfica, pois poucos estudos contemplaram a presença dos professores nessa discussão. Isso aconteceu apenas em seis trabalhos com os pesquisadores das seguintes áreas de formação: Ciências Biológicas (um),

Ciências Sociais junto com Pedagogia (um), Educação Física (dois), Ciências Sociais (um) e Serviço Social (um).

Apesar desse estudo não se voltar para a Formação Docente, as conclusões desta pesquisa apontam para a figura do professor como um referencial potencial nas reflexões sobre a Gravidez na Adolescência. Os dados deste campo, construídos pela Revisão Bibliográfica, apontam que os professores se tornam objetos de estudo nesse contexto quando investigados por outros professores. A única exceção aconteceu com uma pesquisa realizada por uma pesquisadora da área de Serviço Social. Essa realidade pode consistir em um dado importante, pois se percebe a ínfima participação de professores como objeto de estudo para os pesquisadores citados em questão, principalmente da área de saúde que, majoritariamente, realizaram estudos voltados para o público adolescente. O quadro apresenta mudanças quando professores se tornam pesquisadores, com estudos voltados para a formação docente. Portanto, a visibilidade dos professores enquanto objeto de estudo apontados pela Revisão Bibliográfica deu-se quando professores se tornaram pesquisadores de suas percepções no que tange a Gravidez na Adolescência.

O presente estudo foi realizado tendo como público alvo, as alunas e alunos dos nonos anos do Ensino Fundamental II. No levantamento bibliográfico, esse grupo representou uma parcela pouco estudada em comparação às demais esferas de pesquisa como no Ensino Médio ou em ambiente fora da escola. Além disso, vale ressaltar o registro de apenas um estudo no Ensino Superior. A Tabela 3 seguinte, apresenta informações sobre as esferas de ensino:

Tabela 3: Esferas de Ensino

<b>Esferas de Ensino</b>	<b>Quantitativo</b>
Fora do ambiente escolar	16
Ensino Médio	7
Ensino Fundamental II	5
Ensino Fundamental II e Médio	4
Ensino Médio e Técnico	1
Ensino Médio e Ensino Superior	1
Ensino Fundamental I e II	1
Ensino Fundamental II, Médio e Profissional	1
Fora do ambiente escolar e Fundamental II	1

Fonte ( Elaborada pelo autor)

A predominância de estudos voltados para o ambiente fora da escola configura-se na formação dos pesquisadores contemplados na Revisão Bibliográfica. A maioria dos estudos levantados sobre Gravidez na Adolescência foi realizado por profissionais da área de saúde, portanto o ambiente fora da escola deu-se em postos de saúde, maternidades e em suas próprias casas. No entanto, quando comparados o Ensino Médio e o Ensino Fundamental II, contrasta-se os resultados, sendo predominante os estudos voltados para o Ensino Médio.

Esta pesquisa busca trazer à tona reflexões sobre os estudos de gênero para uma escola pública, que se encontra na cidade de Cachoeiras de Macacu (RJ). Essa região localiza-se afastada da capital do Estado do Rio de Janeiro, mesmo com seu registro atual como Região Metropolitana. A questão apresentada no gráfico seguinte e nas Tabelas 4 e 5 abaixo, aponta para uma necessidade de ampliação de políticas públicas, com foco no investimento em pesquisas que contemplem também as regiões mais distantes dos grandes centros urbanos como o local de estudo. Visto que o Gráfico 3, aponta uma recorrência de pesquisas em regiões geográficas nas ou próximas às regiões centrais das grandes cidades.

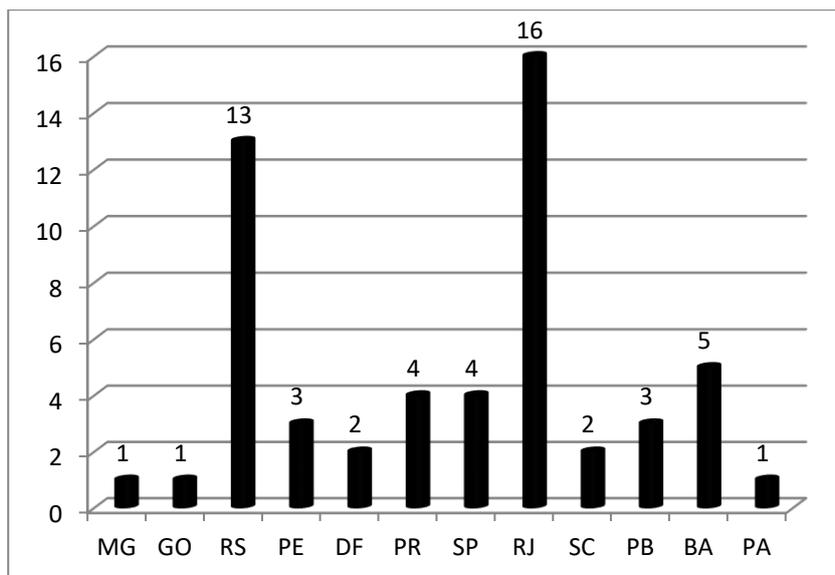


Gráfico 3: Distribuição Geográfica no Brasil

No gráfico, apenas onze Estados e o Distrito Federal demonstraram registro de estudos em seus territórios, entretanto nosso país apresenta em sua formação o quantitativo de vinte e seis estados. Onde estão os outros estados (quinze) nesses estudos? Por que as pesquisas não chegam em todos os lugares? Por que alguns lugares são “priorizados” em contrapartida a outros?

No Estado do Rio de Janeiro temos a seguinte realidade quanto aos registros de estudos voltados para a Gravidez na Adolescência apontado nas Tabelas 4 e 5:

Tabela 4: Distribuição Geográfica no Rio de Janeiro

Rio de Janeiro	Região Metropolitana com maior quantitativo de estudos
(Capital)	9
<b>Total</b>	<b>9</b>

Fonte: (elaborado pelo autor durante a Revisão Bibliográfica)

Tabela 5: Distribuição Geográfica no Rio de Janeiro

<b>Rio de Janeiro</b>	<b>Região Metropolitana com menor quantitativo de estudos</b>
Zona Oeste	3
Zona Norte	2
Zona Sul	2
<b>Total</b>	<b>7</b>

Fonte: (elaborado pelo autor durante a Revisão Bibliográfica)

O maior quantitativo de estudos encontra-se voltado para a capital associado às demais regiões da cidade do Rio de Janeiro. Não houve registro de nenhum trabalho levantado durante a Revisão Bibliográfica que fosse voltado diretamente para a Gravidez na Adolescência sob a ótica dos estudos de gênero em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro no período entre 1996 e 2017. Entretanto, a pesquisadora Angélica Vonk (2011) realizou um estudo sobre a vida afetiva-sexual dos adolescentes em uma escola pública no município de Silva Jardim, RJ. A pesquisa voltava-se para a vivência da experimentação sexual dos adolescentes mediante a visibilidade de uma reprodução direcionada para a sexualidade.

Esse fenômeno não significa que os Estados, que não apresentaram trabalhos registrados ou outras cidades do Rio de Janeiro, não apresentem interesse na abordagem do tema. Isso pode ser pensado através da prerrogativa dos investimentos em pesquisa, que acontecem nos grandes centros urbanos. Além disso, pode-se pensar na distribuição dos grupos de pesquisa nesses lugares. O Estado do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro apresentam maiores registros de estudo no tema devido ao histórico consolidado de pesquisas voltadas para o Estudo de Gênero e a Gravidez na Adolescência.

A pesquisadora Ana Hey (2008, p.17) aborda, em seu estudo, as relações de poder, que abrangem o espaço de produção acadêmica em educação superior no Brasil refletindo sobre “a lógica das lutas de concorrência nesse espaço”. Assim, podemos refletir sobre a possibilidade das disputas de poder no espaço acadêmico, que desencadeiam nos resultados da produção acadêmica.

## **2.2. Trabalho de Campo: campo em ascensão**

A fase do trabalho de campo relaciona-se com as atividades realizadas no próprio campo. O presente estudo tem como aporte uma abordagem direcionada para contemplação do campo de baixo para cima e não de cima para baixo. Isso quer dizer que as reflexões produzidas pelo referencial teórico funcionaram para nortear os instrumentos de pesquisa: questionários e oficinas pedagógicas, mas os dados produzidos no campo foram considerados fonte de produção de conhecimento, assim como as respectivas teorias norteadoras do estudo. Assim, desse modo, para as autoras Marli E. D. A. André e Menga Lüdke (2017, p.14):

Os pesquisadores não devem se preocupar em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados em um processo de baixo para cima.

A presente pesquisa volta-se para a construção dos seus dados, a partir dos achados do campo estudado, sendo evidenciada as percepções dos alunos sobre o tema da Gravidez na Adolescência

### **2.2.1. O campo de investigação**

A presente seção apresenta características do local de estudo através de algumas informações sobre a cidade de Cachoeiras de Macacu, como: os registros de Gravidez na Adolescência na região, diferenças nas relações de gênero quanto à escolaridade e ao trabalho na região de estudo.

### **2.2.2. Cachoeiras de Macacu**

A cidade de Cachoeiras de Macacu foi selecionada para desenvolvimento desta pesquisa porque, através do exercício docente nesta cidade, tive contato com meu objeto de estudo. Cachoeiras de Macacu apresenta uma população estimada em 56.290 habitantes, distribuídos em uma área total de 953,8 km<sup>2</sup>, correspondentes a 14,2% da Região Metropolitana. Cachoeiras de Macacu pertence à Região Metropolitana, que abrange os municípios de Rio de Janeiro, Duque de Caxias,

Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Rio Bonito, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá (TCE, 2016). Os mapas 1 e 2 abaixo representam as características geográficas do município de Cachoeiras de Macacu referente ao Estado e demais municípios vizinhos.



Mapa 1: Estado do Rio de Janeiro e Cachoeiras de Macacu. Fonte: Estudos Socioeconômicos do Estado do Rio de Janeiro, TCE, 2016.



exercício, com uma diferença salarial respectiva de aproximadamente 63,6%. A cidade segue liderando quanto às diferenças salariais entre os gêneros, seja em comparação as cidades próximas, seja o próprio Estado do Rio de Janeiro ou até mesmo o Brasil (ONU-HABITAT, 2012, p. 20):

Já no âmbito dos MIC, do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil, observamos defasagens salariais, entre a mão-de-obra feminina e masculina, menos acentuadas, tendo em vista que as respectivas remunerações médias femininas foram equivalentes a 80,3%, 82,2% e 84,4% das remunerações médias masculinas. Em 2010, observa-se que o diferencial de remuneração feminina em Cachoeiras de Macacu foi de 77,3%, enquanto que no conjunto dos MIC, no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil os resultados obtidos foram de 82,6%, 80,6% e 82,6%. Assim, nota-se que a remuneração média feminina apresenta-se substancialmente inferior à masculina, comparativamente às demais regiões em análise (conjunto dos MIC, no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil), apesar dessa defasagem ter se reduzido entre 2000 e 2010. Em relação aos demais municípios da área de influência do Comperj, verifica-se que Cachoeiras de Macacu ocupava, em 2000, a pior posição em termos de defasagem salarial entre mulheres e homens, evoluindo em 2010 para a segunda pior posição, atrás apenas de São Gonçalo. Cabe ainda destacar, de acordo com a meta de reduzir a defasagem salarial entre gêneros pela metade até 2012, que o município de Cachoeiras de Macacu deveria apresentar um hiato de renda entre homens e mulheres de no máximo 6,7%, no entanto, o município apresentou o resultado de 13,2%, ou seja, não atingiu a meta e piorou a disparidade.

Neste estudo sobre as relações de gênero é pertinente reconhecer, que o contexto socioeconômico no qual, os sujeitos da pesquisa inserem-se encontram-se impactados pela desigualdade de gênero referente a “divisão sexual do trabalho”. O termo “divisão sexual do trabalho” foi citado mediante a obra da autora Flávia Biroli (2018), que será aprofundado no capítulo quatro deste estudo.

#### **2.2.4. Gravidez na Adolescência em Cachoeiras de Macacu (SINASC)**

O SINASC funciona como um sistema de dados para o registro de nascimento em nosso país. Ele foi implantado oficialmente em todo território nacional em 1990. No estado do Rio de Janeiro, o processo iniciou-se em 1994. Os dados do SINASC foram utilizados para procurar mapear os casos de Gravidez na Adolescência em Cachoeiras de Macacu. As tabelas abaixo, apresentam

informações sobre registros de Gravidez na Adolescência, na cidade de Cachoeiras de Macacu no período entre 2010 a 2016. A faixa etária na tabela 6 abrange adolescentes grávidas entre os dez a catorze anos de idade. A tabela 7 abrange adolescentes grávidas entre os quinze e dezenove anos de idade.

Tabela 6: Casos de Gravidez na Adolescência em Cachoeiras de Macacu

(Idade 10 a 14 anos)

Ano	Quantitativo
2016	9
2015	6
2014	11
2013	11
2012	3
2011	10
2010	2

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao sistema -SINASC-Dados de 2010-2016)

Tabela 7: Casos de Gravidez na Adolescência em Cachoeiras de Macacu

(Idade 15 a 19 anos)

Ano	Quantitativo
2016	139
2015	192
2014	168
2013	173
2012	147
2011	162
2010	146

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao sistema -SINASC- Dados de 2010-2016)

Os registros acima corroboram que existe um aumento significativo de casos de Gravidez na Adolescência, a partir dos quinze anos de idade. Essa faixa etária contempla os estudantes do presente estudo. No Rio de Janeiro (capital), seguem abaixo os respectivos valores, nas tabelas 8 e 9, referente a registros de Gravidez na Adolescência:

Tabela 8: Casos de Gravidez na Adolescência em Rio de Janeiro (capital)

(Idade 10 a 14 anos)

Ano	Quantitativo
2016	566
2015	645
2014	689
2013	675
2012	665
2011	653
2010	642

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao sistema -SINASC- Dados de 2010-2016)

Tabela 9: Casos de Gravidez na Adolescência em Rio de Janeiro (capital)

(Idade 15 a 19 anos)

Ano	Quantitativo
2016	11.816
2015	13.202
2014	13.642
2013	13.685
2012	13.649
2011	13.404
2010	12.756

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao sistema -SINASC- Dados de 2010-2016)

A Gravidez na Adolescência no Rio de Janeiro (capital) apresenta um aumento em seus registros, a partir dos quinze anos de idade. Da mesma maneira, também ocorre aumento em Cachoeiras de Macacu. No Brasil, tem sido registrada uma queda nas taxas de Gravidez na Adolescência. O Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) apresenta que entre os anos 2000 a 2016, o número de casos de Gravidez na Adolescência teve uma queda no valor de 33% em nosso país. Com outras palavras, o valor inicial teve uma redução, indo de 750.537 nascimentos para 501.385 nascimentos. Em 2017 e 2018, foram computados dados preliminares do SINASC, apresentando o quantitativo de 480.211 nascimentos em 2017 e 394.717 nascimentos em 2018 em adolescentes (faixa etária de 10 a 19 anos de

idade)<sup>6</sup>. Apesar dos valores acentuados, percebe-se uma queda ao longo do tempo nos casos de Gravidez na Adolescência (MS, 2019).

### **2.2.5. Ensino Fundamental**

A presente pesquisa selecionou o Ensino Fundamental II como campo de estudo porque, através das experiências que vivenciei nessa esfera de ensino, surgiram as primeiras indagações sobre o tema da Gravidez na Adolescência e Relações de Gênero como estímulo para investimento em pesquisas educacionais. No ano de 2006, através da Lei nº. 11.274, houve alterações na estrutura do Ensino Fundamental mediante a mudança dos artigos 29, 30, 32 e 87 na Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica, 9.394/96, sendo com isso levado à duração de nove anos o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória e ensino gratuito, a partir dos seis anos de idade. O Ensino Fundamental, de acordo com o artigo 32 da LDB (BRASIL,1996) tem como objetivo a formação básica dos alunos para a vida em sociedade:

I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo; II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;

### **2.2.6. Ensino Fundamental em Cachoeiras de Macacu**

O Ensino Básico (Infantil, Fundamental e Médio) de Cachoeiras de Macacu teve 10.968 alunos matriculados no ano de 2018. Na tabela 10, pode-se verificar o quantitativo de alunos matriculados na Educação Básica na cidade.

---

<sup>6</sup> Os dados apresentados foram levantados a partir de informações do Ministério da Saúde e do SINASC sobre o índice de Gravidez na Adolescência em nosso país. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/gravidez-na-adolescencia/noticias/2019/03/ministerio-da-saude-faz-levantamento-inedito-para-acompanhar-gravidez-em-escolares> Acesso em 03/04/2019

Tabela 10: Alunos matriculados na Educação Básica em Cachoeiras de Macacu (2018)

<b>Ano</b>	<b>Pré-escolar</b>	<b>Ensino Fundamental</b>	<b>Ensino Médio</b>
2018	1.500	7.586	1.882

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao IBGE / 2018)

A maioria dos estudantes encontram-se no ensino fundamental. Entretanto, quando se discrimina para os anos finais do Ensino Fundamental (sexto, sétimo, oitavo e nono), apresentam-se outros valores como descrito abaixo na Tabela 11.

Tabela 11: Alunos matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental II em Cachoeiras de Macacu (2018)

<b>Ano de Ensino</b>	<b>Quantitativo</b>
6º	997
7º	855
8º	740
9º	626

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao INEP / 2018)

Os dados apresentam um valor de 3.218 alunos matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental, com redução no quantitativo de alunos que frequentam os anos finais do Ensino Fundamental II. Não foram encontradas informações disponíveis no site do IBGE ou INEP, discriminando características específicas sobre cada ano de ensino e dos alunos matriculados em relação ao gênero correspondente.

No site do Inep (2018), consta-se uma informação em relação ao quantitativo geral de estudantes no ensino fundamental II, sendo apontados entre os 3.218 alunos, 1.600 alunos do sexo feminino e 1.618 alunos do sexo masculino. Essa informação pode ser comparada com o número de alunos matriculados no

ensino médio do mesmo ano, que juntos representam um valor total de 1.882 alunos matriculados. Entre esses alunos, têm-se 1.014 alunos do sexo feminino e 868 alunos do sexo masculino, ou seja, percebe-se ainda que de uma forma geral, há uma redução na permanência dos meninos na escola em comparação às meninas.

Apesar disso, estudos realizados pelo Monitoramento de Indicadores Socioeconômicos nos Municípios do entorno do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro, em 2010, apontam para uma diferença nas relações de gênero entre os alunos, no que tange aos seus respectivos processos de escolarização nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio. Quando se analisa de forma associada os dados do Ensino Fundamental quanto os relativos ao Ensino Médio, entre os alunos matriculados e os concluintes, pode-se identificar um processo de diferença entre os jovens do sexo masculino quanto a sua escolarização (não do acesso à escola, mas sim da permanência e do término dos seus estudos) em comparação ao feminino.

As tabelas 12 e 13 foram formuladas a partir dos parâmetros de análise do MIC, onde as taxas acima de 100% correspondem a uma preponderância de meninos, enquanto as taxas abaixo de 100% indicam a preponderância de meninas. Em Cachoeiras de Macacu, a taxa de gênero dos matriculados no ensino fundamental, em 2010, foi de 105,22%, enquanto a dos concluintes dessa etapa de ensino foi de 66,51%.

Tabela 12: Taxa de Gênero nas matrículas - Ensino Fundamental em Cachoeiras de Macacu, 2010

<b>Ano de Escolaridade</b>	<b>Homens Matriculados</b>	<b>Mulheres Matriculadas</b>	<b>Indicador</b>
1º	462	412	112,14%
2º	540	461	117,14%
3º	620	525	118,10%
4º	576	539	106,86 %
5º	577	570	101,23%
6º	668	571	116,99%
7º	538	536	100,37%
8º	365	445	82,02%
9º	334	389	85,86%
<b>Total de Alunos</b>	4.680	4.448	105,22%

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao MIC / 2010)

A partir dos parâmetros de análise do MIC, percebe-se uma redução dos alunos do sexo masculino ao longo do Ensino Fundamental II. Já no Ensino Médio, a taxa entre os matriculados foi de 62,71% e entre os concluintes foi de 42,38%.

Tabela 13: Taxa de Gênero nas matrículas – Ensino Médio em Cachoeiras de Macacu, 2010

<b>Ano de escolaridade</b>	<b>Homens matriculados</b>	<b>Mulheres Matriculadas</b>	<b>Indicador</b>
1º	411	515	79,81%
2º	214	354	60,45%
3º	142	354	40,11%
<b>Total de Alunos</b>	767	1223	62,71%

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do acesso ao MIC / 2010)

Mesmo não sendo um estudo sobre Ensino Médio, as informações podem ser consideradas relevantes como constatação sobre a ausência de continuidade dos estudos na educação básica entre os meninos. Os dados apontam que esse acontecimento se inicia nos anos finais do Ensino Fundamental II. Apesar da ausência de dados atuais sobre essa hipótese, percebe-se um histórico de diferença no processo de escolarização no que tange a permanência dos alunos do sexo masculino na escola ao longo da educação básica em comparação às meninas.

As informações apresentadas sobre o município referentes à diferença salarial entre homens e mulheres na região em comparação às demais cidades e dados sobre a redução da presença e permanência dos alunos (sexo masculino) na escola corroboram um histórico de desigualdades nas relações de gênero na cidade de Cachoeiras de Macacu. Portanto, torna-se relevante esta presente pesquisa, assim como outros estudos de gênero na cidade.

#### **2.2.8. A Escola “X”**

A escola foi nomeada como Escola “X” como forma de preservação de sua identidade. O “X” abrange uma característica nos estudos de gênero, enquanto referência fluida às identidades em questão, por isso acabou sendo usado para o nome da escola. No ano de 2018, a escola apresentava, em seu quantitativo de alunos, 693 estudantes distribuídos em vinte e uma turmas. A Escola X funciona em dois turnos, manhã e tarde, atendendo apenas alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. Na região, há mais de vinte anos, esse lugar acaba sendo apontado como um rito de passagem entre as gerações, pois muitos alunos da atualidade tiveram seus responsáveis estudando no mesmo espaço.

### **2. 3. Instrumentos metodológicos**

Os instrumentos metodológicos foram construídos mediante o aprofundamento na Revisão Bibliográfica e referencial teórico sobre Gravidez na Adolescência, Estudos de Gênero e Adolescência. A proposta metodológica volta-se para dois instrumentos, sendo o primeiro momento com o uso de questionários com perguntas abertas e o segundo com oficinas pedagógicas.

### 2.3.1. Questionários

Os instrumentos metodológicos neste estudo foram construídos a partir da utilização de questionários com perguntas abertas e de Oficinas Pedagógicas. Ambos instrumentos foram elaborados através da Revisão Bibliográfica, ver Anexo 1, gerada na fase exploratória da pesquisa.

O desenvolvimento dos questionários, ver Anexo 2, contemplou as discussões sobre a Gravidez na Adolescência sobre as relações de gênero, segundo os referenciais da Revisão Bibliográfica deste estudo. As perguntas foram construídas com o objetivo de trazer à tona percepções dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência, porém também permitindo suas reflexões ao longo desta primeira etapa da pesquisa. O propósito não foi definido apenas com o intuito de uma produção de dados, mas sim permitir a esses alunos momentos de reflexões/inquietações/intervenções em seus pensamentos sobre o assunto. As perguntas foram elaboradas de forma aberta, com uma formulação clara e objetiva como forma de contemplação das especificidades nas respostas dos alunos, visto que se trata de uma pesquisa qualitativa (LUNA, 1997). De uma forma geral, os questionários apresentaram seis eixos temáticos de construção: imersão das percepções dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência; colocar cada aluno no lugar daquela situação, visto que nenhum deles estava vivendo a realidade direta de uma Gravidez na Adolescência nesse período<sup>7</sup>; revisitar o papel da escola nessas discussões e das respectivas professoras e professores nesse processo; verificar quais canais de informações são usados para busca sobre assuntos que perpassam pela Gravidez na Adolescência; o papel da família nesse canal de informação; o que gostam de fazer no cotidiano e seus projetos de vida

### 2.3.2. Oficinas Pedagógicas

O primeiro material de leitura usado nas Oficinas Pedagógicas tratou-se dos estudos realizados na tese intitulada “Entre o Desejo e o Medo: Oficinas de

---

<sup>7</sup>Uma das prerrogativas dos estudos de gênero e interculturalidade é colocar-se no lugar do outro. Lembrando que existem várias outras e outros vivendo diferentes vivências em suas vidas.

Trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes” da pesquisadora Marta Araújo Amaral (2005). A autora usa as Oficinas como forma de coleta de dados defendendo esse recurso como prática pedagógica relevante para desenvolvimento com as/os adolescentes, visto que pode gerar em seus participantes, momentos de reflexão, dinamismo, expressão e transformação de visões de mundo.

As reverberações das Oficinas Pedagógicas são classificadas em quatro dimensões: ver, saber, comprometer-se e celebrar (CANDAU et al., 2013). A primeira dimensão (ver) trata-se no respeito as vivências dos sujeitos envolvidos no processo; a segunda dimensão (saber) aborda a possibilidade do aprofundamento do conhecimento oriundo das trocas geradas ao longo do processo. Já a terceira dimensão (comprometer-se) fala sobre as mudanças geradas a partir da obtenção dos novos conhecimentos, ou seja, os participantes do processo encontram-se em uma nova possibilidade de posicionamento na vida. Por fim, a quarta dimensão (celebrar) aponta para o regozijo produzido pelo processo de ensino-aprendizagem.

### **2.3.3. Pedagogia da Imagem**

Dentro da proposta das Oficinas Pedagógicas como instrumento para produção de dados e intervenção na escola, o uso de imagens no processo fez parte da construção da metodologia. O termo “Pedagogia da Imagem” referido nesta seção deu-se através do estudo realizado pelo pesquisador Jorge Vasconcelos (2008), que aprofunda o significado das imagens enquanto possibilidade de impacto na sociedade mediante seu simbolismo e movimento. O recurso da utilização de imagens na escola pode ser usado como forma de proporcionar reflexões e estímulos nos processos de construção do conhecimento. As autoras Luciana Coutinho e Luciana Lheman (2012, p.2) aplicaram Oficinas Pedagógicas usando imagens ao longo das dinâmicas, pois defendem que essa metodologia permite momentos de sensibilização e comunicação entre os adolescentes. Elas justificam a escolha dessa estratégia mediante:

o enorme poder de mobilização que as imagens têm na sociedade atual, complexa e múltipla, onde domina uma cultura eminentemente visual. Estamos-nos referindo aqui à imagem em um sentido amplo, que envolve aquilo que é objeto do olhar, seja diretamente ou indiretamente, através da elaboração mental do que é percebido pela visão ou mesmo através de um recurso tecnológico. Além disso, estamos falando de um país, o Brasil, e mais especificamente do segmento jovem brasileiro, em que a corporeidade – e, portanto, também a imagem corporal – é um instrumento de comunicação, visibilidade, percepção do outro e de si próprio, que é reconhecido e valorizado socialmente.

O autor Alexandre Pereira (2013) aponta, em sua tese, o uso de imagens como forma de percepção das subjetividades dos sujeitos e visibilidade das vozes silenciadas dos participantes do processo em questão.

As Oficinas Pedagógicas foram realizadas nos dias 18 e 19 de outubro de 2018 no contraturno escolar. Elas aconteceram na sala de vídeo da escola, ambiente confortável, com ar-condicionado, TV para uso dos vídeos e privacidade. A sala foi organizada de forma intimista, em formato circular, gerando aproximação física dos participantes. Em determinado momento, as alunas e alunos foram divididos em dois grupos, que compartilhavam discussões entre si e, posteriormente, com o coletivo presente. Cada Oficina teve duração aproximada de uma hora, sendo realizada duas em cada dia, resultando, no final, quatro Oficinas com duração aproximada de quatro horas no total. A proposta de realização das Oficinas foi anunciada desde o início do projeto para os estudantes participantes. Inclusive, esta etapa da pesquisa também estava discriminada nos termos de consentimento e assentimento para participação. Assim, como na aplicação dos questionários, a decisão para colaboração nas Oficinas não foi imposta como algo obrigatório. A presença e participação das alunas e dos alunos eram livres, mas com uma diferença, pois enquanto nos questionários os participantes respondiam de forma anônima, nas Oficinas as reflexões seriam construídas face a face. Nesta etapa participaram da pesquisa catorze alunos no primeiro dia e treze no segundo.

#### **2.3.4. Entrada no Campo**

A entrada no campo trouxe-me outras questões norteadoras para a construção e desenvolvimento deste trabalho. Ao longo do mês de maio, visitei os

nonos anos de ensino, apresentando informações referentes ao estudo em questão. O total de alunos dessas turmas aproximavam-se de cento e vinte estudantes. Inicialmente, eu tinha expectativas promissoras quanto a participação massiva dos alunos, pois durante a apresentação da pesquisa, apontei que estavam tendo a oportunidade de discutir na escola como a Gravidez na Adolescência encontra-se percebida por eles. Vale destacar que falei no momento que este assunto viria atrelado a questões que atravessam reflexões sobre sexualidades. Também mencionei que a pesquisa estava dividida em duas etapas: primeira, com o uso de questionários, ver Anexo 2 (o anonimato seria usado neste instrumento, cada aluno colocaria apenas, seu gênero, idade, tempo na escola, cor da pele e religião, não sendo identificados de forma direta), e Oficinas Pedagógicas sobre o tema (dinâmicas com a participação física dos estudantes). Para minha surpresa, dos cento e vinte alunos das quatro turmas visitadas, apenas vinte e cinco estudantes demonstraram interesse em participar do estudo, isso em relação aos questionários. Destes, catorze estudantes participaram das Oficinas Pedagógicas. Esse dado inicial chamou-me atenção, pois esperava um quórum significativo de alunos interessados no tema, que perpassa pelo aprendizado da sexualidade. Outro ponto interessante que me gerou reflexões foi a diferença na participação das meninas e dos meninos na pesquisa. Para os questionários, participaram vinte e uma alunas, em contrapartida houve participação de somente quatro meninos. Nas Oficinas Pedagógicas, participaram no primeiro dia: catorze alunos (doze meninas e dois meninos) e no segundo dia: treze alunos (onze meninas e dois meninos). Os participantes levaram para seus respectivos responsáveis os termos de consentimento livre esclarecido (e assentimento para participação neste trabalho), ver Anexo 3 e 4. Houve também autorização da escola para elaboração do estudo, ver Anexo 5, e da professora que esteve presente nas aulas durante a aplicação dos questionários, ver Anexo 6. A pesquisa teve seu projeto aprovado pela Instituição deste Programa de estudos, ver Anexo 7. Logo, o campo mostrou-me três apontamentos iniciais que me levaram às seguintes indagações: o que pode ter levado a participação ínfima destes alunos em uma pesquisa, que tenta dialogar sobre a Gravidez na Adolescência, segundo as percepções deles sobre o tema? A participação nos questionários permitiu aos estudantes a omissão de sua identificação em comparação às Oficinas Pedagógicas, que exigia dos alunos sua participação direta e ao vivo com os demais estudantes. Será que esse momento de

diálogo em grupo ofertado pelas Oficinas inibiu os estudantes a participarem delas, tendo em vista que nas Oficinas houve redução de 40% na participação dos alunos? O ponto principal que destaco aborda a participação em massa das alunas em contraponto aos alunos. Por que esse fenômeno aconteceu ao longo do processo? Afinal, ambos foram convidados para participação nesta pesquisa.

A participação massiva das meninas, em comparação aos meninos, também ocorreu no estudo sobre Educação sexual e sexualidades na escola, realizado pela pesquisadora Helena Altman (2005). Uma das hipóteses levantadas pela autora, tratava-se que os meninos percebiam o tema em questão como um assunto para “as meninas”.

Com o destaque participativo significativo das alunas em comparação aos alunos nesta pesquisa, a partir deste ponto do estudo, irei privilegiar no texto que se segue um movimento voltado para visibilizar as pesquisadoras usadas como referencial teórico neste estudo. Esse movimento tende a ir contra os desígnios da ABNT, em relação ao seu padrão de citações para autoras e autores. Esse último posicionamento faz aporte teórico-metodológico, referente ao direcionamento descrito pela pesquisadora Raquel Pinho (2018) em sua tese de Doutorado. Nesse estudo, ela desmonopolizou o uso tradicional das citações das normas das autoras e autores. Uma vez mencionados, o texto da pesquisa apresentava o nome e sobrenome de cada um, ou seja, ao invés da escrita usar o termo CANDAU foi escrito Vera Candau ou FREIRE, Paulo Freire. Ao longo da leitura dessa Tese, senti-me reconfigurado mentalmente, pois muitas autoras mulheres contempladas com seu nome e sobrenome receberam legitimação quanto à presença feminina no campo das pesquisas. Isso ficava oculto na escrita padrão imposta pela ABNT, por isso esse formato estará sendo usado, a partir deste momento na escrita do texto. Tal postura emerge como consequência dos estudos de gênero em minha formação, que lutam por um mundo com oportunidades iguais para todas e todos. Além disso, essa proposta excede a padronização do binarismo dos gêneros usados nas pesquisas. Portanto, a visibilidade do nome dos referidos pesquisadores acaba ficando em evidência permitindo, que as próprias identidades de gênero sejam legitimadas pela sua existência nesse espaço.

No primeiro dia, doze meninas e dois meninos participaram das Oficinas Pedagógicas. Já no segundo dia, onze meninas e dois meninos fizeram parte das Oficinas restantes. Elas foram registradas através de áudio-gravação e material produzido ao longo dos debates.



Figura 1: Espaço das Oficinas



Figura 2: Espaço das Oficinas



Figura 3: Espaço das Oficinas

A Oficina Pedagógica foi iniciada com o mediador destacando os debates, que se seguiriam ao longo das Oficinas seriam realizados sem juízo de valor, ou seja, o objetivo não era apontar o que pode ser considerado certo ou errado, mas sim junto com o grupo refletir sobre cada assunto. Foi dito para que o grupo ficasse à vontade, pois aquele espaço estava disponível para que falassem o que quisessem, afinal sua privacidade estava resguardada pelos termos de participação no estudo. Diante disso, foram anunciados os respectivos temas de cada Oficina:

- Oficina I: Estigmas e contrapontos da Gravidez na Adolescência;
- Oficina II: Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência;
- Oficina III: Ser Adolescente;
- Oficina IV: Onde buscar informações.

Vale apontar que as alunas e alunos, de imediato, indagavam sobre a possibilidade de conversarmos apenas sobre métodos contraceptivos, visto que o tema Gravidez na Adolescência encontra-se na pauta dos assuntos que perpassam pela Educação Sexual. O grupo foi avisado, a partir disso, que o propósito das Oficinas era refletirmos juntos sobre a Gravidez na Adolescência mediante outros olhares norteados pelas relações sociais, que estão impregnados no processo.

### 2.3.5. Oficina Pedagógica I: Estigmas e contrapontos da Gravidez na Adolescência

A primeira Oficina, Estigmas e contrapontos da Gravidez na Adolescência, aborda os estigmas e contrapontos da gravidez na adolescência. Para tal processo, foram apresentados os conceitos de estigmas e contrapontos aos alunos sendo contextualizados com exemplos do cotidiano, que pode ser visto abaixo, na Tabela 14. A partir disso, deu-se início à Oficina. Cada aluna e aluno recebeu um bilhete, que armazenava um estigma e um contraponto. Uma vez com o bilhete<sup>8</sup> em mãos, as alunas e alunos liam em voz alta cada palavra. A cada palavra lida, elas eram registradas no quadro branco para posteriores discussões sobre o assunto. Alguns eixos norteadores estavam presentes ao longo da mediação da Oficina como: O que vocês pensam sobre isso? Concordam? Discordam? Todas as situações são assim?

Tabela 14: Estigmas e Contrapontos da Gravidez na Adolescência

Estigmas	Contrapontos
Preconceito	Amadurecimento
Abandono escolar	Desejo como projeto de vida
Redução de padrão de vida	Liberdade
Conflitos familiares	Prazer
Risco à saúde	Aproximação dos jovens com a família
Insuficiência de maturidade	Busca como alternativa para sair de casa
Pai adolescente não se envolve no processo	
Pobreza	

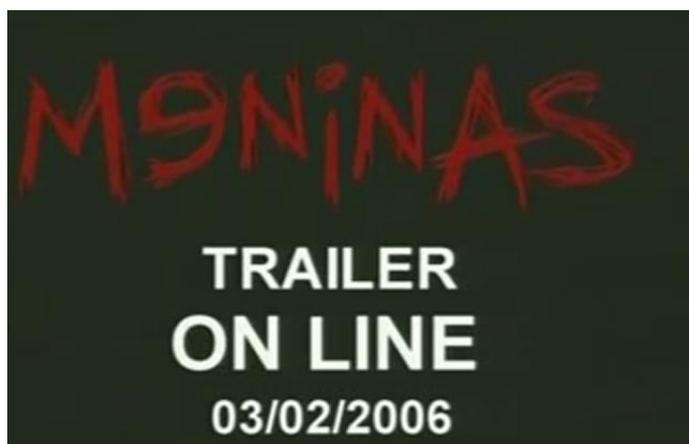
Fonte (Elaborada pelo autor)

A segunda etapa da Primeira Oficina abrange a análise de imagens, que apresentam estigmas e contrapontos da Gravidez na Adolescência. Os estudantes foram divididos em dois grupos, no qual cada grupo apontava o que cada imagem estava representando, segundo suas análises mediante os recursos discutidos ao longo da Oficina. Enquanto as alunas e alunos iam descrevendo suas percepções,

<sup>8</sup>O uso dos bilhetes está associado ao fenômeno das Redes Sociais: É verdade esse “biletete”, assunto muito falado pelas adolescentes na escola.

os debates foram sendo construídos entre os grupos. Os estudantes registraram nas imagens (E) para estigma e (C) para contraponto. As imagens foram selecionadas a partir das características dos estigmas e contrapontos da gravidez na adolescência, frutos da Revisão Bibliográfica. As imagens podem ser visualizadas no Anexo 8. No final da Oficina I, foi apresentado um trecho do documentário: “Meninas”, vídeo 1, que permitiu uma nova retomada nas reflexões sobre os estigmas e contrapontos em relação a Gravidez na Adolescência.

Vídeo 1: Documentário “Meninas”



Fonte: (elaborada pelo autor, a partir do acesso ao Documentário “Meninas”<sup>9</sup>).

A primeira oficina pedagógica foi encerrada com uma roda de debates, a partir de discussões sobre alguns trechos do documentário.

### **2.3.6. Oficina II: Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência**

O carro-chefe deste trabalho abrange os estudos de gênero com recorte sobre a Gravidez na Adolescência, portanto a segunda Oficina Pedagógica: Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência, tem como finalidade apontar como esse processo manifesta-se através das percepções das alunas e alunos envolvidos nesta pesquisa. A Oficina apresentou algumas questões norteadoras ao longo de sua

<sup>9</sup>Documentário: “Meninas”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aXcUDO6CcnQ>. Acesso em 20/08/2018

realização como: A sociedade é igual para meninas e meninos? Quem constrói esses comportamentos? Eles devem ser rígidos ou flexíveis? Isso pode ser mudado?

Para tal atividade, as dinâmicas da Oficina foram divididas em três momentos: debates sobre casos reais, dinâmica dos balões-vivos (Os jargões nossos de cada dia) e ficha comportamental dos gêneros.

Após a apresentação para o grupo dos objetivos da Oficina, neste primeiro momento, foram divididos em dois grupos com cada grupo recebendo um caso da vida real e o mediador da Oficina outro, ou seja, para tal atividade foi apresentado três casos da vida real para debate, ver Anexo 9. Cada caso foi lido e, posteriormente, seguiram-se os debates.

O segundo momento da Oficina Pedagógica começou com a entrega de um balão para cada aluno. Nisso, os participantes enchiam o balão até ele estourar. Posteriormente, liam as palavras encontradas nos seus respectivos balões. As palavras representam os jargões, ver Anexo 10, usados em nosso cotidiano, ou seja, expressões que nesse caso foram selecionadas, pensando-se nas relações de gênero do dia a dia. O conceito de jargão foi apresentado ao grupo. Após isso, os alunos foram divididos em dois grupos, tendo cada grupo recebido duas tabelas, ver Anexo 11, para serem preenchidas com as respectivas palavras encontradas nos balões. Estas foram completadas segundo suas percepções de jargões usados voltados para o feminino/ masculino ou ambos.

No terceiro momento da Oficina, os alunos foram apresentados à Ficha Comportamental (listagem com comportamentos diversos associados aos gêneros), ver Anexo 12. Este documento retrata comportamentos que acontecem no cotidiano, que são relacionados ao feminino ou ao masculino. A proposta da oficina consiste que cada grupo selecione, na tabela, os comportamentos de acordo com seus critérios sobre um comportamento associado ao feminino ou masculino. Posteriormente, as respostas foram sendo debatidos pelos grupos ao longo da atividade e depois com o coletivo. No total, os participantes foram divididos em quatro grupos.

O primeiro dia de oficinas pedagógicas foi encerrado com a construção de uma atividade feedback, em que cada aluno deveria escrever de um lado do papel,

um sentimento pela participação na Oficina e do outro lado como a escola deveria lidar com a Gravidez na Adolescência.

### **2.3.7. Oficina III: Ser Adolescente**

A terceira Oficina Pedagógica teve como tema o levantamento das percepções dos alunos sobre sua própria adolescência. Através das oficinas pedagógicas, suas visões de mundo foram trazidas à tona, em relação a si mesmos e quanto aos seus pares. A Oficina teve como objetivo levantar as visões dos adolescentes em relação a si mesmos e em relação à adolescência. Para tal, em seu primeiro momento, os participantes da oficina selecionaram algumas frases de uma caixa de diálogo com informações que apontam “características gerais de adolescentes” na sociedade. Após a seleção de cada frase, ver Anexo 13, os participantes foram direcionados a reflexões mediante algumas questões norteadoras: Você se identifica com isso? Todos adolescentes são iguais? Essa frase representa todos adolescentes? Como são os adolescentes? Essas questões são vividas da mesma forma pelas alunas e pelos alunos?

Em seu segundo momento, os alunos foram apresentados a algumas imagens do país Moldávia, ver Anexo 14. A escolha desse tema ocorreu a partir do estudo do livro “Sexualidade adolescente como direito?” da autora Vanessa Leite (2013). A autora usa a realidade desses adolescentes como forma de visibilizar a variedade de vivências que podem existir na adolescência. A tarefa inicial, para ambos os grupos, consistia no registro de suas percepções sobre cada imagem, ou seja, os integrantes do grupo deveriam registrar suas características ao contemplarem as imagens expostas. Vale destacar que nenhuma informação neste momento foi fornecida ao grupo sobre aquele país. Isso aconteceu posteriormente. Após o registro e coleta das imagens, foi apresentado um vídeo retratando o contexto da Moldávia, além de uma reportagem sobre o assunto divulgada no livro citado, usada como um dos recursos da Revisão Bibliográfica. A partir disso, algumas considerações foram feitas pelo grupo sobre o assunto.

O vídeo<sup>10</sup>2 selecionado apresenta um documentário sobre a realidade do país, que tem como característica uma população presente predominantemente de adolescentes, visto que os adultos emigram para outros países vizinhos em busca de melhores oportunidades. Algumas questões norteadoras foram usadas ao longo desta etapa da Oficina: Vocês se identificam com essa realidade? Há aproximação com nossa realidade? Os adolescentes dos grandes centros urbanos são os mesmos do interior? Existe diferença entre Rural x Urbano? O que você pensa sobre isso?

### Vídeo 2: Realidade em Moldávia



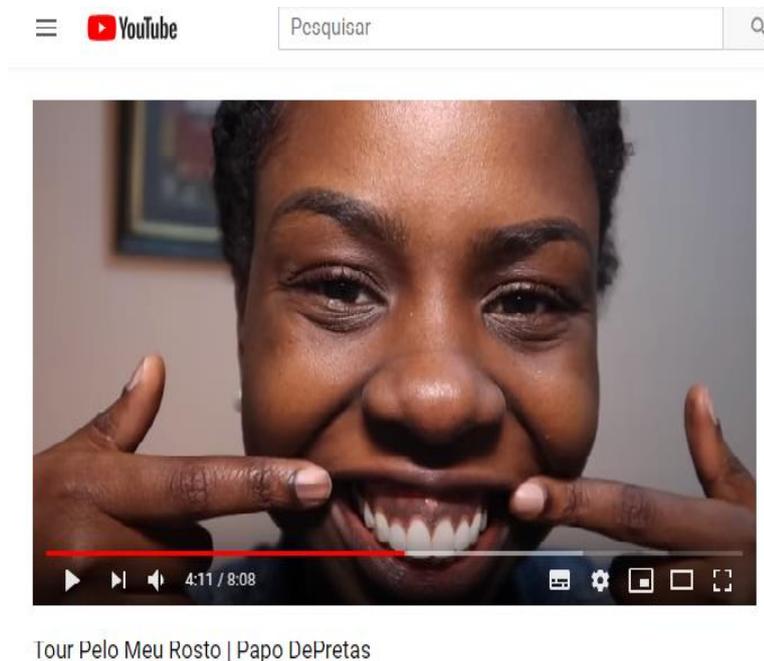
Fonte: (elaborada pelo autor, a partir do acesso ao Documentário Moldávia).

Nessa Oficina, como um dos objetivos busca a visibilidade da adolescência atual, um dos pontos desenvolvidos tratava-se da autoimagem desses adolescentes em relação ao seu grupo, à sociedade e a si mesmos. Portanto, no

<sup>10</sup>Documentário sobre a Moldávia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzxUDp0ljq8> Acesso em 05/09/2018

terceiro momento da Oficina Pedagógica foi usado o vídeo 3: “Tour pelo meu rosto<sup>11</sup>”, que retrata a autoimagem, o autocuidado e a negritude.

Vídeo 3: “Tour pelo meu rosto”



Fonte: (elaborada pelo autor, a partir do acesso ao Vídeo 3: Tour pelo meu rosto).

A atividade final desta Oficina aconteceu através do uso de um espelho, no qual era passado para cada participante olhar para si mesmo. Esse espelho apresentava em seu formato uma característica peculiar: foco e desfoco, ou seja, quando usado de um lado, você tem a percepção clara de si e quando usado do lado oposto, você vislumbra uma imagem desproporcional. Após isso, os alunos fizeram um minuto de silêncio e ficaram olhando uns para os outros. No fim, escreveram cada um em seu próprio papel, um pouco sobre si mesmo, a partir da indagação inicial: “Quem é você adolescente? Eu sou...”.

<sup>11</sup>Documentário: Tour pelo meu rosto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis> Acesso em 10/09/2018.

Os alunos não se identificaram nesta atividade, apenas foi feito um registro na atividade produzida pelos meninos, mas sem identificação de nome, por isso foi usado o critério de aluna 1, aluna 2, ... aluno 1, aluno 2.

### **2.3.8. Oficina IV: Gravidez na adolescência (Onde buscar informações?)**

A quarta oficina pretende dialogar sobre os caminhos para construção e obtenção de informações sobre a temática da Gravidez na Adolescência com os alunos. A Oficina Pedagógica aconteceu mediante o uso de imagens e de pirâmides, representando o grau de informações e sentimentos das alunas e alunos para com suas fontes, ver Anexo 15. Os estudantes registraram se as respectivas imagens atendiam ou não atendiam, enquanto fonte de informações sobre a temática da pesquisa. As questões passaram pela família, escola, amigos e internet. Para tal, mediante o grau de relevância entre a imagem e o canal de busca de informações, os participantes montaram suas pirâmides. As pirâmides foram construídas com três referenciais de escala: base, centro e topo. Ou seja, os amigos, família, escola e internet estariam em qual grau de fonte para informações, segundo as percepções dos participantes? Uma vez montadas suas pirâmides anônimas, os participantes foram levados para reflexões sobre o resultado de cada uma. Vale destacar que as pirâmides podem apontar para vários ângulos de análises. Ao longo do processo, os participantes refletiram sobre as seguintes questões norteadoras: Sua família atende suas expectativas? Seus amigos atendem suas expectativas? A internet atende suas expectativas? A Escola atende suas expectativas?

### **2.4. Sujeitos da Pesquisa**

Os participantes do estudo, assim como já mencionado, foram formados em sua maioria por meninas. Entre os alunos, houve a participação de vinte e uma meninas e quatro meninos. A pesquisa nos próximos capítulos apresenta hipóteses para essa realidade.

Em relação à faixa etária dos alunos, percebe-se na Tabela 15 que a maioria dos estudantes se encontram com catorze anos de idade, seguidos de quinze, dezesseis e dezessete anos. Esse dado torna-se relevante, pois segundo as informações do SINASC, os casos de Gravidez na Adolescência aumentam significativamente, a partir dos quinze anos de idade. O presente estudo não pretende reproduzir o discurso de que a Gravidez na Adolescência deve ser “combatida” ou “evitada” através dessa fala, porém sim refletida, junto com os alunos na escola.

Tabela 15: faixa etária dos alunos participantes do estudo

Idade	Alunos
14	14
15	6
16	2
17	3

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir dos questionários respondidos)

Quanto à religião dos alunos, a maioria dos estudantes participantes do estudo apontaram religiões associadas ao cristianismo em sua formação. Dentre os alunos, a maioria definiu sua religião como evangélicos. Essa informação pode ser verificada na Tabela 16, que segue-se abaixo:

Tabela 16: Religião dos alunos

Religião	Alunos
Evangélicos	15
Católicos	5
Sem Religião	4
Budismo	1

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir dos questionários respondidos)

Apesar do estudo presente estar voltado para as relações de gênero, destaca-se neste trabalho um movimento voltado para trazer à tona as diferenças, que possam existir entre as meninas e os meninos ao longo da pesquisa, mediante o

aprofundamento de suas percepções sobre a Gravidez na Adolescência. Isso quer dizer que, mesmo com um valor reduzido de participantes do sexo masculino, busca-se reflexões sobre as percepções do grupo sobre o tema estudado. A pesquisadora Maria Minayo (2007) fala sobre a realidade de uma pesquisa qualitativa, pois esta volta-se para a visibilidade daquilo que se encontra “invisível” no grupo estudado. Segue-se na Tabela 17, apontamentos sobre as religiões mencionadas pelo grupo e seu respectivo gênero:

Tabela 17: Religião e Gênero

Religião	Meninas	Meninos
Evangélicos	13	2
Católicos	4	1
Sem Religião	3	1
Budismo	1	-

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir dos questionários respondidos)

Ao longo do estudo, não houve registro de questões voltadas para as relações étnico-raciais. Por isso, a temática não foi abordada no estudo, mesmo havendo registros nos questionários quanto a “cor da pele” dos participantes da pesquisa.

## 2.5. Análise e Tratamento dos Dados

A terceira etapa, análise e tratamento dos dados, ocorreu através do processo de leituras e releituras do material produzido no campo. Esta etapa foi subdividida em três passos: ordenação, categorização e imersão nos dados (análise sucessivas). Para Minayo (2007, p.13), o tratamento do material nos conduz a:

uma busca da lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando, sendo esta a construção fundamental do pesquisador. Ou seja, análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador.

As categorias de análise deste estudo foram construídas e reconstruídas, mediante o aprofundamento dos dados produzidos no campo em cruzamentos com a respectiva teoria. Segundo a autora Maria Minayo (2010), a análise deve buscar o significado no contexto da fala, com isso ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem, atingindo a inferência das informações explícitas e implícitas das mensagens. A partir disso, foram elaborados os seguintes eixos temáticos para discussões nos capítulos posteriores desta pesquisa: percepções dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência; Razões para a Gravidez na Adolescência; Gravidez das Meninas e dos Meninos; Escola que não conversa; e Adolescências.

### **3. Aproximações conceituais sobre Sexualidades, Educação sexual na escola e Gravidez na Adolescência**

Iniciamos este capítulo construindo uma justificativa para relação entre Gravidez na Adolescência e a conseqüente construção das sexualidades de meninas e meninos. Isso aconteceu através das análises dos dados produzidos no campo de investigação em diálogo com alguns referenciais teóricos. Após a construção dessa justificativa analítica, este capítulo apresenta aproximações conceituais sobre Sexualidades, Educação sexual na escola, Gravidez na Adolescência e percepções dos alunos.

Acredita-se que, abordando o tema da Gravidez na Adolescência, nós estamos diante de uma oportunidade para proporcionarmos aos nossos alunos reflexões sobre suas sexualidades em construção, isto é, o aprendizado sobre sua própria sexualidade. Portanto, o debate sobre reprodução, nesse caso, deve encontrar-se voltada para a reprodução sexual e não humana. Enquanto a reprodução humana tem como norte discursos sobre a concepção, os órgãos sexuais e os métodos contraceptivos, a reprodução sexual direciona-se para o aprendizado da sexualidade que segundo Maria Heilborn (2006, p.35):

não se restringe aquele da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual.

Desde o movimento feminista dos anos 60, temos vivido uma ascensão da mulher na experimentação de sua sexualidade. Essa mudança nos paradigmas tem como característica uma vivência sexual ativa antes do casamento. A possibilidade desse exercício sexual, geralmente, era permitida aos homens, sendo as mulheres excluídas no processo, restando-lhes aguardar o momento do casamento para exercício do ato sexual (MARIA HEILBORN, 2006) Assim, por um lado, vemos adolescentes com uma abertura maior para experimentação de sua sexualidade em construção. Todavia podemos afirmar que todos apresentam essa possibilidade da mesma forma? As meninas e os meninos são vistos do mesmo jeito enquanto protagonistas de sua sexualidade? Essa sexualidade deve ser vista de uma forma singular?

Nesta pesquisa, o conceito de sexualidade aborda uma concepção plural em sua construção na sociedade, afinal a sexualidade humana não deve ser contemplada de um modo singular, mas sim diferenciada de acordo com a formação de cada indivíduo na sociedade. Por isso, a terminologia usada faz referência a sexualidades, visto que:

a sexualidade vem sendo compreendida como produto de diferentes cenários, e não apenas como derivada do funcionamento bio-psíquico dos sujeitos. A ênfase sobre cenários socioculturais alude à premissa de que, se há características distintas entre os homens e mulheres no tocante à vida sexual e na interface desta com a esfera reprodutiva, elas devem-se a uma combinação de fenômenos que reverberam nos corpos como efeito de processos complexos de socialização dos gêneros (MARIA HEILBORN, 2006).

As sexualidades de meninas e meninos expressas neste estudo foram trazidas à tona a partir da abordagem da Gravidez na Adolescência e encontram-se apoiadas nos estudos socioculturais em contrapartida a prevalência dos discursos apenas biologizantes ou psicológicos sobre o assunto.

O movimento apresentado nas análises desta pesquisa busca o desenvolvimento de um novo olhar para a contemplação e percepção das sexualidades em construção na atualidade e, conseqüentemente, seu impacto em nossa sociedade. O autor Michel Bozon (2004, p.16 ), em seus estudos sobre a sociologia da sexualidade, lança luz sobre o processo mutacional marcado pelo surgimento do termo sexualidade no século XIX, visto que, paradoxalmente, enquanto acontecia o:

recalcamento progressivo das funções corporais e das emoções no decorrer do processo civilizatório, o aumento da reserva e da distância entre os corpos e o aparecimento de uma esfera íntima protegida e apoiada em fortes relações interpessoais juntaram-se a uma vontade de saber e a um desejo de interpretar os movimentos secretos do corpo.

A partir disso, o autor Michel Bozon (2004) fala que o processo de experimentação das sexualidades em construção, desde então, tem sido um dos principais fundamentos da construção dos sujeitos, sua individualização e reberberação da visibilidade de suas subjetividades.

Durante muito tempo, apenas as sexualidades masculinas tinham espaço para existência, prevalecendo em nossa sociedade. Para Bozon (2004, p. 23), esse fenômeno pode ser percebido na sociedade brasileira mediante o uso de palavras como comer/dar nas relações sexuais:

o verbo “comer” é utilizado para indicar a ação e o papel social daquele que penetra no ato sexual, enquanto, para quem é penetrado, o verbo é “dar”. O binômio comer / dar está fundamentado na metáfora da absorção, apropriação e consumo do parceiro passivo ( a mulher ou um sujeito feminilizado) pelo sujeito ativo.

Quando pensamos por essa ótica, a partir da experimentação sexual em si, seguindo uma analogia com a alimentação, podemos refletir sobre o impacto do verbo “comer” em contrapartida ao verbo “dar” nas relações sexuais. O homem, ao apropriar-se do verbo comer, configura-se em um sujeito detentor de poder e controle nas relações sexuais em comparação a mulher que encontra-se na posição passiva ao ato sexual, tendo como sua referência verbal a palavra “dar”. Esses trocadilhos comer/dar apontam para uma distinção nos papéis sexuais entre homens e mulheres, gerando reverberações nas relações sociais, tendo os homens como sujeitos de poder e controle nas relações sociais. Nesse contexto de controle e poder do universo masculino, seus impactos não ficam limitados exclusivamente às mulheres nesse processo, pois homens que apresentam expressão de gênero voltadas para o feminino, mesmo sendo esses heterossexuais cis<sup>12</sup> ou homens gays acabam colhendo os frutos relacionados ao poder e controle dos sujeitos considerados “ativos” nas relações sociais: os homens que apresentam sua expressão de gênero voltada para o masculino, independente de suas orientações sexuais.

A exploração da sexualidade feminina reconfigurou-se em uma possibilidade de usufruto da experimentação sexual, além do propósito relacionado a reprodução humana (gravidez), visto que no passado sua vivência sexual limitava-se a esse intuito. Na sociedade grega e romana, durante a Antiguidade, as mulheres livres só tinham direito ao exercício de suas sexualidades em um contexto

---

<sup>12</sup>A orientação sexual, heterossexual cis representa homens ou mulheres, que se identificam com seu sexo biológico.

reprodutivo dentro do casamento. No entanto, aos homens livres não havia essa restrição, pois apresentavam direito a todos os prazeres sexuais, sendo solteiros ou casados. O exercício da experimentação sexual e suas sexualidades entre os gêneros acabam gerando uma fonte de pressuposições referente aos papéis considerados masculino e feminino na sociedade. O autor Michel Bozon (2004, p. 23) destaca esse posicionamento em sua pesquisa sobre as sexualidades:

Essa representação do ato sexual como envolvimento do parceiro dominado remete, de forma mais ampla, à estrutura hierárquica da sociedade brasileira tradicional, como cadeia de dependências em que cada um é membro de uma entidade ( família, rede de clientela, etc) na qual depende de um protetor ou de um chefe e pertence a ele.

O “cenário imaginário” sobre a dominação masculina frente ao ato sexual pode ser apontado como um guia precursor, que acaba incidindo sobre a formação das estruturas hierárquicas sociais do nosso tempo histórico. Este ainda pode ser percebido como paradigma social a ser seguido, onde o homem é reconhecido como um ser “superior” às mulheres.

Nesta pesquisa, procurou-se ouvir meninas e meninos, entre catorze e dezessete anos, sobre esse processo de construção dos papéis de gênero no debate sobre Gravidez na Adolescência. Os autores Maria Heilborn (2006) e Michel Bozon (2004) apontaram em seus estudos, os impactos sociais e culturais que reverberam sobre os mesmos. Portanto, procurou-se identificar as singularidades (ou não) dessa construção.

Um componente gerador de impactos na construção do exercício da sexualidade entre homens e mulheres perpassa pela influência do cristianismo em nossa sociedade. O autor Michel Bozon (2004, p. 26) também destaca essa influência e apresenta considerações sobre as fases históricas usadas sobre a elaboração e tratamento cristão da sexualidade:

Na primeira delas, os textos de Agostinho (séc. V) teorizam a recusa à concupiscência (desejo) e ao prazer, de tal forma que levam a uma restrição em direito da atividade sexual apenas à obra de procriação desejada por Deus e pela natureza. Uma segunda etapa é a instituição, a partir dos séculos XII e XIII, do casamento cristão, monogâmico e indissolúvel, que delimita o quadro dessa atividade sexual legítima.

Em tese, a igreja procurou colocar homens e mulheres em “igualdade”, pois ambos deveriam exercer suas vidas sexuais, delimitados pelo espaço conjugal, ou seja, em regime de casamento. Entretanto, na prática, apenas os homens possuíam condições para usufruir dos seus desejos e anseios enquanto sujeitos de suas sexualidades. Em situações de adultério, por exemplo, a mulher era vista como uma criminosa. A presença do Cristianismo influenciou na elaboração de legislações que criminalizavam o adultério, sendo a penalização recaída em maior grau de punição contra as mulheres (MICHEL BOZON, 2004).

Michel Bozon (2004) reconhece que a repercussão desse processo de controle da sexualidade ecoa na ótica sexual contemporânea que ainda encontra-se regida através de uma moral sexual sobre ambos os gênero, mas principalmente com impacto sobre as mulheres e as orientações sexuais subalternizadas

Quando assuntos ligados à sexualidade e à própria Gravidez na Adolescência são vistos pela ótica do Cristianismo, acaba reverberando em momentos de tensão, em que a vivência sexual de cada um encontra-se permeada pelo controle e a punição. Isso ocorreu nas Oficinas Pedagógicas através dos debates realizados com os estudantes<sup>13</sup> participantes deste estudo:

Lá na minha igreja você não pode fazer sexo antes do casamento. Na Batista pode, cada Igreja tem as suas regras... Aí lá na Igreja, você não pode dá antes do casamento, senão você é excluída...até você se casar, você fica indisciplinada, fica excluída de qualquer coisa. Se você tiver um filho você fica no conjunto das irmãs e se você não tiver fica no grupo dos jovens (Aluna Ana Carla).

---

<sup>13</sup>Os alunos que participaram das Oficinas Pedagógicas receberam nomes fictícios como forma de proteção a sua privacidade. Entretanto, as alunas e alunos que participaram dos Questionários foram nomeados apenas com a indicação aluna 1 ou aluno 2 fazendo uma referência a “chamada” da escola. Como os questionários foram anônimos decidi usar isso como recurso para referência a metodologia empregada.

No último caso, da menina da Igreja, eu lembrei agora que a minha irmã foi na Igreja da minha tia, mãe solteira, o pai da minha sobrinha só registrou, mas não tem nenhum contato com minha sobrinha. E ela foi na Igreja e a minha sobrinha ainda não pegou a mamadeira, ela continua mamando no peito. Ela foi amamentar minha sobrinha e o pastor olhou com olhar de reprovação. Tipo que, ela teve que sair de onde ela tava, ir lá pra trás pra se isolar pra alimentar minha sobrinha, pra depois voltar e sentar no lugar dela (Aluna Margarida).

Ah gente...pra mim é um pouco errado, não tô falando que é proibido dá mamar dentro da Igreja, porque é um negócio de Deus. Podia colocar uma toalhinha por cima por respeito de Deus (Aluna Alessandra).

A fala das alunas representa um controle exercido sobre o corpo da mulher, no que tange a amamentação em público. Além do ambiente de controle e punição retratado pelas alunas na igreja, quando os adolescentes vivenciam alguma experiência sexual antes do casamento, nota-se que até mesmo as próprias alunas reproduzem um discurso voltado para a desigualdade de gênero, quando as discussões atravessam um contexto religioso.

Diante das discussões e reflexões sobre sexualidade, corpo e religião que emergiram nas falas dos alunos durante as Oficinas Pedagógicas, percebe-se a presença de dois grupos distintos. Isso pode ser visualizado no Quadro 1. Um grupo voltado para “defesa” da igreja quanto à proibição ou inibição na prática da amamentação nesse espaço e um grupo direcionado contra a proibição para o uso do espaço da igreja como local para amamentação.

Quadro 1: Presença de posicionamentos distintos entre os alunos

Igualdade	Desigualdade
Então quando você come você coloca uma toalha no seu rosto? Você vai colocar seu filho nessa situação por causa de outras pessoas? Imagina levar seu filho pra um banheiro, um lugar pra fazer necessidades. Só porque as outras pessoas não concordam com aquilo? (Aluna Margarida)	Lá na Igreja mesmo, minha tia fez isso, eu achei errado tipo, tá dentro da Igreja. Tá tudo bem...é uma criança e tal... Eu tipo assim, se eu fosse ela e tal...eu iria procurar um lugar mais reservado, dentro de Igreja não acho que seja um lugar pra isso (Aluno Francisco)
Como se homem pudesse argumentar, então! (Aluna Margarida)	Sim, mas tipo assim dentro da Igreja tem que ter respeito, com aquilo que está acontecendo lá. Pelo menos colocar a toalhinha sobre o peito (Aluna Ana Carla)

Fonte: (Elaborado pelo autor mediante os dados das oficinas pedagógicas)

Pode-se constatar que os alunos Ana Carla e Francisco posicionaram-se a favor da igreja em contrapartida ao posicionamento da aluna Margarida. Enquanto a aluna Margarida defende, em suas palavras, a liberdade da amamentação na igreja, pensando no conforto e segurança da criança, os alunos Ana Carla e Francisco posicionam-se favorável pelo discurso que o ato da amamentação nesse espaço torna-se algo desrespeitoso. A aluna Margarida ainda indagou sobre o papel da fala do aluno Francisco naquela discussão, visto que um assunto como a amamentação não compete ao homem.

Outras considerações podem ser levantadas nesse episódio sobre discussões em relação à vivência sexual antes do casamento e amamentação, pois percebe-se que esse grupo de alunos apresentam, em suas falas, uma experiência de convívio na igreja cerceado por um regime de controle e punição em questão aos fatos citados. Afinal, uma vez que o adolescente viva o ato sexual antes do casamento, esse passa por um processo de “punição pública”, ficando excluído das atividades rotineiras da igreja para o público adolescente. Seu retorno, caso permaneça na igreja após o evento do ato sexual, encontra-se condicionado ao casamento como forma de “conserto” para prática do acontecimento. Mesmo assim, o adolescente em questão não terá autonomia para seu retorno ao público adolescente, sendo remanejado para o grupo “dos senhores ou senhoras”, vindo com isso a perda da sua adolescência nesse espaço de forma antecipada. Além desse apontamento, podemos refletir sobre as possíveis consequências dessa

arbitrariedade sobre a vida desses adolescentes, sobretudo quando trata-se das meninas que vivenciam essa realidade.

Outro fato que chama a atenção refere-se à separação de papéis de gênero no que tange o debate sobre amamentação, acionado pelos próprios alunos durante o debate. Essa diferença no tratamento entre adolescentes meninas e meninos que vivenciam isso pode ser identificada na fala da aluna Margarida referente ao aluno Francisco, quando ele tenta expor seu posicionamento contrário à amamentação na igreja. Margarida não aceita a participação de Francisco, refutando seu comentário com a justificativa de que homem não tem espaço para exercer uma fala em situações sobre amamentação: *“Como se homem pudesse argumentar, então”!*

Ainda identificamos outra postura que denota desigualdade de gênero entre as alunas quanto ao assunto da amamentação, sob a égide da prática em um espaço religioso. Isso fica evidente na fala das alunas Ana Carla e Alessandra que, inclusive, ao apontarem o ato de amamentação na igreja como algo pecaminoso e que, em dado momento, pode até mesmo estimular o “pecado” sexual nos outros, ou seja, um peito exposto em uma igreja pode desvirtuar a atenção dos irmãos (homens) para o propósito “sagrado”, que se espera desse lugar.

Em contrapartida, a aluna Margarida defendeu a amamentação nesse espaço criticando a visão voltada para a sensualidade, ressaltando que a amamentação trata-se de um ato alimentar e afetuoso independente do ambiente em que possa acontecer o ato. Trata-se de uma aluna que demonstra uma postura mais reflexiva diante do episódio em discussão, amamentação na igreja, conseguindo se distanciar de preconceitos associados à exposição do corpo.

A autora Gilza Sandre-Pereira (2003) realiza um estudo sobre a amamentação e a sexualidade, a partir de uma perspectiva antropológica. Com isso, ela traça um panorama histórico em relação a amamentação, desde Aristóteles, Virgem Maria, até chegar ao fim da Idade Média, quando o corpo da mulher, sobretudo seus seios, encontram-se visibilizados para o erotismo e prazer. Portanto, o seio pode ser visto mediante um contexto histórico e cultural: “O seio pode ser ou não erótico e ligado à sexualidade, segundo diferentes culturas” (GILZA SANDRE-PEREIRA, P.474, 2003).

Pode-se refletir sobre o posicionamento distinto dos alunos sobre a amamentação na igreja como resultado de um processo histórico-cultural sobre a construção dos corpos, sobretudo o feminino, com destaque para os seus seios, que mesmo em um contexto biológico, no que tange a amamentação, encontra-se apontado como alvo de juízo de valor e controle, inclusive pelas próprias mulheres.

A partir disso, identificamos uma reprodução das desigualdades de gênero entre as próprias alunas, sendo as alunas Ana Carla e Alessandra reprodutoras de discursos opressores contra as próprias mulheres. Essas falas podem indicar que, de fato, as reflexões sobre os estudos de gênero e sexualidades atravessam um espaço atemporal, visto que a autora Simone de Beauvoir, em 1980, através dos seus estudos, já dizia: “*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”. Isso quer dizer que a construção de gênero, relacionada apenas aos fatores biológicos como um órgão sexual, não define de forma exclusiva sua consciência com seu respectivo gênero identificado e, conseqüentemente, sua disponibilidade para colocar-se de forma crítica no lugar do outro, mesmo sendo este de gênero semelhante. Com isso, podemos perceber que os discursos opressores contra as mulheres não ficam restritos apenas aos homens, mas em determinados ambientes e situação, a partir da diversidade de vivências que contemplam a vida em sociedade, as próprias mulheres podem ser protagonistas na reprodução das desigualdades contra si mesmas. O exercício da sexualidade enquanto privilégio dos homens reflete-se na desigualdade predominante entre os gêneros. Para Michel Bozon (2004, p.14):

tanto o persistente primado do desejo dos homens quanto a tendência a ignorar o desejo das mulheres não decorrem de uma lógica intrínseca da esfera sexual, mas correspondem a um dos aspectos de uma socialização de gênero diferencial, que não se manifesta apenas através da sexualidade.

As desigualdades entre os gênero não estão impregnadas em nosso “DNA”, ou seja, essa realidade não deve ser vista mediante uma percepção biológica, mas construída, reforçada e reconstruída através de um viés social.

Quando tratamos do tema Gravidez na Adolescência, podemos pensar no processo de construção de sexualidades dos indivíduos, visto que esse processo em formação encontra-se em uma condição referencial além do ato sexual em si. As discussões deste capítulo apontam sobre a existência de uma sexualidade plural,

fluida e contínua, que sofre influência constante da sociedade do nosso tempo histórico, isto é, da atualidade, porém ainda recebe os impactos de um passado próximo, atuante em nosso presente. Por isso, o conceito de sexualidade defendido neste estudo abrange o tema refletido sob um viés social. Para o pesquisador Michel Bozon (2004, p.14), a sexualidade social deve ser percebida, afinal:

sob a influência cultural da psicanálise, acostumamo-nos a pensar que muitos de nossos comportamentos habituais podem ser explicados através de um inconsciente sexual, ainda que, fundamentalmente, seria muito mais crucial identificar o inconsciente social e cultural atuando em nossa atividade sexual.

Assim, seguindo os pressupostos de um caminho sociológico, esta pesquisa tenta pensar e repensar o que não é falado, ou seja, trazer à tona sentimentos, visões de mundo, posicionamentos e ideias sobre assuntos correlatos, que atravessam o tema da Gravidez na Adolescência como a construção de sexualidades e a presença dos gêneros na formação desse processo.

Enquanto conceito geral, as sexualidades podem representar-se como sinônimo de experimentação sexual. Nesse contexto, esta experimentação sexual não deve apoiar-se apenas no ato sexual em si, mas em um movimento independente do corpo do outro, caracterizado como uma forma de busca e expressão dos sentimentos, desejos e prazer próprio, sobre si mesmo ou até vivenciado com o outro, em uma movimentação constante, fluida e mutável pelas vivências de cada um na sociedade e refletido como um “espelho” pelas suas especificidades.

Em muitos estudos sobre sexualidades e gênero, o autor Michel Foucault (1988) aparece como uma das referências teóricas principais para análise. Entretanto, neste estudo foi feita uma busca por autoras e autores, que tivessem construídos trabalhos voltados para sexualidades e gênero atravessados pela Gravidez na Adolescência e a Educação. Isso não quer dizer que o autor não será citado ao longo do corpo da dissertação, visto sua relevância em pesquisas, mas mesmo assim para este estudo ele não será o carro-chefe norteador das discussões.

### 3.1. Educação Sexual na escola

Essa pílula, (anticoncepcional), se tiver tomando remédio controlado pode interferir, mas quase ninguém sabe disso”! Porque não tem Educação Sexual na escola! Ninguém faz ideia disso! Se você tiver tomando remédio controlado, e tiver tomando pílula para não engravidar. você vai engravidar (Aluna Vanessa)

A fala em questão ocorreu durante a realização da segunda Oficina Pedagógica sobre Relações de Gênero e Gravidez na Adolescência. A adolescente Vanessa chama atenção para a ausência da Educação Sexual no ambiente escolar e, a partir de sua colocação, podemos refletir sobre a Educação Sexual oferecida na sua escola. Destaca-se que a fala da aluna considerou apenas apontamentos que atravessam questões biológicas quanto a interação medicamentosa de psicotrópicos como anticoncepcionais, porém esse estudo procurou fazer uma análise em situações relacionadas a Gravidez na Adolescência, que ultrapassem essa fronteira dos métodos contraceptivos, a partir das percepções dos estudantes.

A fala da aluna com referência ao cuidado sobre a utilização de métodos contraceptivos apoia-se exclusivamente em pressupostos biológicos. Entretanto, a própria escola acaba reproduzindo esse mesmo discurso, isso quando a Educação Sexual ocorre no ambiente escolar. A autora Elizabeth Macedo (2005, p. 135) apresenta apontamentos sobre o assunto, citando como exemplo, o modelo ainda tradicional dos livros didáticos:

A dimensão biológica da sexualidade é também enfatizada nos livros didáticos, em que o próprio título dos capítulos em que o tema é tratado- algo em torno da reprodução- explicita o enfoque adotado. Essa ênfase é seguida pela comparação entre a reprodução humana e a reprodução animal, numa clara tentativa de construção do sexo como algo meramente instintivo. Seguem-se a esses primeiros contatos, ovários, óvulos, trompas, úteros, vaginas, testículos, espermatozoides, pênis soltos ou articulados em silhuetas totais ou parciais de corpos femininos e masculinos.

Os próprios livros didáticos apresentam para os professores e alunos uma generalização das sexualidades e dos corpos como se todos tivessem uma universalidade em suas constituições. As vivências nos corpos não devem ser

apontadas em uma esfera universal, mas regidas pela diversidade de vivências, que atravessam a vida em sociedade (GUACIRA LOURO, 2001).

As autoras Camila Aquino e Andrea Martelli (2012, p. 9) reiteram a presença de discursos biologizantes em suas pesquisas sobre o ensino de ciências:

Entre a maioria de professores e professoras permanece a concepção de sexualidade reduzida à compreensão biológica, enfatizando atividades que primam pelo caráter higienista e preventivos no âmbito da saúde. Cria-se a relação de sinônimo entre sexualidade e sexo, sendo discutida nas aulas de ciências apenas como meio de informar quanto a doenças sexualmente transmissíveis, sistema reprodutor, contracepção, dentre outros.

Esse modelo de ensino biologizante ainda hegemônico na escola, sobretudo nas aulas de Ciências e Biologia, precisa ser mudado, visto a necessidade de criticidade e questionamentos constantes quanto a essa prática de ensino (HELENA ALTMAN, 2005). Assim como no estudo da autora citada, Giséli Bastos (2015, p.6) aponta a hegemonia dos discursos biologizantes no ensino de ciências em seu estudo:

No entanto, o que vem se fazendo no Ensino de Ciências tem reduzido essa questão apenas a conhecimentos isolados sobre anatomia e fisiologia de órgãos genitais, bem como sobre a profilaxia de doenças sexualmente transmissíveis. Nessa abordagem considerada reducionista, fatores sociais e ligados ao cotidiano do estudante não são valorizados.

Isso quer dizer que o ensino na escola, sob uma abordagem biológica (médica), acaba desconsiderando outros fatores relevantes no processo de construção da sexualidade dos alunos como a realidade de cada sujeito em seu contexto social. Portanto, o ensino pode tornar-se excludente, pois coloca todos na mesma balança, sem a oportunidade de troca entre os principais atores envolvidos nessa discussão: nossas alunas e alunos.

Percebe-se que essa realidade ultrapassa os anos, visto que os próprios professores que viveram isso enquanto alunos reconhecem a hegemonia do discurso biologizante na escola. A autora Kaciane Almeida (2012, p.62) apresenta essa reflexão em sua pesquisa, a partir da visão de professores com diversas faixas etárias sobre o assunto:

O fato de estudarem na Biologia o corpo humano e aspectos relacionados a reprodução, não se caracterizou como educação sexual para essas professoras, reconhecendo que a educação somente ligada à parte biológica é insuficiente. Os relatos daqueles/as que afirmaram não ter recebido educação sexual assemelham-se com aqueles que disseram ter recebido, pois em nenhum dos casos houve a indicação de um modelo de educação sexual que não estivesse ligado a área de Ciências ou Biologia ou não fosse realizada em um evento específico.

O modelo atual de Educação Sexual ofertado pelas escolas deve ser refletido para uma educação que contemple, de fato, as necessidades dos nossos alunos fazendo a diferença em suas vidas.

Os estudos sobre a Gravidez na Adolescência desdobram-se como um dos braços da Educação Sexual, essa segue nesta pesquisa contemplada, segundo os apontamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, uma Orientação Sexual voltada para o conhecimento e autoconhecimento. Sem a presença de juízo de valores, mas permeada por momentos de reflexões e debates, que permitam os estudantes a viverem suas sexualidades segundo seus desejos e anseios com autocuidado e liberdade. Entretanto, o termo Educação Sexual foi selecionado para uso neste trabalho, visto que os sujeitos da pesquisa reportam-se aos assuntos que perpassam pela sexualidade na escola como atreladas a Educação Sexual e não Orientação Sexual. Esta ainda repercute na fala desses sujeitos como um tema voltado para a diversidade sexual.

A Educação Sexual brasileira não surgiu a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tendo registros entre 1920 e 1930. Nesse momento, o caráter de controle, higienização e eugenia definiam a exploração da temática sobre Educação Sexual abrangendo como propósito um “combate” a epidemia de sífilis no período e o estímulo à manutenção de comportamentos “sexuais adequados” (HELENA ALTMANN, 2001).

A pesquisadora Maria César (2009, p.39) apresenta em seu estudo um panorama das vivências sobre Educação Sexual nessa época:

As primeiras preocupações explícitas em relação à educação do sexo de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX. Nesse momento a educação sexual já era uma preocupação para médicos, intelectuais, professores e professoras que então povoavam o universo educacional brasileiro. No ano de 1922, o importante intelectual e reformador educacional brasileiro, Fernando de Azevedo, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre educação sexual.

As discussões sobre Educação Sexual, no Brasil, desde seu início, tiveram posicionamentos contrários ao seu andamento. Contudo, apesar disso, o exercício do tema, de forma direta ou indireta, sempre perpassou pela escola, além dos discursos da área médica.

Nos primeiros anos de 1960, antes da Ditadura Militar, o Brasil viveu um momento de “renovação pedagógica” através da implementação de novos pressupostos sociológicos na escola. Além disso, a Educação Brasileira recebeu a influência causada pelos Movimentos Sociais da época em relação a reivindicações aos direitos civis, às lutas feministas, aos movimentos “gays e lésbicos”, às reivindicações étnico-raciais e na América Latina, os embates contra a ditadura (MARIA CÉSAR, 2009). A reverberação social e cultural da época permitiu que as reflexões e conhecimentos sobre a Educação Sexual Brasileira fossem realizados em algumas escolas como aconteceu em escolas de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Em São Paulo, a proposta de um currículo sobre Educação Sexual teve registro na Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo, Colégio Vocacional e nos Colégios Pluricurriculares. Apesar disso, esse processo entrou em paralisação ou, em alguns lugares, extinção devido ao acontecimento da Ditadura em nosso país (MARIA CÉSAR, 2009).

A partir dos meados dos anos 80 e início dos anos 90, com a epidemia de casos de HIV e ISTs, além da Gravidez na Adolescência, a escola novamente viu-se no centro das discussões como base para “enfrentamento” do assunto. A autora Maria César (2009, p.6) aponta considerações dessa época:

Assim, a escola no início dos anos 90 foi tomada como um lugar fundamental para a propagação de informações sobre o “sexo seguro”, as quais incluíam, além do contágio do HIV/AIDS e outras DSTs, a “gravidez na adolescência”, que para os especialistas começou a ser tomada como um “problema pedagógico” importante. A partir desse momento, o discurso da sexualidade nas escolas brasileiras foi definitivamente colonizado pela ideia de saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência, tomadas como sinônimo de problema de saúde física e social.

A abordagem do tema nesse período seguia um viés associada à prevenção e controle, sendo permeado pelos cuidados à saúde. Assim, em quase setenta anos, entre o período de 1920 a 1990, a temática sobre a Educação Sexual ainda estava associada a um discurso higienista, preventivo e de controle, sem aprofundamento das reflexões sociais sobre a construção das sexualidades em nosso país. Entretanto, a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1996, trouxe à tona novas possibilidades de abordagem sobre a Orientação Sexual no ambiente escolar, com isso colocando novamente a escola no “olho do furacão” nas discussões sobre o tema. Através dos seus estudos sobre Educação Sexual, a autora Helena Altman (2001, p.1) destaca o cotidiano escolar nesse assunto como algo inerente à escola:

O tema da sexualidade está na “ordem do dia” da escola. Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas.

A pesquisadora Helena Altmann (2001), em seus estudos sobre Educação Sexual, fala sobre a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais para aprofundamento do tema na escola. Apesar do documento apresentar considerações sobre a construção da sexualidade através de termos como prazer e desejo, a autora defende que a sexualidade seja refletida através de um panorama histórico do assunto, atrelado aos impactos socioculturais do período. Para a autora, a Educação Sexual deve ser pensada e repensada através de uma “ação crítica, reflexiva e educativa” (HELENA ALTMANN, 2001, p.2). Portanto, a proposta apresentada nos PCNs e trazida à tona pela autora em seu estudo, reflete-se nesta pesquisa como um conceito de Educação Sexual voltado para o aprendizado de um “autocuidado”

crítico, empoderado de si mesmo e voltado para a visibilidade das subjetividades dos sujeitos, frente aos discursos preventivos, higienistas e de controle, que ainda povoam as discussões na sociedade e na escola sobre a Educação Sexual.

### **3.1.2. Gravidez na Adolescência**

O desenvolvimento das análises, a partir dos dados produzidos sobre o tema central desta pesquisa, vindo das percepções dos alunos e alunas sobre Gravidez na Adolescência, voltou-se para os seguintes eixos norteadores nesta seção: fontes de informações nas quais as alunas e alunos buscam sobre a Gravidez na Adolescência, o que pensam sobre a temática, as possíveis razões para Gravidez na Adolescência com seus respectivos estigmas e contrapontos. A emergência das percepções das alunas e dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência permitiu um levantamento das impressões desses adolescentes sobre sua visão de mundo acerca do tema. Esse fato pode permitir a construção de novos olhares nas relações sociais entre professores e seus estudantes no ambiente escolar, visto que as visões de mundo desses adolescentes, uma vez identificadas pelas professoras e professores, podem direcionar uma reconfiguração no posicionamento dos docentes frente aos anseios de suas alunas e alunos, além dos conteúdos disciplinares.

A presente pesquisa busca trazer à tona a visão de alunas e alunos sobre a Gravidez na Adolescência mediante suas percepções sobre o assunto. Essas percepções encontram-se em um público que não vive diretamente uma Gravidez na Adolescência, ou seja, não estão vivendo o acontecimento no momento. A seleção desses sujeitos da pesquisa teve como finalidade a construção de reflexões sobre o tema segundo as percepções das alunas e alunos em questão.

A temática neste estudo permeia-se por um movimento que contempla a Gravidez na Adolescência como um tema a ser visto através de muitas óticas, sem um posicionamento voltado apenas para um enfrentamento do assunto. Afinal, alguns discursos na sociedade apontam a questão como um problema social, que deve ser enfrentado (MARIA HEILBORN, 2006). O posicionamento desta pesquisa busca uma compreensão da Gravidez na Adolescência além dos estigmas que muitas vezes estão associados ao assunto como pobreza, baixa escolaridade,

cultura local ou problema social. A temática da Gravidez na Adolescência neste estudo contempla a visibilidade das especificidades da(s) outra(s) e do(s) outro(s) que pode(m) contribuir para compreensão do assunto, nesse caso, nossas alunas e alunos adolescentes. Assim, os adolescentes em questão, uma geração que cresceu no início do século XXI, com seus mundos diversos em suas múltiplas vivências, são trazidos a apontar novas formas de percepção do tema para estímulo e reflexão da Gravidez na Adolescência na escola.

Os estigmas que ainda existem na sociedade sobre a Gravidez na Adolescência podem estar associados aos sentimentos esperados de adolescentes nesta fase de suas vidas quanto à sua escolaridade, ou seja, as alunas e alunos devem seguir uma trajetória progressiva dos seus estudos enquanto estudantes: ensino fundamental, ensino médio e graduação. Uma Gravidez na Adolescência pode ser identificada como um meio de impedimento à vida dos estudantes. Outro ponto que ecoa sobre o tema consiste na “ilegitimidade” da concepção durante a Gravidez na Adolescência, visto que ocorre em um contexto distinto em relação a uma gravidez concebida como consequência de uma união estável ou casamento (MARIA HEILBORN, 2006).

Nessa pesquisa, os alunos apontaram a disciplina de Ciências como uma fonte de informação sobre a Gravidez na Adolescência em relação às demais disciplinas. Outros estudos (HELENA ALTMANN, 2005; CAMILA AQUINO, ANDREA MARTELLI, 2012; GISÉLI BASTOS, 2015) também apontam essa predominância das disciplinas de Ciências e Biologia como lócus no qual o tema chega a ser abordado na escola, mesmo com as restrições já debatidas no eixo de Educação Sexual nas escolas. Esse resultado pode ser fruto da relação do tema associado à medicina ou melhor dizendo, um assunto associado à área da saúde, como mostrou a origem histórica da introdução da educação sexual na escola.

Maria Heilborn (2006) apresenta a “classe médica” como os primeiros atores que se movem para resolver o “problema” da Gravidez na Adolescência. O risco da saúde materna perpassa pelos apontamentos médicos na gestação de adolescentes. Assim sendo, alguns episódios como aborto espontâneo, prematuridade, riscos no parto, mortalidade materna e riscos para a criança são levantados enquanto hipóteses em situações de gravidez nessa faixa etária. Entretanto, alguns estudos

(FERNANDA MELO, 2001; TACIANA FERRON, 2017) apresentam que as condições socioeconômicas são fatores prioritários em comparação à idade quanto aos riscos de uma gravidez. A faixa etária entre os 15 aos 19 anos de idade não apresentam diferenças de riscos em comparação as mulheres com idades mais avançadas. No entanto, o quadro muda quando a gravidez ocorre na faixa etária entre os 10 a 14 anos (MARIA HEILBORN, 2006).

Essa construção histórica e social da área de saúde atuando na temática sobre a Gravidez na Adolescência acaba reverberando na escola, no que tange as disciplinas escolares que abordam o assunto. Essa abordagem pode ser constatada através das percepções dos alunos, ao longo das respostas apontadas nos questionários referente à disciplina que aborda a temática no ambiente escolar. A Tabela 17 apresenta dados sobre essa questão.

Tabela 17: Disciplinas que falam na escola sobre Gravidez na Adolescência

<b>Disciplinas que abordam o tema na escola</b>	<b>Quantitativo</b>
Ciências	12
Nenhuma	8
Ciências e História	2
Inglês	1
Sem resposta	2

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir do questionário respondido pelos alunos)

A disciplina de Ciências acaba sendo percebida como possibilidade para abordagem da Gravidez na Adolescência na escola para os sujeitos deste estudo. Como já mencionado, esse fato pode estar associado a correlação da disciplina de ciências e a área de saúde. Entretanto, um outro ponto que se destaca na tabela consiste na informação de que nenhuma disciplina aborda o assunto. Independente da área de formação, cada professor tem respaldo legal e pedagógico para abordagem desse assunto, que atravessa a sexualidade como a Gravidez na Adolescência. O ECA, a LDB e, sobretudo, os PCNs legitimam uma abordagem na escola para uma educação sexual, que permita aos alunos referenciais sobre o assunto. Contudo, nas percepções desses alunos, esse fato ainda não acontece. O que falta (ou tem) nas escolas ou nesses professores para isso acontecer?

O direcionamento na abordagem da Gravidez na Adolescência para a área da saúde não ficou restrita apenas aos médicos. Segundo a autora Maria Heilborn (2006, p. 31), o assunto expandiu-se para outros setores das Ciências da Saúde:

Os médicos rapidamente associaram-se a psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, tradicionais especialistas em adolescência, que definiram a gravidez nessa etapa da vida como um risco psicossocial, dando como diagnóstico a imaturidade psicológica dos adolescentes. Em decorrência, a gravidez traria graves consequências para as mães adolescentes e suas crianças. Ao ser psicologizado, o discurso pende muitas vezes em direção à moral, oscilando entre a condenação e o apoio aos adolescentes.

Assim como os profissionais da Saúde, algumas agências de pesquisa sobre a Gravidez na Adolescência, inclusive internacionais, corroboram o discurso pejorativo referente à gravidez indesejada (FELÍCIA SANTOS, 2013). As repercussões das consequências de uma Gravidez na Adolescência acabam sendo reproduzidas também pelos profissionais da Educação e pelos alunos pesquisados neste estudo. Nos questionários quando os alunos são convidados a refletir sobre a Gravidez na Adolescência, os alunos apresentam seus apontamentos sobre o assunto:

Fazer relação sexual cedo demais, sem pensar no que virá depois  
(Aluna 10)

Não pensam nas consequências (Aluna 12)

Por não se cuidarem e pensar nas consequências (Aluna 21)

Pode-se perceber que, para alguns alunos, uma Gravidez na Adolescência é vista como “inconsequência” dos adolescentes e acaba sendo apontada por esses como uma característica própria de quem vive a realidade de uma gravidez adolescente. Porém, será que essa “consequência plantada” não deve ser vista sob a ótica de uma relação de poder a qual quem possui uma série de condições privilegiadas na hierarquia social acaba ditando esse tipo de discurso?

Os adolescentes têm plenas condições para posicionarem-se diante da vida que desejam viver na sociedade? Ou apenas são “destinados” a aceitarem de forma passiva os juízos de valor que recaem sobre si mesmos?

Portanto, os discursos repletos de juízo de valores que contemplam a Gravidez na Adolescência devem ser analisados além da ótica da moralidade.

Este fenômeno só pode ser analisado considerando-se a distribuição desigual de poder entre as diversas leituras dos sistemas socioculturais realizada por diferentes grupos (MARIA HEILBORN, p. 32, 2006). Assim, este estudo procurou promover um movimento de reflexão nas alunas e alunos participantes desta pesquisa, a fim de que suas percepções sobre a Gravidez na Adolescência ultrapassem os discursos hegemônicos tradicionais sobre o assunto, regidos pelo juízo de valores vigentes em nossa sociedade. A homogeneização presente nos discursos sobre a Gravidez na Adolescência acaba limitando a visibilidade das diversas vivências sobre essa realidade. Portanto, cabe a cada indivíduo participante do processo apresentar suas percepções sobre essa experiência de vida sobretudo na adolescência. Como resultado desse quadro de características dos discursos falados sobre a Gravidez na Adolescência, o estudo em questão apoia-se no conceito de gravidez não-prevista, sendo essa apenas qualificada pelos atores participantes da vivência, ou seja, mães e pais adolescentes que estejam vivendo esse processo. Isso quer dizer que eles, de fato, deveriam falar suas percepções sobre suas próprias experiências.

### **3.1.3. Estudos de Gênero na escola**

Os Estudos de Gênero permitem a visualização das diferenças, que existem na formação dos sujeitos consigo mesmos em sua individualidade, e ao mesmo tempo atreladas à percepção do outro ou outros em suas vivências ao longo da sua vida em sociedade. A autora Guacira Louro (2013, p. 50) fala sobre o movimento da visualização da diferença do outro:

Se o movimento teórico e político contemporâneo coloca em xeque as noções de centro, de margem e de fronteira, isso deve significar mais do que a aceitação e a tolerância do diferente ou até mesmo mais do que sua transferência da posição marginalizada para a posição central. O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo.

A partir da obra da autora Guacira Louro podemos perceber, que esse processo excede o caminho biológico causando impacto em todos os atores sociais. A perspectiva dos estudos de gênero nesta pesquisa seguem o caminho das transformações sociais construídas e reconstruídas ao longo do tempo, visto que as percepções de gênero não devem ser contempladas sob a égide da estabilidade, mas sim como um ambiente instável, sujeito a alterações segundo as reverberações da sociedade vigente sobre o sujeito e das subjetividades do sujeito sobre si mesmo e consequentemente na própria sociedade.

Para Guacira Louro (2013, p.45), a excentricidade aparece como caminho para percepção do outro sem a exclusão das suas especificidades, isso inclusive na escola:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e norma de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico.

O excêntrico, na visão da autora, apresenta-se como um sujeito, que passeia nas posições fronteiriças dos gêneros, ou seja, não se encontra limitado em uma visão hegemônica, dominante e considerada padrão na vida em sociedade, tanto nas relações de classe quanto nas de gênero ou étnico-racial, porém se percebe e interage em sociedade com os sujeitos, respeitando as variáveis diferenças que existem na construção e reconstrução do outro e de si mesmo.

Quando a Gravidez na Adolescência é vista sob a ótica das relações de gênero, abrimos um espaço para que os sujeitos envolvidos no processo: mães e pais adolescentes sejam vistos, revistos e revisitados ao longo dessa vivência. Nesse contexto, como as percepções das alunas e dos alunos encontram-se permeadas pelas relações de gênero no que se refere à Gravidez na Adolescência?

Dentre as autoras e autores tidos como referências nos estudos de gênero, a autora Guacira Louro foi selecionada para aporte teórico nesta pesquisa. A razão disso se dá à sua vasta experiência nos mais de trinta anos em estudos sobre gênero voltados para a Educação em nosso país. O aprofundamento dos estudos de gênero com delineamento teórico-prático serão realizados no quinto capítulo deste estudo.

Outro fator que legitima a seleção da autora para este estudo corresponde a um movimento de ascensão dos acadêmicos “desprestigiados” da América do Sul frente ao conhecimento divulgado e “reconhecido” em um ambiente Ocidental com destaques para América do Norte e Europa, ou seja, tratando-se dos Estudos de Gênero, muitos pesquisadores utilizam-se do aporte teórico de autores como Judith Butler (2003) e Simone de Beauvoir (1980) para guiar suas reflexões. Apesar disso, esses autores construíram suas teorias atrelados ao seu tempo histórico e contextos socioculturais da época.

A autora australiana Raewyn Connell (2016) apresenta discussões sobre as relações de gênero na atualidade, mediante o uso de pesquisadores que se encontram em outra esfera no hemisfério global realizando seus estudos: as autoras e autores do eixo-sul. Assim sendo, a autora não deixa de usar os autores dos Estudos de Gênero consagrados pela literatura mundial, mas tem sido crítica quanto a essa prática, tendo priorizado referências teóricas do seu próprio tempo histórico e sociocultural. Para a autora:

As análises de gênero, então, precisam ser compreendidas como parte de uma economia política global do conhecimento. A divisão global do trabalho científico posiciona o momento da teoria na metrópole, enquanto a periferia global exporta dados e importa ciências aplicadas (RAEWYN CONNELL, 2016)

No livro “Diferentes, não desiguais: A questão de gênero na escola”, os autores Beatriz Lins, Bernardo Machado e Michele Escoura (2017, p. 88)

apresentam a necessidade de uma visão histórica nacional para aprofundamentos nas reflexões sobre gênero em nossa sociedade e na escola:

Somos uma sociedade herdeira da escravidão, cuja história fez com que grande parte da população, por ser negra, se encontre nos piores lugares da hierarquia social. Nossa história remonta ainda a um processo de colonização de exploração territorial, de genocídio da população indígena nativa e a uma organização política em que poucas famílias detêm a maior riqueza do país.

Por isso, essas relações de poder do conhecimento devem ser revisitadas nos Estudos sobre Gênero, sobretudo em nosso cenário brasileiro marcado por um processo de colonização exploratório com a população indígena sendo dizimada e pessoas negras sendo escravizadas e mortas. Esse ambiente violento colonizador ainda encontra-se reverberando em nossa civilização atual.

Vale destacar a presença da pesquisadora Djamila Ribeiro (2017) que, em seu livro “O que é lugar de fala?”, aponta para a necessidade de desconstrução da hegemonia de determinados grupos sociais nas relações de poder. O grupo social em questão abrange pessoas que apresentam lugar de privilégios em nossa sociedade com direito a externalização de suas vozes em detrimento de outros. Portanto, esses grupos sociais hegemônicos integram um condicionamento social atrelado a branquitude, masculinidade e heterossexualidade. Qualquer ator social fora dessa esfera encontra-se em uma posição de minoria frente ao posicionamento de sua voz. Com outras palavras, suas percepções de mundo, quando são trazidas à tona, ficam limitadas ao olhar do outro sobre si mesmo em detrimento da sua própria voz como canal enunciativo de sua existência. A autora defende a igualdade de oportunidades para as minorias participantes desse processo, sobretudo em relação às mulheres negras na vida em sociedade.

Cada pesquisador segue um caminho, nas pesquisas, sobre gênero quanto ao seu objeto de estudo. Assim sendo, diversos veículos são usados para trazer à tona os “bastidores” das relações de gênero. Assim, podemos citar alguns exemplos de pesquisadoras da área de estudos. A pesquisadora Marília Carvalho (2001) aborda os estudos sobre Gênero mediante a Formação Docente e a Escola; a pesquisadora Flávia Biroli (2018) estuda as Relações de Gênero referente a questões que abordam a Democracia, Política e Situações de Desigualdades; Maria Heilborn (2006), uma

das autoras principais nesta pesquisa, realiza estudos que contemplam assuntos como Gênero, Sexualidades, Família e Juventude; e Raewyn Connel (2016) estuda a temática sobre Gênero com temas referentes a Masculinidades, Poder e Relações de Trabalho.

Assim, este estudo tem como veículo a Gravidez na Adolescência sob a ótica das Relações de Gênero, voltado para reflexões na escola. Entre os estudiosos de Gênero, é um consenso afirmar que as relações de gênero atravessam todas as relações sociais. Entretanto, como que essas relações são constituídas em seus espaços? O veículo para identificação dessas relações neste estudo tem apresentado registros de tensões, frente as percepções da Gravidez na Adolescência sob a égide dos Estudos de Gênero. Com isso, o processo de formação dessas tensões tem vindo à tona pela percepção das alunas e dos alunos sobre o tema.

Os instrumentos metodológicos como as Oficinas Pedagógicas e os questionários foram construídos com o propósito de colocar as alunas e os alunos no lugar dos adolescentes, que vivenciaram e vivenciam a Gravidez na Adolescência. E nessas questões os alunos foram convidados a responder, a partir dos questionários: "Na sua visão, como as meninas lidam com a gravidez na adolescência, ou seja, o que essas meninas devem sentir ao viverem essa realidade? Coloque-se, hipoteticamente, no lugar da menina. Se você se visse grávida com 15 anos... O que poderia mudar em sua vida...". As respostas dos alunos constam na Tabela 18:

Tabela 18: Gravidez das Meninas

(Percepções das alunas e dos alunos) Colocando- se no lugar da Outra...	Meninas	Meninos
Cuidados com a Gestação/ Criança	7	1
Sem vida social	2	2
Visão da sociedade sobre si	3	2
Interrupção do futuro	5	1
Medo	6	2
Aborto	1	1
Isenção dos meninos	1	1
Assumir responsabilidades	4	1
Felicidade	2	1
Abandono/ tristeza e dor	9	-
Apoio familiar	5	-
Mudanças em tudo	10	1

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir do questionário respondido pelos alunos na questão:4)

A segunda questão que parte da ideia de se colocar no lugar do outro propõe: "Na sua visão, como os meninos lidam com a gravidez na adolescência, ou seja, o que estes meninos devem sentir ao viverem essa realidade? Coloque-se hipoteticamente no lugar do menino. Se você tivesse um filho com 15 anos... O que poderia mudar em sua vida...". As respostas dos alunos constam na Tabela 19:

Tabela 19: Gravidez dos Meninos

<b>(Percepções das alunas e dos alunos) Colocando-se no lugar do Outro...</b>	<b>Meninas</b>	<b>Meninos</b>
Assumir a Gravidez	2	1
Assumir a responsabilidade	2	2
Responsabilidade e/ou irresponsabilidade	5	-
Abandono	2	1
Perder a Juventude	2	-
Medo	3	-

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir do questionário respondido pelos alunos na questão:5)

Constata-se que há uma diferença nas percepções das alunas e dos alunos em relação a colocarem-se no lugar das meninas (Tabela 18) e dos meninos (Tabela 19) quando vivenciam hipoteticamente a Gravidez na Adolescência. Nas Gravidez das Meninas, podemos identificar um número elevado de percepções, sendo esses associados ao cuidado com a criança, perda da vida social em contrapartida ao olhar da sociedade sobre si (juízo de valor), mudanças em seu projeto de vida, medo, possibilidade de aborto, isenção dos meninos, felicidade, abandono, tristeza e o apoio familiar. Esse número elevado e a diversidade de características das percepções apontam uma gravidez diferente para a Gravidez dos Meninos.

Na Gravidez dos Meninos, o número quantitativo de percepções recai para a metade em comparação à das meninas, sendo apontados indícios de ausência de responsabilidade no processo e discursos que ressaltam a necessidade dos meninos assumirem a gravidez. Pressupõe-se, nas percepções das alunas e alunos em questão, que a Gravidez dos Meninos é marcada pela sua ausência no processo. Além disso, nesta Gravidez, aparece o sentimento de perda da “Juventude”, fato que em nenhum momento foi citado quando a Gravidez foi problematizada pela vivência das meninas. O único ponto de aproximação entre as gravidezes foi o sentimento de abandono que se torna inerente nessa vivência. As reflexões das Gravidezes das Meninas e dos Meninos serão aprofundadas no quinto capítulo deste estudo. Essas informações foram selecionadas como um prelúdio das reverberações do campo estudado.

### 3.2. A construção das percepções: quando a boca fala...

A temática da Gravidez na Adolescência pode ser considerado um tema comum na sociedade e no universo escolar, porém ele continua presente como um assunto emergente na cultura do nosso tempo histórico. Os participantes do estudo levantaram suas indagações sobre a ausência de importância nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência:

Porque a sociedade acha que os jovens têm consciência, sendo que não é assim (Aluna 3).

Talvez porque os adultos não levem muito a sério o assunto, talvez, porque os próprios adolescentes não queiram ouvir (Aluno 6).

Porque era uma coisa incomum na sociedade, que hoje em dia está se tornando “normal” (Aluna 4).

Porque ainda é visto como algo “proibido” algo incomum. Apesar de estarmos no século XXI ainda o assunto não é discutido com tanta naturalidade. Nos séculos anteriores a maioria das mulheres casavam cedo e tinham filhos novas e não tinham tanta repercussão devido por ser algo comum as mulheres casarem cedo (Aluna 13).

Porque aqui onde moramos já é normal (Aluna 18)

A fala da aluna 3 pode apresentar uma percepção insuficiente do nível de informação dos adolescentes sobre a temática da Gravidez na Adolescência, ou seja, em dado momento não é visibilizado a urgência da abordagem sobre o assunto. Afinal, pressupõe-se que as informações estão dadas e são oferecidas para todos com mesmo grau de conhecimento, reflexão e impacto. Esse sentimento aparece na fala do aluno 6, que remete a questão da ausência de importância sobre as discussões da Gravidez na Adolescência devido a visão de mundo dos adultos, que talvez sejam seus próprios responsáveis.

As alunas 4 e 18, em suas falas, justificam a ausência de importância sobre o tema, devido a recorrência e normalidade do acontecimento de casos de Gravidez

na Adolescência em nossa sociedade e em sua localidade. Além disso, a aluna 4 aponta os efeitos das mudanças na sociedade como causa do fenômeno. Em contrapartida, a aluna 13 apresenta, em sua fala, contextos históricos das relações sociais remetendo as mudanças que a sociedade tem passado ao longo do tempo, pois em determinado período a Gravidez na Adolescência era um acontecimento característico dessa fase de vida devido aos costumes desse período, em que as mulheres casavam cedo e posteriormente tinham filhos. A partir dessa ótica, a visão pejorativa sobre a Gravidez na Adolescência não era uma questão para repercussão naquele contexto social. Afinal até que ponto esse costume ainda continua reverberando em nossa atualidade?

Diante das falas dessas alunas e alunos, podemos inferir algumas evidências que eles possuem informações sobre a temática da Gravidez na Adolescência. Nas Oficinas Pedagógicas, as alunas e os alunos apontaram os canais de informação pelos quais buscam se inteirar sobre o tema da gravidez e da própria educação sexual. A dinâmica ocorreu entre dois grupos através do uso de imagens. Ambos os grupos tiveram contato com duas imagens que representavam a internet, amigos, família e a escola. Na Tabela 20, pode-se verificar o resultado das respostas dos participantes do Grupo 1:<sup>14</sup>

Tabela 20: Grupo 1

<b>Canais de Informação</b>	<b>Atende</b>	<b>Não atende</b>
Internet	2	0
Amigos	2	1
Família	2	2
Escola	2	1

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir das Oficinas Pedagógicas)

<sup>14</sup>Em cada grupo houve a participação de um menino. Como a atividade foi coletiva, não houve possibilidade para verificação, em relação a diferença entre as respostas das meninas e meninos. Além disso, os dados produzidos foram respondidos de forma coletiva pelo seu respectivo grupo.

Entre os participantes do grupo 1, podemos verificar em ordem decrescente de canal de informação: Internet > Amigos > Escola > Família. Na tabela 21, pode-se verificar o resultado das respostas dos participantes do Grupo 2:

Tabela 21: Grupo 2

<b>Canais de Informação</b>	<b>Atende</b>	<b>Não atende</b>
Internet	2	0
Amigos	1	1
Família	0	2
Escola	0	2

Fonte: (elaborado pelo autor, a partir das Oficinas Pedagógicas)

Entre os participantes do grupo 2, podemos verificar em ordem decrescente de canal de informação: Internet > Amigos > Escola = Família. Constata-se que houve apontamentos para a internet como canal prioritário de busca para obtenção de informações sobre a Gravidez na Adolescência. Esse dado foi corroborado pelos questionários, sendo a internet indicada como a principal fonte de busca sobre o assunto. Nos questionários, nove alunos apontaram a internet como fonte de informação sendo cinco alunas e quatro alunos. Em uma primeira impressão, pode-se pensar que as meninas acessam com maior frequência a internet do que os meninos. Porém, retomando o quantitativo de alunos participantes deste estudo, temos vinte e cinco estudantes sendo vinte e uma meninas e quatro meninos. Todos os meninos do grupo apontaram a internet como fonte de informação. Em relação as meninas, dentre as vinte e uma alunas, apenas cinco marcaram a internet. As demais alunas apontaram outras fontes de informação, por isso esse dado indica que apenas um pouco mais de um quarto dessas alunas, indicaram a internet como fonte de busca para informações sobre a Gravidez na Adolescência. Por outro lado, todos os meninos participantes do estudo apontaram a internet com essa finalidade.

Apesar dos amigos terem sido apontados como segundo canal de informação pelos participantes da pesquisa, não houve registro de apontamentos sobre esses, definindo-se as possíveis razões para tal resultado. Entretanto, ao longo do corpo da pesquisa, aparecem vários indícios, legitimando os últimos lugares destinados

para a escola e a família como fontes de informações sobre a Gravidez na Adolescência.

### 3.2.1. Percepções da Internet

Enquanto canal de informação, a internet nesta pesquisa apresentou-se como um espaço buscado por um quantitativo maior de alunos em comparação às alunas. Nos questionários, verificar no Quadro 2, quando perguntados sobre a internet através da questão 10: “Onde você busca informações sobre a Gravidez na Adolescência? Por quê?”, os alunos responderam:

Quadro 2: Busca de informações sobre a Gravidez na Adolescência

Meninas	Meninos
Na internet por curiosidade (Aluna 9)	Na internet, porque eu tento me familiarizar com esse assunto, para mim ou para orientar um amigo ou familiar (Aluno 6)
No Google. Porque muitas médicas informam sobre isso (Aluna 12)	Na internet ou na família. Porque eu posso tentar ajudar uma pessoa com informações. (Aluno 23)
Nos livros, sites...Porque acho interessante e importante estar ciente deste assunto (Aluna 15)	
Geralmente pela internet. Meus pais são muito ocupados, e eu acabo não tendo mais ninguém para falar sobre isso.(Aluna 25)	

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir dos questionários respondidos pelos alunos na questão 10)

Os alunos 6 e 23 justificam esse canal de informação pelo critério da relevância do conhecimento para auxílio próprio ou voltado para orientação do próximo, seja algum familiar seja um amigo. A aluna 25 destaca sua solidão na busca pela temática da Gravidez na Adolescência, visto que seus responsáveis devido às ocupações do cotidiano estão ausentes nesse processo de diálogo.

No entanto, a fala da aluna 25 não deve ser percebida de forma isolada na vivência do adolescente. A pesquisadora Helena Campos (2017), em sua tese, apresenta o cotidiano familiar de algumas famílias brasileiras a partir das percepções dos adolescentes. Através disso, ela aponta que a ausência do diálogo

em determinadas famílias apoia-se na questão do trabalho realizado pelos responsáveis. Isto quer dizer que determinados responsáveis direcionam sua rotina para a providência do sustento de suas famílias, sem condições para o desenvolvimento de diálogos considerados de qualidade pelos seus filhos.

Além disso, a autora fala sobre outra consequência da ausência dos pais/responsáveis no cotidiano do aluno, devido as amplas jornadas de trabalho: o trabalho doméstico exercido por esses adolescentes no lugar dos seus responsáveis, que além de estudarem ainda trabalham em casa. Essa característica também veio à tona, ao longo desse presente estudo durante as Oficinas Pedagógicas:

Não é tipo assim...isso acontece com a aluna Alessandra, a mãe dela fica fora a semana toda e ela fica responsável. Por mais que você veja ela assim, descaralhada, mas ela é responsável (Aluna Ana Carla)

Enquanto profissionais da Educação, será que nós, de fato, sabemos o cotidiano das nossas alunas e alunos? Pelo menos, em dado momento, tentamos fazer um movimento para colocar-se em seus lugares? Ou pelo menos tentarmos abrir mão da visão estereotipada que compramos como verdade sobre eles? A visão que temos deles pode estar arraigada a reprodução do estigma, que “não querem nada”, “não tem responsabilidade” ou “não pensam no futuro”. A fala da aluna Ana Carla sobre a vivência da aluna Alessandra parece mostrar que, talvez, não tenha sido trazida à tona no ambiente escolar. Será que a escola encontra lugar para superar a visão de uma aluna rotulada como um problema e busca compreensão de suas demandas sociais e de sua fase de desenvolvimento?

Como afirmam Carrano e Dayrrel (2016), é muito comum a associação da imagem da juventude vista como problema, principalmente no que se refere aos casos de uso de drogas, violência, criminalidade, e Gravidez na Adolescência.

A fala da aluna Ana Carla utiliza uma vivência da aluna Alessandra. A aluna Alessandra possui responsabilidades em casa com seu lar e no cuidado com seus irmãos mais novos. Isso acontece enquanto sua mãe trabalha fora ausentando-se de sua casa ao longo da semana. Ou seja, nesse período, a adolescente Alessandra, além de estudar, fica encarregada dos respectivos cuidados do lar. Até que ponto essa realidade pode comprometer seu desempenho escolar ou sua relação com seu

responsável? Será que, nessa circunstância, ainda há espaço e tempo para um diálogo de qualidade? Apesar disso, ainda pode ser possível a construção de diálogos, mas será que acontece de fato? Ao que tudo indica, nas percepções desses adolescentes em questão, configura-se em suas vivências, uma adolescência marcada pela ausência familiar até certo ponto e, conseqüentemente, um sentimento de solidão quanto a uma referência para orientação em assuntos, que perpassam pela Gravidez na Adolescência. Na retomada da fala da aluna 25, esse sentimento pode ser visto: *“Meus pais são muito ocupados...”* e *“eu acabo não tendo mais ninguém para falar sobre isso”*.

Portanto, os olhares sobre os adolescentes na escola devem volta-se para suas necessidades e subjetividades, vistos e percebidos enquanto sujeitos de direitos:

É preciso cuidar para que o sujeito jovem não se transforme num “problema” para a sociedade. Isso pode fazer dele uma nova classe perigosa a ser combatida. Tal postura inibe a compreensão e o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos. Com esse novo olhar – o jovem como sujeito de direitos –, os problemas que o atingem podem ser vistos como expressão de necessidades e demandas não atendidas. Isso pode resultar no reconhecimento de um campo de direitos que desencadeie novas formas e conteúdos de políticas públicas e, principalmente, práticas que reconheçam a juventude nas suas potencialidades e possibilidades e não apenas a partir de seus problemas (CARRANO E DAYRREL, 2016, p.108).

As reverberações das vivências dos adolescentes em família, ora a família presente ora ausente, chegam em que “pé na escola”? Suas potencialidades e possibilidades são visibilizadas na escola? E com suas respectivas famílias? Partindo da ótica da ausência familiar, a escola em determinados pontos pode colocar-se em uma posição privilegiada nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência nas percepções dos alunos ou é um lugar silencioso sobre o assunto? Neste trabalho, a escola ainda se situa em uma posição mais indicada para abordagem do tema que a própria família dos participantes, como visto no debate sobre a importância da educação sexual na escola no início deste capítulo.

As alunas 9, 12, 15 e 24 apresentaram posicionamentos diferentes em suas falas quanto à justificativa para o uso da internet como canal de informação. As alunas 6 e 9 falaram sobre a curiosidade e importância na busca pelo tema. A aluna

12 destacou a busca respaldada em questões voltadas para a saúde reprodutiva, mediante as informações apresentadas pelas médicas na internet. Já a aluna 24 demonstrou em sua busca o sentimento de “alerta” pelo tema, ou seja, a informação em questão tem um direcionamento voltado para o controle e a prevenção ou até mesmo do medo em uma possível situação de Gravidez na Adolescência.

Em outro momento, o aluno Francisco e a aluna Vanessa enalteceram a internet como canal de informação pela diversidade de informações que esse meio pode oferecer aos seus usuários. Em contrapartida, a aluna Alessandra fala sobre os limites desse caminho (internet), abordando suas limitações como ocorre em situações difíceis na vida. Esses diálogos foram percebidos durante a realização da IV Oficina Pedagógica sobre “Onde Buscar informações sobre a Gravidez na Adolescência”:

Na internet a informação é ilimitada! (Aluno Francisco)

Na internet você tem informação sobre o assunto! (Aluna Vanessa)

Como que você desabafa na internet? (Aluna Alessandra)

Os alunos, Francisco e Vanessa a enaltecem, mas a aluna Alessandra questiona os limites dela (internet). Ainda assim, há distinção na busca pelo assunto Gravidez na Adolescência entre os gêneros, visto que apenas algumas alunas buscam informações na internet em comparação aos meninos como canal principal de informação.

O uso da internet como fonte principal de informação como tema principal para buscas sobre assuntos, que atravessam a sexualidade não tem sido novidade no campo acadêmico. A autora Grace Noronha (2009), em seu estudo, destaca essa realidade, pois em seus trabalhos, as alunas e alunos identificam na internet uma fonte acessível e viável para esclarecimentos sobre a Gravidez na Adolescência. Entretanto, existem três pontos importantes que a autora aponta em seus resultados: primeiro, existe uma diferença nos temas selecionados pelos estudantes, enquanto

a maioria das alunas buscam informações sobre a Gravidez na Adolescência, os alunos usam esse espaço para obtenção de informações sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs); segundo, este canal de informação tem sido acessado, mas os adolescentes apontam a necessidade de um cotidiano possível para diálogos que possibilitem esclarecimentos sobre assuntos, que perpassam pela sexualidade como a gravidez; e terceiro, apesar de canal de informação, os estudantes demonstram insatisfação com o distanciamento interacional interpessoal, que pode ocorrer com a busca de informações na rede de comunicações.

As considerações acima reportam aproximações e distanciamentos entre a presente pesquisa e o estudo citado. No que tange, o distanciamento se destaca no presente estudo, que os alunos apontam o canal da internet como maior recurso de informação em relação ao mesmo, sendo esse realizado pelos alunos meninos no acesso. Enquanto isso, no estudo realizado pela pesquisadora Grace Noronha (2009), há igualdade entre os gêneros quanto ao uso da internet. Quanto ao movimento de aproximação, houve um maior sentimento de pertencimento ao tema da Gravidez na Adolescência pelas alunas do que pelos alunos, assim como ocorre neste estudo, visto a participação maior das alunas frente aos alunos.

Retomando os dados dos estudantes participantes deste estudo, houve a participação de vinte e cinco alunos, dentre esses vinte e uma meninas e quatro meninos, respondentes dos questionários. Enquanto nas Oficinas Pedagógicas, houve a participação de catorze alunos, sendo doze meninas e dois meninos

Além disso, ambas as pesquisas demonstram que, apesar dos benefícios da internet enquanto fonte de informações, as alunas e alunos desejam uma aproximação com o tema em seu cotidiano. Essa aproximação poderia ser realizada na visão dos alunos pelos próprios familiares ou pela escola, visto que na visão dos estudantes, a internet ainda não proporciona um canal de troca qualitativo para os participantes dos estudos. Assim sendo, retomo a fala da aluna Alessandra, sobre os limites que reconhece na internet, para lidar com questões que envolvem sentimentos e apreensões deste estudo: ” *Como que você desabafa na internet?*”

Embora a internet tenha sido apontada como fonte principal para obtenção de informações sobre a Gravidez na Adolescência, existem outras possibilidades

que justificam esse instrumento como lugar procurado pelos adolescentes. A autora Claudia Prioste (2013), em sua tese, apresenta alguns fatores motivacionais que retratam o interesse dos adolescentes por esse espaço: em primeiro lugar, encontra-se o uso das redes sociais; em segundo, os jogos virtuais; em terceiro, o acesso ao Youtube e seus vídeos de humor; e por fim, o sexo virtual; apontado com maior frequência pelo alunado masculino.

Além disso, pressupõe-se que o uso da internet pode estar associado a um sentimento de vergonha presente no discurso das alunas na abordagem do tema da gravidez e educação sexual. Como visto que na primeira pergunta do questionário: *“A gravidez na adolescência ainda é vista como um assunto tabu em nossa sociedade. Por que quase não se fala sobre isso? O que você pensa sobre esse assunto?”*, oito alunas justificaram a ausência de discussões sobre a temática da Gravidez na Adolescência relacionadas a presença da vergonha. Esse registro não ocorreu nos discursos dos alunos do gênero masculino. A partir disso, podemos presumir que existe uma diferença entre os gêneros quanto a assuntos, que perpassam pela construção das sexualidades. No estudo da pesquisadora Grace Noronha (2009), Claudia Prioste (2013) e nesta pesquisa percebe-se uma abertura maior dos alunos em comparação as alunas para busca pela compreensão de suas sexualidades.

Para CLAUDIA PRIOSTE (2013), a internet pode ser percebida pelos estudantes como um espaço para o estabelecimento de vínculos entre os círculos sociais e um canal para aceitação próprio em determinado grupo como uma “esfera de proteção social”. A aluna 3, durante a Oficina Pedagógica IV: Ser Adolescente, relatou sobre seu uso da internet no cotidiano:

Eu sou antissocial, com poucos amigos, mas os pouco que eu tenho são os melhores. Não gosto e nem aceito meu corpo, tento me mostrar a mais bela e perfeita possível pela internet para ver se assim as pessoas possam me aceitar. Tenho um estilo meio maloqueiro, mas me mostro menininha para agradar a sociedade. Meu cabelo é ondulado e volumoso, mas aliso para se adaptar a sociedade, coloquei aparelho para melhorar os dentes... Não me aceito simplesmente isso.

Na fala da aluna, apesar do discurso marcado pela ausência de aceitação de si mesma. Ela, entretanto, tenta vender uma imagem que possa ser aceita na

sociedade através do uso da internet pelas redes sociais. Apesar desse estudo não ter como proposta um aprofundamento dos impactos das tecnologias de informação e comunicação sobre os adolescentes, essa realidade é um assunto, que faz parte dos sujeitos desta pesquisa, nossas vidas e também do nosso tempo histórico: século XXI (ANA CASTRO, 2010).

### 3.2.2. Ausência na busca de informações

Nesta seção, apresentam-se reflexões sobre as possíveis razões para a ausência na busca de informações sobre a Gravidez na Adolescência, a partir das reflexões dos alunos. As discussões podem ser vistas nas falas dos alunos abaixo, mediante suas respostas retomando a primeira pergunta do questionário: “*A Gravidez na Adolescência ainda é vista como um assunto tabu em nossa sociedade. Por que quase não se fala sobre isso? O que você pensa sobre esse assunto?*”

Não falo muito sobre isso, porque no meu caso não vejo motivo (Aluna 7)

Sinceramente, eu não procuro saber sobre o assunto, já passei uns sufocos por achar estar grávida, mas nunca procurei saber sobre o assunto (Aluna 17)

Lugar nenhum (Aluna 19)

Pode-se perceber que as alunas 7 e 19 demonstraram ausência de busca sobre o tema da Gravidez na Adolescência, pois este não se encontra apontado como um assunto pertinente ao seu cotidiano. Entretanto, a aluna 17 apresenta um comportamento contraditório pois, apesar de não buscar informações sobre a Gravidez na Adolescência, esta viu-se em determinadas situações de uma possível gravidez, ou seja, mesmo tendo explicitado sua vivência enquanto possível gravidez ocorrida em sua vida, a aluna permaneceu em sua ausência de busca pelo tema.

Dentre os vinte cinco participantes do estudo, respondentes ao questionário, sete alunas e três alunos parecem demonstrar ausência de interesse na busca pelo tema Gravidez na Adolescência. Este valor referente aos meninos representa um dado significativo pois, retomando os dados absolutos desta pesquisa, temos vinte e uma meninas participantes e quatro meninos. Isso quer dizer que, dentre os quatro meninos, três apontaram ausência de busca pelo assunto. Por que será que esses meninos se comportaram dessa forma?

A pesquisadora Grace Noronha (2009) identificou esse mesmo comportamento em sua pesquisa, tendo apontado uma das causas como o aumento, na atualidade, de informações disponibilizadas na internet sobre temas que atravessam a Gravidez na Adolescência como a sexualidade.

Nesta presente pesquisa sobre Gravidez na Adolescência revisitada pelos Estudos de Gênero, percebe-se na fala dos alunos algumas hipóteses para tal comportamento referente a ausência na busca de informações sobre o tema. Assim, pressupõe-se outras considerações apontadas pelo campo estudado como a percepção de que o tema em questão não contempla sua orientação sexual, ou seja, o tema Gravidez na Adolescência, uma vez tratado enquanto reprodução humana, exclui a possibilidade da abordagem de uma temática voltada para a diversidade sexual. Essa realidade pode evidenciar-se no quadro 3, a partir da fala dos seguintes alunos:

Quadro 3: Informações que não contemplam a diversidade sexual

Menina	Menino
<p>A maioria das pessoas vão fazer sexo, portanto, acho que cabe a família orientar ou fazer sexo seguro respeitando a diversidade por exemplo: sexo lésbico. Ninguém fala como se proteger). Obs.: a maioria das pessoas não sabe que sexo entre mulheres precisa sim de proteção, como preservativo feminino (pouquíssimo conhecido), o plástico filme. (Aluna 2)</p>	<p>Gravidez na adolescência deve se falar mais nas escolas, porque mesmo não precisando dessa ajuda, pode ajudar muitas meninas a tomar cuidado. E outra coisa que eu também acho que se deve falar em escola é sobre orientação sexual, gênero. Isso ajuda agente do Grupo LGBT até mesmo a elas, pra eles não crescer com isso na cabeça que é errado ou pra eles não tornarem um monstro que é um(a) homofóbico(a). (Aluno 23)</p>

Fonte:(elaborado pelo autor, a partir do questionário respondido pelos alunos na questão 1)

Evidenciam-se nas falas da aluna 2 e do aluno 23 seus respectivos motivos para sua ausência de busca em relação a informações sobre a Gravidez na Adolescência. Uma das hipóteses para tal posicionamento perpassa pela sua orientação sexual, pois percebe-se em seus discursos um posicionamento explícito de suas orientações: ambos são homossexuais, a menina lésbica e o menino gay.

Mesmo assim, ambos alunos apresentam informações sobre Educação Sexual voltada para a Diversidade Sexual, em contrapartida ao tema da Gravidez na Adolescência. A aluna 2 aponta buscar informações voltada para obtenção de métodos contraceptivos para exploração de sua sexualidade segundo sua própria orientação sexual. Assim como a aluna 2, o aluno 23 também não se percebe na temática da Gravidez na Adolescência.

O autor Alexandre Bortolini (2008, p. 39) fala sobre a necessidade de uma educação sexual que contemple a diversidade na escola, afinal as discussões sobre sexualidades em construção, ou seja, as vivências de suas sexualidades, devem ir além de um conceito universal sobre o assunto:

Quando pensamos que relações de poder estão em jogo na escola agindo para construir o sujeito e o outro, como em outros recortes, também no campo do gênero e da sexualidade se impõe uma universalidade estabelecida a partir de um modelo identitário hegemônico, entendido ali como a própria identidade humana. Assim, falamos homem quando nos referimos a toda a humanidade. E falamos de todos e todas tendo a heterossexualidade como pressuposto universal

Assim, a escola deve olhar para alunas e alunos, tendo em vista um posicionamento crítico referente a diversidade sexual, que existe em nossa sociedade. As vivências no ambiente escolar atravessam a vida de cada indivíduo, gerando impactos em suas trajetórias. Portanto, a escola, enquanto um lugar aberto para todos, deve exercer esse papel de forma crítica, inclusive em assuntos, que lidam com as especificidades e subjetividades dos indivíduos na construção de suas sexualidades.

Apesar disso, na visão do autor Alexandre Bortolini (2008), a escola tem tentado estar mais aberta para a diversidade sexual dos alunos, mas esse movimento

em grande parte tem ocorrido como consequência direta do posicionamento das alunas e alunos frente ao assunto.

Outra hipótese para ausência na busca de informações, atravessa a presença da religião como um dos fatores, em relação ao afastamento das adolescentes em questões sobre a sexualidade, uma vez que determinadas religiões associadas ao Cristianismo apontam que a vida sexual deve ser exercida apenas após o casamento. Neste estudo, entre os vinte e cinco participantes, vinte consideram-se adeptos ao cristianismo, sendo quinze evangélicos, cinco católicos, quatro sem religião e um budista. Esse questionamento pode ser percebido na fala abaixo:

Sinceramente, acho que o ser humano testa tudo o que NÃO CONHECE como tabu, logo, práticas normais se tornam um “pecado”. (Aluna 25)

A aluna 25 pressupõe, em seu discurso, que as pessoas podem ausentar-se na busca por informações referente a Gravidez na Adolescência, pois percebem a temática como incitação a algo errado: “pecado”. Esse registro ocorreu a partir da primeira pergunta do questionário. Nas Oficinas Pedagógicas, o tema da religião apareceu na fala dos alunos sobre a amamentação. Já abordado na seção inicial deste capítulo sobre sexualidades.

### 3.2.3. Percepções da Família

A questão número 11 do questionário, em sua primeira parte, indaga os estudantes sobre a possibilidade de diálogo com seus respectivos responsáveis sobre a Gravidez na Adolescência. Essa informação segue-se na Tabela 22:

Tabela 22: “Você conversa com seus responsáveis sobre gravidez na adolescência”?

Resposta	Quantitativo
Não	14
Sim	9
Raramente	1
Ver Séries	1

Fonte:(elaborado pelo autor através do questionário respondido pelos alunos na questão 11)

Entre os respondentes, 14 alunos responderam que isso não acontece, enquanto 9 alunos responderam que isso ocorre com seus responsáveis. Ou seja, a maioria dos alunos não vive a possibilidade de dialogar com seus responsáveis sobre o assunto. O aluno 25 respondeu: “*raramente*” e a aluna 14 disse que sua fonte de informação sobre a temática da Gravidez na Adolescência ocorre através de séries.

Na segunda parte da mesma pergunta, na Tabela 23, o direcionamento busca saber o papel da família nos diálogos sobre a Gravidez na Adolescência. Apesar da maioria dos estudantes desta pesquisa terem respondido que não dialogam com seus responsáveis sobre a Gravidez na Adolescência, ainda assim vinte e um alunos apontaram que a família representa uma fonte de orientação para abordagem do tema. Esse paradoxo de respostas pode apontar para o desejo que existe entre as alunas e os alunos pela presença de seus respectivos responsáveis no assunto, mesmo PARECENDO essa vontade ser distante de suas realidades.

Tabela 23: “*Na sua opinião qual o papel da família nesse assunto?* ”

<b>Resposta</b>	<b>Quantitativo</b>
Orientação	21
Inibição frente ao assunto	3
Sem resposta	1

Fonte:(elaborado pelo autor através dos questionários respondidos pelos alunos na questão 11, primeira parte)

A orientação e cuidado aos seus filhos pela família tem respaldo na legislação brasileira segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988, Código Civil e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A pesquisadora Adriana Maluf (2010, p.59) em seu estudo aborda as novas modalidades de família neste século.

Dentre alguns pontos levantados desta pesquisa, destaca-se, para diálogo com este estudo, a função social da família:

A família, agregação social, lócus privilegiado de inserção do indivíduo, tem por função precípua a proteção da vida privada, familiar, bem como da socialização de seus membros, provendo-os de afeto, de segurança, possibilitando, assim, o desenvolvimento de sua personalidade, tendo em vista o momento histórico onde está inserida, devendo, para tanto, adequar-se às mudanças externas e internas ocorridas no meio social. Pode-se ser então entender como uma das funções basilares da família viabilizar a formação e a socialização do indivíduo.

A partir da autora Adriana Maluf (2010) e da legislação brasileira, podemos inferir que a função social da família deve voltar-se para uma realidade permeada pelo diálogo e autocuidado. Com isso, passa a ser caracterizado pelo afeto, segurança e desenvolvimento do sujeito no meio privado e no público. Portanto, a formação do sujeito em sua primazia pode e deve constituir-se no seio familiar segundo um movimento de troca com a cultura social do tempo histórico correspondente.

Apesar dessa responsabilidade instituída socialmente e legalmente, os sujeitos dessa presente pesquisa sobre Gravidez na Adolescência apontam uma ausência familiar em sua formação. Os responsáveis dos alunos, mediante suas percepções trazidas à tona através deste estudo, encontram-se em uma condição de ausência/negligência com sua formação no quesito Educação Sexual para o autocuidado e vivência de suas sexualidades.

Porém, os alunas e alunos apresentaram o desejo da presença de suas famílias nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência. Isso pode ser percebido nas falas abaixo no Quadro 4:

Quadro 4: Presença familiar em diálogos sobre a Gravidez na Adolescência

Meninas	Meninos
O papel é conscientizar, conversar e explicar. Muitas engravidam por não terem esse tipo de ajuda (Aluna 8)	Eles são muito importantes, já que eles são os responsáveis por nos orientar, a maioria dos adolescentes só ouvem os pais (Aluno 6)
É muito importante o papel da família como base sobre esse e outros assuntos (Aluna 13)	Vital para a estabilidade emocional dos envolvidos. (Aluna 25)
Conversar e orientar seus filhos sendo homem ou mulher (Aluna 20)	

Fonte: (elaborado pelo autor através dos questionários respondidos pelos alunos na questão 11, segunda parte)

Através da análise do conjunto de falas dos alunos, é possível identificar vários papéis que eles atribuem à família em relação com o tema da Gravidez na Adolescência. Os alunos apresentaram o desejo pela presença familiar nas discussões sobre o tema de estudo. Pode-se perceber que os alunos falam sobre a responsabilidade da família na orientação sobre o tema, inclusive defendendo que os adolescentes estão abertos para ouvir seus respectivos responsáveis. Eles apontam que, quando a família conscientiza, conversa e explica sobre a Gravidez na Adolescência, as probabilidades desse acontecimento ocorrer acabam sendo reduzidas pela presença do diálogo. Também abordam a importância de sentir-se à vontade com sua família como um dos motivos para a construção de diálogos sobre o assunto. Além disso, falam sobre a necessidade dos responsáveis conversarem com ambos os adolescentes sobre a Gravidez na Adolescência, ou seja, meninas e meninos devem receber apoio e orientação em relação ao assunto, pois na sua visão um gênero não deve ser visibilizado em comparação ao outro.

Em suas falas, os alunos apresentam o desejo pela participação de suas famílias nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência. Porém, a aluna 22 apresentou outra realidade que pode acontecer na Gravidez na Adolescência:

Na minha opinião acho que os pais devem ser amigos, apoiar as pessoas, pois a maioria das vezes eles expulsam de casa, sem antes ter alertado os filhos (Aluna22)

A aluna 22 defende a importância da construção dos laços de amizade e apoio, que devem acontecer entre os filhos e os responsáveis. Além disso, fala sobre

uma situação que muitas vezes pode acontecer com adolescentes que viveram a experiência da Gravidez na Adolescência: a temida expulsão de casa. Desse modo, retomando a fala final dessa aluna, podemos refletir sobre responsáveis que não apresentam orientações para seus filhos sobre Educação Sexual, nesse caso com recorte sobre a Gravidez na Adolescência. Porém uma vez que isso aconteça em suas casas, agem tomando o posicionamento de expulsá-los do seu próprio lar. Com isso segue-se uma proposta dos responsáveis permeada pela Desorientação Sexual, que se finaliza com a eliminação do acontecimento em questão pela violência do ato.

Assim, desse modo, podemos retomar a fala da aluna 25, pois destaca a necessidade de cuidado com o estado emocional dos integrantes no processo, uma vez que a família estando presente na vida dos seus filhos, seja em casos de Gravidez na Adolescência ou não, o autocuidado um pelo outro deve estar sendo gerado nos momentos de diálogo sobre o assunto.

A ausência de orientação familiar sobre a Gravidez na Adolescência e seus assuntos correlatos como a própria sexualidade dos sujeitos em construção reflete-se na fala dos alunos, que apontam suas realidades sobre essa questão:

Eu acho que minha mãe não gosta de tocar no assunto.

(Aluna 16)

Minha mãe já pediu para eu ser sincera com ela sobre virgindade, mas esse foi o máximo onde chegamos. Minha família não aceita.(Aluna 17)

Desde o momento que a menina tem a primeira menstruação eles devem falar sobre sexo seguro e sobre gravidez, e o mesmo com os meninos, se ela aparecer grávida foi por falta de aviso, porque os pais não têm que ter vergonha e falar com seus filhos. (Aluno 23)

Os pontos abordados pelos alunos sobre o despreparo dos seus responsáveis para lidar com a temática da Gravidez na Adolescência atravessam apontamentos sobre o início da vida sexual, com questionamentos sobre virgindade (aluna 17), o responsável não gostar de tocar no assunto (aluna 16) e a ausência de conhecimento

biólogo para falar sobre a saúde reprodutiva dos respectivos filhos (aluno 23). Além disso, o aluno 23 chama atenção para o sentimento de vergonha sobre assuntos como a Gravidez na Adolescência, que pode estar presente na vida dos responsáveis.

A palavra alerta atrelou-se nas falas dos alunos, tratando-se do papel da família no tema da Gravidez na Adolescência. Isso pode ser visualizado no Quadro 5:

Quadro 5: Papel da família na Gravidez na Adolescência

Meninas	Meninos
Acho que é instruir/ alertar as coisas. (Aluna 4)	Acho que o papel da família deveria ser alertar os filhos, conversar sobre o assunto e dar conselhos (Aluno 5)
Alertar e dar conselhos, porque eles são de principal importância. (Aluna 18)	

Fonte: (elaborado pelo autor através dos questionários respondidos pelos alunos na questão 11, segunda parte. Destaque para a palavra “alerta”)

A recorrência da palavra alertar (o termo apareceu sete vezes) foi usado pelos alunos para definir um caminho para uma Orientação voltada para a Gravidez na Adolescência. Esse alertar parece-me carregado pelo sentimento de medo, vinculado a diálogos que não conseguem ultrapassar a barreira do controle, prevenção e até mesmo punição caso aconteça algum episódio de Gravidez na Adolescência. Ao longo da pesquisa, a família desses alunos reverberou um distanciamento de suas filhas e filhos quanto a assuntos que atravessam a Gravidez na Adolescência como o autocuidado e o prazer na experimentação de suas respectivas vidas sexuais em andamento.

Os alunos participantes deste estudo apontam para a vivência de um aprendizado da sexualidade no seio familiar gerido pelo sentimento de medo e controle sem espaço para outras possibilidades de reflexões sobre suas sexualidades em construção. O exercício da sexualidade deve estar pautado apenas no sentimento de um alerta constante? Esse limite não deve ser ultrapassado?

Para autora Helena Campos (2017, p.114), esse limite deve ser ampliado além das fronteiras do medo e do controle, visto que a saúde reprodutiva sexual dessas alunas e alunos adolescentes se encontra em jogo. Nisso, a autora em questão fala sobre alguns pontos levantados pela sua pesquisa, referente às percepções dos adolescentes sobre o assunto:

No entendimento destes adolescentes quando se fala em sexualidade é sempre sobre prevenção, o foco é sempre na doença, relacionada ao medo da gravidez e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Não há diálogo sobre seus direitos sexuais, nem sobre o exercício positivo da sexualidade, sua dimensão amorosa, relacional, de prazer e intimidade, o que constata a interdição de discussão aberta sobre esses temas. Adolescentes desejam dialogar sobre temas relacionados à própria vida, às suas vivências amorosas e relacionais, o que coaduna com uma educação em sexualidade emancipatória que contemple aspectos cognitivos e também afetivos.

A dinâmica interacional sobre o tema da sexualidade adolescente em construção, junto com os sujeitos que participam dessas discussões como sua própria família e a escola, precisa estar aberta para novas reflexões sobre o assunto e para elaboração coletiva de uma teia de diálogos associados aos anseios e desejos reais desses estudantes sobre suas sexualidades. Isto quer dizer que alunas e alunos adolescentes precisam e devem ser ouvidos. Os anseios e desejos devem ser vistos em uma ótica que exceda as fronteiras dos possíveis riscos ou consequências da vivência sexual. Portanto, este estigma do “alerta” dever ser questionado e mudado, para que com isso seja possível uma vivência sexual atravessada pelo prazer, liberdade e autocuidado consigo mesmo e com o outro. A autora Elaine Brandão (2003, p. 60) aduz pontos relevantes na presença familiar na formação da individualização dos sujeitos:

Na lógica da intimidade familiar, o sentimento de afeição propiciaria o reconhecimento do outro, relativizando as posições que este ocupa e os atributos que condicionam sua inserção no grupo familiar (gênero, idade, etc.). Desse modo, a família é investida de importância não só como instituição social, mas primordialmente como lócus relacionais.

A família em nosso tempo histórico pode ser percebida e reconhecida como um lugar para construção de afetos e formação de identidades pessoais, ou seja, um canal potencial para configuração sobre a individualização dos sujeitos

adolescentes em formação. Se no passado, ela estava apenas associada a um modelo reprodutor dos sistemas de gênero e classe dominantes, hoje a família ganha outros redimensionamentos (ELAINE BRANDÃO, 2003).

Os estudos das autoras Elaine Brandão (2003), Adriana Maluf (2010) e Helena Campos (2017) apontam a família como um lugar apropriado para as discussões, que se situam no campo das sexualidades em construção como o tema da Gravidez na Adolescência. Afinal, a família, uma vez sendo considerada enquanto uma fonte potencial de afetos, pressupõe-se que não haja fronteiras para elaboração de diálogos sobre assuntos como a Educação para as Sexualidades em formação dos adolescentes. Porém, será que todas as famílias alcançaram esse posicionamento para o diálogo em uma esfera afetiva e relacional? Neste presente estudo, meninas e meninos adolescentes destacaram a ausência familiar em suas vidas em assuntos referentes a suas sexualidades, apesar de legitimarem em suas falas, as famílias como lócus centrais para o debate. Portanto, embora algumas mudanças nas relações familiares sejam identificadas ao longo do tempo, essa realidade ainda não reverberou em todos os espaços familiares, como se constatou no ambiente pesquisado. Essa diferença entre as famílias pode ser identificada na fala da aluna Margarida:

Depende da família, tem família que conversa abertamente, sem criar nenhum tabu com o assunto. Mas tem família que é mais tradicional. Se conversar sobre o assunto vai sexualizar a criança e ela vai querer fazer.

A aluna Margarida lança luz sobre a diversidade de famílias, que contemplam nossa sociedade sendo algumas abertas para o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência, enquanto outras apresentam uma postura “mais tradicional”. Inclusive acredita que o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência tem o poder para influenciar seus filhos ao exercício de suas vidas sexuais sem autocuidado.

O termo diversidade, quando abordado muitas vezes, pode ser associado ao público LGBTI, porém pode ser revisitado como um conceito relacionado a variedade de indivíduos e vivências, que subsidiam as relações sociais. Portanto, voltando-se para os sujeitos deste estudo, a ótica homogeneizadora que paira em

alguns momentos sobre nossos olhares, frente aos nossos alunos adolescentes deve ser mudada, pois dependendo das suas relações familiares e vivências construídas na sociedade, esse adolescente no contexto de suas subjetividades enquanto indivíduo em formação encontra-se em outro lugar, indo além dos estigmas associados a essa fase de vida.

Quanto aos diálogos construídos no ambiente familiar sobre a Gravidez na Adolescência, percebe-se na fala dos alunos um direcionamento voltado para uma correspondência dos gêneros:

A minha mãe. Porque ela é minha melhor amiga e consigo me abrir com ela. (Aluna 10)

Com minha mãe, porque ela é a melhor pessoa (Aluna 18)

Ainda em relação à família como canal de informação, constatou-se que as alunas apontaram suas mães como ponte para o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência. As alunas destacaram como justificativa suas mães sendo suas melhores amigas para o exercício dessa atividade. Já os alunos, quando citaram a família como canal de informação, usaram o termo pais como fonte, referindo-se sem definição de gênero para tal busca sobre o assunto:

Na internet, com meus pais (Aluno 5)

Na internet ou na família. Porque eu posso tentar ajudar uma pessoa com informações. (Aluno 23)

Quando ocorre o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência nas famílias, esse encontra-se marcado nesse grupo estudado pela polarização dos gêneros, ou seja, quando ocorre o diálogo na família, esse volta-se ocorrendo entre as alunas e suas mães, não tendo sido registrado um direcionamento polarizado na fala dos alunos, mas generalizado. Não houve registro da presença paterna, sendo apontado como referência nos diálogos sobre Gravidez na Adolescência ao longo dos dados produzidos pelos questionários, mas durante o desenvolvimento das Oficinas Pedagógicas. Esse fato aconteceu mediante a colocação de uma aluna e de um aluno do estudo:

Minha mãe fala diferente em relação ao meu pai. Minha mãe diz que se eu fizer isso...vai acontecer isso comigo, já meu pai fala pra eu aproveitar mesmo (Aluna Ana Carla)

Meu pai fala que não sou apenas seu filho, mas também seu amigo, que quisera ele na época dele conversar assim. Ele não teve essa liberdade com os pais de conversar assim. Ele fala comigo: Você é um garoto bom, o que você precisar chega e fala comigo (Aluno Francisco)

A aluna Ana Carla apresenta uma comparação entre o discurso falado pela sua mãe e pelo seu pai quanto à Gravidez na Adolescência. Enquanto a mãe apresenta-lhe um discurso voltado para as “consequências” da vivência sexual, em contrapartida seu pai oferecia-lhe outro panorama sobre o assunto direcionado para vivência sexual. O aluno Francisco falou da experiência de diálogos com seu pai, que permite uma abertura para dialogar consigo, inclusive, comparando esse momento com sua própria vida, uma vez que ele não teve oportunidade de dialogar com seu próprio pai quando adolescente.

Antes da Constituição Federal de 1988, o domínio familiar era definido pelo “pátrio poder”, isso quer dizer que a figura paterna tinha direitos prioritários referente aos seus filhos, inclusive em situações de divórcio, porém em nossa atual Constituição esse domínio reconfigurou-se em um “poder familiar”, ou seja, ambos os cônjuges apresentam direitos e deveres na formação dos seus filhos (ADRIANA MALUF, 2010).

Entretanto, no campo prático, em determinados assuntos como a Gravidez na Adolescência, a legislação defendida, não se aplica à realidade das famílias, visto a polarização dos gêneros, sobretudo no tema em questão, pois as alunas, em sua maioria, apontaram suas mães como fonte de informação para o assunto em comparação aos seus pais, mas historicamente, não é assim?

Em uma escala de fonte de informações podemos inferir que o grupo de participantes deste estudo em questão apontam a escola como terceiro lugar em nível de fonte de informações: Internet > Amigos > Escola > Família. A escola foi indicada junto com a família como um dos últimos lugares para obtenção de informações sobre a Gravidez na Adolescência. Mesmo assim, ainda é vista como

fonte de busca sobretudo quando os referenciais familiares se tornam incipientes enquanto referenciais de informação. O aprofundamento deste assunto foi investigado no quinto capítulo deste estudo.

## 4. “Ausência de Discussões” sobre a Gravidez na Adolescência

O tema da Gravidez na Adolescência neste estudo encontra-se apontado pelos estudantes participantes da pesquisa como pouco discutido na escola e na sociedade. Entre as razões para tal comportamento foram destacados pelos alunos os seguintes pontos: ausência de importância, ausência de naturalidade, desconforto associado ao sentimento de vergonha e medo. Isso pode ser percebido nas seguintes falas:

Talvez porque os pais/responsáveis e no colégio, não tratam sexo com naturalidade (ainda mais entre jovens), vale frisar que falar sobre, não é incentivar. (Aluna 2)

Sinceramente não entendo o motivo de quase não se falar desse assunto. (Aluno 5)

Os alunos falam sobre a falta de naturalidade na abordagem sobre Gravidez na Adolescência devido à falta de percepção sobre o tema, visto que este faz parte de nossa vida. O tema Gravidez na Adolescência pode ser considerado um conceito guarda-chuva, que apresenta consigo outros assuntos atrelados como o início da vida sexual de cada adolescente. Os alunos apontam a ausência de naturalidade dos responsáveis, escola e sociedade frente à Gravidez na Adolescência como uma forma de negação da existência/exercício de vida sexual entre si mesmos e sobretudo quando o assunto trata-se dos próprios adolescentes.

No que tange, a ausência de discussões sobre a Gravidez na Adolescência situa-se na fala das alunas no Quadro 6, o sentimento de vergonha relacionado à abordagem do tema.

Quadro 6: Sentimento de Vergonha

Meninas	Meninos
Acho que as pessoas se sentem desconfortáveis falando sobre isso.(Aluna 7)	
As pessoas não se sentem à vontade para falar sobre o assunto e muitos acham, que não é apropriado.(Aluna 8)	
Eu acho que as pessoas não falam sobre isso por vergonha.(Aluna 14)	
Porque é um assunto bastante pessoal.(Aluna 19)	

Fonte: (elaborado pelo autor através dos questionários respondidos pelos alunos na questão 1, segunda parte)

O desconforto, o inapropriado, a vergonha e a intimidade são assuntos apontados como obstáculos nas discussões sobre a Gravidez na Adolescência. Esses sentimentos foram apontados com exclusividade pelas alunas em comparação aos alunos. A partir disso, podemos presumir que neste grupo de estudantes, os alunos apresentam maiores possibilidades de discutir sobre o tema do que as alunas? Será que nossas alunas têm o mesmo espaço para discussão que os alunos? Por que nenhum aluno apontou o sentimento de vergonha como fator motivacional para ausência de discussões sobre a Gravidez na Adolescência?

A autora Karla Ribeiro (2010, p.88), em sua pesquisa sobre a sexualidade dos adolescentes paraibanos e suas possíveis vulnerabilidades, também trouxe à tona o sentimento de vergonha, que permeia as discussões sobre a Gravidez na Adolescência entre os sujeitos envolvidos no processo:

A grande preocupação em procurar o posto de saúde e o medo da descoberta da vida sexual pelos pais e a vergonha atribuída pela conotação dada pela sociedade para essa iniciação na adolescência, o qual se apresenta como algo vergonhoso, que deve ser escondido

O sentimento de vergonha e a ausência de abertura para o diálogo em suas famílias levam os adolescentes participantes do estudo citado à busca por informações, sobre a construção de suas sexualidades em espaços que ultrapassam sua família, escola ou amigos como os postos de saúde. Como visto, neste presente estudo o canal principal de busca para obtenção de informações pelos adolescentes foi o uso da internet.

Indo do sentimento de vergonha abordado acima, pode-se passar para o medo, que pode gerir a Gravidez na Adolescência em curso. Afinal, ela pode refletir uma possibilidade de mudança na dinâmica dos adolescentes envolvidos no processo e suas respectivas famílias. Segundo a pesquisadora Nadia Novena (2004, p. 204):

A ocorrência da gravidez na fase da adolescência em geral leva as famílias envolvidas a refletirem sobre algumas questões como: interromper ou não a gravidez, esconder ou não a gravidez para os amigos e familiares próximos, continuar morando com os pais, casar-se e/ou viver com o pai da criança, o sustento e o amparo financeiro que essa situação exige.

Todos os atores envolvidos na Gravidez na Adolescência passam por mudanças em suas vidas, entretanto a gravidez ocorrida pode ser considerada a mesma para meninas e meninos? Essas mudanças são iguais para ambos ou existem diferenças no processo? O medo pode ser percebido na fala dos alunos:

Porque tem muitas meninas que tem medo da reação das pessoas, por isso algumas abortam. (Aluna 20)

Quase não se fala esse assunto na escola ou até dentro de sala de aula, porque é um assunto muito cuidadoso de se falar ( mesmo que seja uma bobagem pras meninas), muitas das vezes as meninas tem medo de contar pros seus pais que tiveram uma relação sexual, por causa da idade delas, mas elas também se esquecem as consequências que isso dar, pode causar doenças sexualmente transmissíveis pelo sexo, também pode engravidar.(Aluno 23)

A presença do juízo de valores encontra-se presente na fala da aluna e aluno, que apontaram o medo como meio para justificar a ausência de discussões sobre a Gravidez na Adolescência. Assim, desse modo, o que as pessoas determinam como comportamento aceitável e ideal na sociedade acaba fazendo parte da vida desses adolescentes. Entre a manutenção de uma gravidez ou um aborto, a escolha pelo aborto pode ser considerada, na fala da aluna 20, como possibilidade para negação do exercício da vida sexual. A virgindade ainda é um assunto que gera impacto entre os estudantes. Esse silêncio sobre a vida sexual em andamento, ou seja, sua negação com a ausência de orientações de autocuidado pode levar as alunas e alunos a viverem momentos de dificuldades. Na fala do aluno 23, as consequências dessa

negação do exercício de vida sexual, podem vir à tona através das Infecções Sexualmente Transmissíveis ou uma Gravidez não-prevista. A pesquisadora Helena Campos (2017, p. 108), em seu estudo com adolescentes, defende a necessidade do rompimento de fronteiras nos diálogos sobre suas sexualidades em construção:

Propiciar informações qualificadas e ampliação de conhecimentos sobre direitos sexuais aos adolescentes pode favorecer a vivência prazerosa e segura da sexualidade, reduzir a vulnerabilidade aos riscos associados à saúde sexual e favorecer relações mais satisfatórias, compreensivas e igualitárias

O rompimento do silêncio nas discussões sobre sexualidade pode fornecer aos adolescentes recursos para uma vivência potencial de suas sexualidades indo além do discurso sobre prevenção e controle, mas permitindo o desenvolvimento de uma vida sexual permeada pelo autocuidado e prazer sem o paradigma do tabu associado ao tema nessa etapa da vida.

Outro ponto que deve vir à tona abrange a realização de um movimento voltado para contemplação das percepções das alunas e alunos sobre o tipo de abordagem, que eles desejam obter (ver/acontecer) sobre o tema da Gravidez na Adolescência, que acaba atravessando suas sexualidades em formação. Esse tipo de abordagem deve estar associado aos saberes dos adolescentes, uma vez que sua saúde sexual encontra-se em jogo (HELENA CAMPOS, 2017).

#### **4.1. Percepções sobre a Gravidez na Adolescência**

Será que nossas alunas e alunos podem contribuir nas reflexões sobre a Gravidez na Adolescência? O que de fato elas e eles pensam sobre o assunto? Partindo dessa indagação, como uma das questões norteadoras deste estudo, apresentamos as percepções das alunas e dos alunos sobre o tema. Dentre as possibilidades de reflexão sobre o assunto, emergiram alguns pontos nos discursos dos estudantes. Esses apontamentos podem ser vistos na Tabela 25, onde foram analisadas as respostas dos alunos geradas pela questão 2 do questionário: “*Quais os motivos da gravidez precoce*”?

Tabela 25: Razões para Gravidez na Adolescência

<b>Razões para Gravidez na Adolescência segundo os estudantes...</b>	<b>Meninas</b>	<b>Meninos</b>
Falta de Informação (Orientação)	9	3
Falta de Preservativos	10	2
Vontade própria	3	1
Falta de Responsabilidade e Maturidade	7	1
Falta de Experiência	2	1
Falta de comunicação com a família	4	1
Atividade Sexual precoce	3	1

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir da questão número 2 do questionário)

Entre os alunos, a falta de informação (orientação) e métodos contraceptivos tem sido a principal razão para ocorrência da Gravidez na Adolescência. Seguidos desses apontamentos, indicaram a falta de responsabilidade e maturidade na vida. Porém podemos pensar, que apenas essas informações legitimam a Gravidez na Adolescência? A partir da tabela acima, foram selecionadas algumas falas dos alunos sobre as razões para a Gravidez na Adolescência:

Como eu disse, as vezes é falta de atenção ou estupro. As vezes elas pensam que como perderam a virgindade acham que não vão engravidar (Aluna 11)

Falta de informação, muitos acabam por ser a primeira vez que não , não engravidam entre outros motivos. Curiosidade por ser um assunto tão “proibido” para desvendar os mistérios do assunto, pressão dos amigos e sociedade (Aluna 13)

Os motivos são que as meninas não usam preservativo. Porque a maioria das meninas perdem a virgindade cedo e deve achar que não vão engravidar (Aluna 24)

Nas possíveis razões para a gravidez adolescente, os alunos falaram sobre a ausência de cuidados nas relações sexuais, que podem culminar com a Gravidez na Adolescência, inclusive falando sobre a virgindade, pois alguns alunos acreditam que na primeira relação sexual não existe a possibilidade para engravidar nessa experiência. Além disso, os alunos apontaram sobre situações de violência, que a Gravidez na Adolescência pode ser resultado como em casos de estupro. Ainda é evidenciada a influência de amigos ao longo do processo do início da vida sexual.

#### **4.2. “Possíveis razões” para a Gravidez na Adolescência**

Esta seção volta-se para dialogar com os assuntos abordados acima sobre as possíveis “razões” para a Gravidez na Adolescência. Essa proposta pretende compreender os posicionamentos enunciados pelas falas dos adolescentes:

Acho que pela falta de diálogo dos pais com os filhos sobre esse assunto acaba os deixando sem as informações e cuidados necessários. (Aluno 5)

Na minha opinião é falta de informação. Acho que uma aula de educação sexual seja a solução para a grande parte dos problemas.(Aluna 25)

As percepções dos alunos sobre a falta de informação como gatilho inicial para a Gravidez na Adolescência atravessam questões relacionadas a ausência da família e falta de conhecimento sobre a utilização de métodos contraceptivos. Outra questão levantada abrange a temática da Educação Sexual como possibilidade para suprir a ausência de informações sobre a Gravidez na Adolescência.

A ausência da família novamente entra em voga nessa possibilidade de razão para acontecimento da Gravidez na Adolescência. Nas percepções aqui relatadas, percebe-se uma ausência familiar na formação de referenciais para o autocuidado das vivências sexuais dos adolescentes. Vale destacar a legitimação da vida sexual desse público como uma realidade nos discursos dos estudantes desta pesquisa, ou seja, mesmo não sendo abordado nas suas percepções diálogos em casa sobre vivências sexuais, essa experimentação sexual encontra-se em andamento.

Portanto, mesmo a família não falando sobre o assunto, os adolescentes apontam que a vida sexual está acontecendo para este público. O aumento da vivência sexual pelos adolescentes aparece como um processo ativo e precoce, porém real junto aos seus pares.

Essa realidade também ocorre nos estudos apresentados pela pesquisadora Nadia Novena (2004), que analisa as percepções dos adolescentes sobre suas sexualidades. Para os participantes do estudo citado, a vivência sexual dos adolescentes do seu círculo de amizade pode ser considerada um fenômeno normal do grupo, assim como a Gravidez na Adolescência, que é uma realidade presente em suas vidas. Apesar dessa normalidade quanto ao assunto da Gravidez na Adolescência, visto a aproximação dessa realidade consigo mesmos, os adolescentes deste estudo apontam alguns estigmas da gravidez em seu cotidiano como conflitos familiares, situações de discriminação, preconceito a adolescente grávida e perda de oportunidades na vida. Os mesmos estigmas sobre a Gravidez na Adolescência foram encontrados na presente pesquisa. Por isso, mesmo sendo um assunto considerado “normal” ou até mesmo natural, a gravidez neste período da vida ainda segue o caminho do estigma social. Será que a Gravidez na Adolescência é uma realidade desejável para nossos adolescentes?

#### **4.2.1. A falta de Preservativos**

Nesse contexto, a falta de uso dos métodos contraceptivos tem sido uma das razões apontada na fala dos alunos como causa da Gravidez na Adolescência. Desde o anúncio da pesquisa na escola convidando os alunos, até a própria realização das oficinas pedagógicas, o preservativo sempre foi assunto para conversas entre os adolescentes. Tanto que geralmente perguntavam: *“Professor, vamos ganhar camisinha no final de tudo?”*

No entanto, a proposta deste estudo, pretende ir adiante nas reflexões de gênero sobre a Gravidez na Adolescência, por isso os discursos voltados para a falta de preservativos referente à ocorrência de uma Gravidez na Adolescência foram aprofundados nesta seção. As falas dos alunos sobre o tema encontram-se no Quadro 7:

Quadro 7: Falta de preservativos

Meninas	Menino
Mesmo sabendo que nenhum método é 100% dá pra se prevenir.(Aluna 4)	Os motivos da gravidez precoce também é culpa do homem, não só da mulher (menina) porque se ele viu que ela é nova e tem um futuro pela frente e faz sem camisinha pra prejudicá-la ou não, ou ele pede ela pra fazer sem camisinha. E tem uma frase que toda garota nova diz “pele na pele”, eles já pararam pra pensar que esse pele na pele pode trazer complicações no futuro? (Aluno 23)
As vezes não usa o preservativo (Aluna 19)	
Os motivos são que as meninas não usam preservativo. Porque a maioria das meninas perdem a virgindade cedo e deve achar que não vão engravidar (Aluna 24)	

Fonte: (Elaborada pelo autor referente a questão 2 do questionário)

A falta da utilização de métodos contraceptivos gerou uma série de posicionamentos diferentes quanto ao assunto entre as alunas e os alunos. Há declarações que apontam para o conhecimento prévio sobre o manuseio dos métodos contraceptivos.

O aluno 23 trouxe para reflexão outras questões que possibilitam olhares diversos para percepção da Gravidez na Adolescência como a diferença de idade, que pode existir entre a menina e o menino, a busca do prazer gerado pelo ato sexual, sobretudo quando esse é realizado “diretamente na pele” (sem preservativo). A aluna 24 reiterou o discurso da aluna 19, destacando que as meninas devem ampliar seu papel no uso dos preservativos e destaca a ausência de conhecimento que muitas podem disponibilizar, visto que a perda da virgindade pode ser vista como uma legitimação do acontecimento de uma gravidez. Ou seja, a gravidez pode acontecer apenas na primeira vez e, a partir disso, uma vida sexual em andamento ficaria isenta de uma gravidez não prevista.

As percepções relacionadas à “falta de preservativos” como fator gerador da Gravidez na Adolescência recaem em dado momento direcionadas pela fala das alunas e dos alunos como consequência do posicionamento feminino quanto ao uso do método contraceptivo. Na fala dos participantes deste estudo coloca-se em questão a ausência da presença feminina no gerenciamento da contracepção. Isto quer dizer que os estudantes deste estudo apontam na mulher um papel importante referente a Gravidez na Adolescência. A partir do aprofundamento e análise das percepções das alunas e do aluno

sobre o tema, podemos inferir dois caminhos sobre o assunto: a mulher ainda carrega consigo o estigma de “causadora da gravidez”, ou seja, aconteceu por sua causa ou as percepções nas falas desses estudantes reconfiguram o posicionamento da mulher como parte fundamental nas decisões sobre anticoncepção, ou seja, essa responsabilidade ainda ecoa no corpo da mulher. Inclusive quando o assunto aponta para a busca do prazer próprio na vivência da sua sexualidade.

Essas inferências são produzidas através de falas, pelas alunas participantes do estudo nessa categoria analisada: “falta de preservativos”, portanto percebemos em sua maioria alunas indo contra as próprias meninas em situação de Gravidez na Adolescência e, paralelamente, ainda que não seja percebido, contra si mesmas, ou seja, são reprodutoras de opressão contra seu próprio gênero.

Ainda quanto à “falta de preservativos” nas relações sexuais adolescentes pode-se refletir sobre o impacto da classificação do uso desse referente ao padrão de relacionamento amoroso e à crença da primeira vez, ou seja, na primeira relação sexual existe um risco menor na obtenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis ou Gravidez não-prevista (KARLA RIBEIRO, 2010). Assim sendo, a autora citada apresenta considerações sobre a influência do status de relacionamento dos adolescentes em seu estudo na utilização de métodos contraceptivos:

Neste caso, o tipo de vínculo, ou seja, o status do relacionamento afetivo-sexual – ficar ou namorar – está influenciando no uso de preservativo. O namoro é entendido como um relacionamento sério, que envolve confiança e o prazer de estar com a pessoa enamorada. O ficar não é apenas descrito como algo passageiro e apenas diversão, ele também é visto como o primeiro passo para um namoro, é uma fase de observar, de conhecer, podendo ser descrito como a transição do imprevisto para o concreto, é a forma que hoje o púbere descreve como a apresentação ao parceiro, visualização de um provável envolvimento sério, a forma de se conhecer, experimentar (KARLA RIBEIRO, 2010, p.99)

A falta de utilização dos métodos contraceptivos não deve ser percebida através de uma ótica reducionista, mas mediante um olhar múltiplo, que vai além da ausência de informação. Para a autora Giséli Bastos (2015, p. 33), assim como neste estudo, a Gravidez na Adolescência não deve ser apontada sob um aspecto homogeneizante para todos os casos: “Dessa forma, observa-se que esse evento é abordado de maneira generalizante, como se a gravidez ocorresse dentro do mesmo contexto para todos os jovens”.

A pesquisadora Fernanda Batista (2014) realizou um estudo voltado para uma Revisão Bibliográfica sobre comportamento sexual de risco entre os adolescentes. Esta pesquisa foi realizada no Banco de Dados Scielo no período entre 2000 e 2013. Entre os pontos que se destacam quanto à utilização de preservativos para os sujeitos contemplados neste estudo bibliográfico, consideram-se de uma forma geral: um maior índice de utilização de métodos contraceptivos nas primeiras relações sexuais em comparação às seguintes, os meninos apresentam maior número de parceiras sexuais na adolescência em relação às meninas e, conseqüentemente, iniciam a vida sexual primeiro, entre os 14 a 17 anos de idade. No caso dos meninos, a vida sexual encontra-se direcionada para uma construção social sexual-afetiva. As meninas iniciam a vida sexual, um pouco mais tarde, entre os 15 a 17 anos de idade, sendo a realização no começo da sua vida sexual iniciada sob um viés afetivo-romântico.

#### **4.2.2. A falta de Responsabilidade**

O tema da Gravidez na Adolescência esteve muitas vezes associado na fala dos alunos relacionando à falta de responsabilidade:

Acho que falta de responsabilidade de ambas as partes, acho que eles não escolhem, acontece.(Aluna 7)

Muitos jovens não têm consciência sobre o assunto ou acabam não se prevenindo.(Aluna 8)

A falta de irresponsabilidade dos jovens. Por não se cuidarem e pensar nas conseqüências.(Aluna 21)

Algumas alunas apontaram a falta de responsabilidade como justificativa para a Gravidez na Adolescência. Esse discurso apareceu atrelado a uma responsabilidade, que deve estar associada às meninas e aos meninos, ou seja, ambos estão sendo visibilizados no processo como participantes na gravidez. A vida na adolescência, muitas vezes, recebe um estigma atrelado à ausência de responsabilidade. Nas falas dos adolescentes, pode ser verificado um

posicionamento crítico quanto à relevância da responsabilidade referente aos casos de Gravidez na Adolescência, por isso devemos ter um olhar voltado para percepção de que existem várias adolescências em andamento, isto quer dizer que, embora possa existir um discurso legitimando os adolescentes como irresponsáveis ou “sem nada na cabeça”, ainda existe diversidade em suas formações enquanto sujeitos na sociedade (RANILCE GUIMARÃES, 2000).

Esse acontecimento da responsabilidade adolescente apresentou-se ao longo das Oficinas Pedagógicas, em dois momentos dessa pesquisa, que retratam os impactos gerados pela experiência da Gravidez na Adolescência na vida dos estudantes:

Até porque tipo...pra algumas pessoas um bebê é como se fosse uma boneca e não é exatamente assim... Eu tenho dois sobrinhos pequenos, o da minha irmã do meio, que ela teve gravidez na adolescência, ela engravidou com 16, teve com 17 e outra irmã, que teve filho com 21 anos. Então no começo é tudo um mar de flores e eu que ajudo direto a cuidar, sei que é tudo diferente. Tem cólica, tem vacina, você tem que cuidar, não é só dar a mamadeira. Até que para futuramente evitar, que ela tenha alguma coisa. (Aluna Margarida, fala 1)

Minha mãe nos últimos anos tem conversado mais comigo sobre o assunto. Até porque ela já passou pela maioria das coisas que nós estamos discutindo aqui. Ela é uma das pessoas, que mais pode me aconselhar. Até porque eu não quero ser mãe na adolescência. Minha meta é fazer uma faculdade. Ter uma criança exige muita responsabilidade e tem muito gasto. É muita coisa! Você tem que ter uma estrutura familiar, um parceiro que te ajude também. Não adiante você ser uma mãe excelente e ter um pai que não tem a mesma estrutura, também. (Aluna Margarida, fala 2)

A aluna Margarida apresenta um posicionamento crítico referente ao assunto Gravidez na Adolescência, isso pode estar associado a experiência adquirida através do diálogo construído com sua mãe, inclusive a vivência de sua mãe enquanto mãe na adolescência e suas respectivas irmãs. Além disso, percebe-se na aluna o desejo pelo investimento em sua vida profissional e educacional, ou seja, ela tem direcionado sua formação para seu projeto de vida. A experiência de sua mãe, irmãs e sua visão de vida referente aos seus referenciais, que podem ser

construídos até mesmo em dado momento pela sua vida na escola, levam-na para um movimento crítico sobre o assunto.

Em outro momento, o assunto veio à tona mediante o uso da questão geradora usada durante o processo de elaboração das Oficinas Pedagógicas: *“Meninas e meninos podem alcançar respeito e amadurecimento no local onde moram, a partir da experiência da Gravidez na Adolescência?”*. Nas percepções dos alunos, isso pode acontecer em alguns casos:

Algumas pessoas vão olhar e chamar de irresponsáveis e outros que pode adquirir responsabilidade! (Aluno Francisco)

A minha comadre, que estudava aqui no colégio engravidado, o marido dela tá preso, a escola toda ficou zombando com ela. Eu acho que ela ficou muito mais responsável com essa criança. (Aluna Alessandra)

Minha amiga ficou grávida com catorze anos, aí os dois estudavam aqui, aí ele começou a trabalhar, começou a pegar responsabilidade, os dois já casou, tem a casa deles, moram sozinhos. Agora eu vejo eles num processo de maturidade! (Aluna Ana Carla)

Em um outro momento, podemos contemplar o processo de amadurecimento na vida desses adolescentes, a partir da vivência da Gravidez na Adolescência. Na fala das alunas e do aluno, percebe-se relatos que apontam para a experiência da Gravidez na Adolescência como fator desencadeador de uma mudança de vida, permeada pela responsabilidade e amadurecimento, fato que se pressupõe ausente antes da gravidez.

Por isso, este estudo aponta que a Gravidez na Adolescência deve ser percebida através de uma percepção voltada para uma visão, que ecoa para gravidezes em reverberação. Esse conceito reverberação aproxima-se ao estudo da autora Maria Heilborn (2006; 2009). Cada experiência de gravidez pode gerar uma série de percepções e sentimentos que desencadeiam em outro caminho para os envolvidos no processo, seja de forma direta ou indireta.

### 4.2.3. Atividade Sexual Precoce

Existe um momento considerado certo para o exercício de uma vida sexual entre os adolescentes? Por que esse tema foi apontado como uma das razões da Gravidez na Adolescência? A presente seção abrange reflexões sobre a atividade sexual precoce na vida dos adolescentes, a partir de suas falas sobre o assunto.

E como os jovens de hoje estão tendo uma vida sexual ativa, eles acabam engravidando por se descuidarem. (Aluno 5)

Fazer relação sexual cedo demais sem pensar no que virá depois. Por falta de tomar certos tipos de cuidados na hora da relação. (Aluna 10)

O aluno 5 e a aluna 10 chamam atenção para o início precoce das relações sexuais entre os adolescentes. Ambos alunos apontam a ausência de cuidados como conceito importante para o exercício de uma vida sexual ativa. Essa falta de cuidados pode estar associada no discurso dos alunos pelo fato da ausência de diálogos com a família ou pela ausência de reflexões sobre a construção da vida sexual de cada um.

O exercício da atividade sexual considerada precoce pode estar vinculado ao ato de experimentação da sua própria sexualidade na vida dos adolescentes. A Gravidez na Adolescência pode ter ligação com esse movimento de vivência das sexualidades adolescentes em construção. As autoras Elaine Brandão e Maria Heilborn lançam luz sobre essa possibilidade em um dos seus estudos:

Relativizar o argumento da desinformação e valorizar o papel fundamental que a vivência da sexualidade exerce na construção social do jovem permite captar regras socioculturais que condicionam o fenômeno. É particularmente na esfera da sexualidade que os jovens ensaiam formas de autonomização em relação aos pais. O exercício da sexualidade na adolescência torna-se uma via privilegiada para aquisição gradativa de liberdade e autonomia, mesmo sob o teto parental. (2006, p.2).

Quando se aborda o acontecimento da Gravidez na Adolescência sob a égide da Falta de Informação acabamos limitando as possibilidades de reflexões sobre o assunto. No século XXI, tem sido registrado um aumento do tempo de estadia dos filhos na casa dos seus responsáveis. Nesse contexto de “prolongamento da adolescência”, o exercício da sexualidade acaba sendo uma forma de obtenção de espaço, mesmo quando a vida ainda se encontra respaldada nos subsídios parentais (ELAINE BRANDÃO; MARIA HEILBORN, 2006).

#### 4.2.4. Vontade Própria

A atividade sexual considerada precoce do público adolescente pode estar interligada à sua própria vontade. Esse desejo evidencia-se como possibilidade distinta na fala de algumas alunas do estudo:

Por vontade própria e não pensam nas consequências. (Aluna 12)

O fogo no rabo das pessoas. (Aluna 14)

Porque acham que é o momento certo. (Aluna 16)

Tem algumas meninas que acham que é melhor fazer sexo sem camisinha e engravidar e outra faz porque quer engravidar cedo mesmo para prender o menino. Algumas engravidam cedo para sair de casa ou para o namorado não terminar com ela, outras porque querem ter um bebê cedo. (Aluna 20)

A Gravidez na Adolescência, segundo as alunas 12 e 16, pode acontecer por vontade própria, seja pela vontade de ter um filho ou a partir de uma visão associada à liberdade, quando a gravidez pode proporcionar uma razão para sair de casa. Além disso, a aluna 20 apontou a Gravidez na Adolescência como forma de manutenção e permanência do relacionamento amoroso em construção. Em contrapartida, a aluna 14 falou sobre a Gravidez na Adolescência como consequência do desejo pelo exercício da vida sexual.

A autora Ana Pantoja (2003) aponta em seu estudo o fenômeno da Gravidez na Adolescência mediante uma possibilidade de desconstrução do reducionismo associado ao acontecimento. Em sua pesquisa, a Gravidez na Adolescência emerge como um assunto central na vida dos adolescentes, inclusive como forma de ressignificação em seu meio sociocultural.

Os capítulos 3 e 4 abordaram as percepções dos alunos e suas reverberações sobre a Gravidez na Adolescência. Ao longo dos capítulo, algumas considerações sobre os estudos de gênero foram realizadas. No capítulo 5, busca-se um aprofundamento das relações de gênero sobre a Gravidez na Adolescência, o papel da escola nesse contexto e as adolescências, que emergiram nesse estudo, a partir das percepções dos alunos estudados.

## 5. A Gravidez das meninas e a Gravidez dos meninos

Ao longo do mergulho no campo, veio à tona a impressão da existência de duas gravidezes possíveis: uma das meninas e outra dos meninos. Para os estudantes participantes do estudo, as meninas são vistas em casos de Gravidez na Adolescência como as “erradas da história” e os meninos são “os isentos” no mesmo processo. Isso pode ser verificado no Quadro 8:

Quadro 8: Gravidez das Meninas e Gravidez dos Meninos (Percepções sobre o assunto)

Meninas
Na maioria das vezes “sobra” para a menina. Hoje em dia ainda em um relacionamento (hétero) a mulher é vista como a pessoa que cuida da casa e filhos (as, o ou a). E tem sorte se o homem assumir a responsabilidade (como se não fosse mais que obrigação).(Aluna 2)
Porque na maioria das vezes as meninas são a culpa e os meninos a natureza deles.(Aluna 3)
A menina muita das vezes é “esculachada” pela sociedade, como se ela tivesse feito o ato sexual sozinha.(Aluna 4)
Meninas são vistas como irresponsáveis e piranhas, mas meninos já são vistos como garanhões e irresponsáveis também. (Aluna 12)

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir das respostas da questão 3 dos questionários)

A aluna 2 apresenta distinção entre o que se espera de uma mulher e de um homem na sociedade. Na fala da aluna, a mulher ainda se encontra na condição de responsável como uma “cuidadora” do lar, não tendo condições de contar com a presença do homem nas tarefas domésticas e sobretudo na criação dos filhos. A “sorte” é o elemento que permeia um homem presente no processo da paternidade e não sua responsabilidade e compromisso com sua família. Ainda existe no discurso uma diferença quanto ao casal, visto que uma vez a relação sendo constituída através de um relacionamento homoafetivo, a mulher e o homem encontram-se voltados para outro posicionamento em suas vidas. A aluna 3, destaca que os meninos se comportam dessa forma em relação a Gravidez na Adolescência por causa da “natureza” deles, ou seja, há um discurso na sociedade que corrobora a ideia de que o homem não faz parte do processo da gravidez, sendo esse acontecimento uma vivência exclusiva da mulher, inclusive com discursos que legitimam esse comportamento mediante uma visão biológica do assunto. No

discurso da aluna 4, fica evidenciado apenas um olhar pejorativo da sociedade sobre a mulher em contrapartida a invisibilidade do homem no processo. Na visão da aluna 12, tanto meninas como meninos são considerados irresponsáveis em uma Gravidez na Adolescência. Contudo, as meninas, assim como dito na fala anterior, recebem discursos pejorativos sobre sua moral enquanto os meninos são enaltecidos, tendo sua masculinidade considerada “aprovada” pela sociedade.

A partir desses pontos, vemos e revemos que, na fala destas alunas, há distinção quanto ao que se espera de uma adolescente vivendo a gravidez nessa etapa de vida e um adolescente. O corpo da mulher volta-se para os cuidados com o lar, sendo nessa condição aceito sem a presença de juízo de valor em comparação ao corpo do homem, que se apresenta invisível no processo, tendo destaque apenas quando a gestação em si “comprova” sua própria masculinidade no ato. Por outro lado, a mulher, em exercício de sua sexualidade, não é vista da mesma forma, por isso acaba sofrendo as consequências disso, com o advento em sua vida de termos depreciativos referente a sua conduta. O corpo da mulher é julgado, cobrado e condenado, inclusive pelas próprias mulheres, enquanto o corpo do homem segue ausente, porém enaltecido sob a égide de sua masculinidade carimbada. Afinal de contas, o homem nas palavras da aluna 3, vive a “natureza dele”.

A natureza do homem e da mulher, sendo visibilizados apenas sob uma ótica biológica, tem sido tema de contestação pelos estudiosos de gênero, desde seus primórdios nos anos 60 e 70. As pesquisas sobre as Relações de Gênero, a partir de uma origem Anglo-saxã, tiveram como finalidade a construção de um espaço para as mulheres na Academia, além do movimento feminista militante da época. Esse movimento legitimou reflexões no período, que excedem a visão reducionista sobre os estudos de gênero sendo formulados apenas como um assunto voltado para a figura das mulheres, porém direcionou um campo de propagação do conhecimento científico voltado para o entendimento das Relações Sociais de Gênero e suas reverberações em nossa sociedade (GUACIRA LOURO, 1995). Nesse processo foi divulgado apontamentos para o conceito de gênero como: “Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo (GUACIRA LOURO, 1995, p.3)”.

No artigo: “Entre as tramas da sexualidade brasileira”, a autora Maria Heilborn (2006), apresenta reflexões sobre o imaginário sexual construído referente a sociedade brasileira. Nesse estudo, a sexualidade brasileira “vendida” como uma sociedade voltada a vivência sexual intensa é desconstruída e revisitada como um processo construído e reconstruído através de um processo histórico e cultural. Nisso, a natureza sexual de ambos os gêneros, homens ou mulheres, são colocadas sob a ótica de uma aprendizagem para a sexualidade:

Considero que o sexo deva ser tomado como qualquer outra atividade humana, tal como a alimentação e os hábitos de higiene, uma atividade aprendida. Os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura, que orienta roteiros e comportamentos, considerados aceitáveis para cada grupo social. Consequentemente, as práticas sexuais se diferenciam no interior de cada sociedade, variando de acordo com os referenciais dos diversos segmentos sociais que a compõem. Às expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem distintos significados, segundo os valores vigentes em um dado estrato sociocultural (MARIA HEILBORN, 2006, p. 45).

Assim sendo, retomando a fala da aluna 3 sobre a natureza do homem, enquanto relacionada ao predomínio vigente do ato sexual em si e abandono de sua paternidade na Gravidez na Adolescência, esse processo pode ser apontado como algo “aprendido” nas relações sociais do nosso tempo histórico, sobretudo na sociedade brasileira, entretanto esse comportamento deve ser analisado além de uma visão biológica sobre o assunto, mas impregnado por uma construção social.

Para a autora Guacira Louro (1995), todas as vivências que experimentamos na sociedade estão permeadas e relacionadas as relações de gênero, portanto são vivências “generificadas”. Esse embate dos gêneros na Gravidez na Adolescência como veículo para reflexão sobre o assunto encontra-se nesse caminho generificado:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (GUACIRA LOURO, 1995, p. 3).

As percepções das alunas e alunos, referente às meninas e meninos em uma possível experiência de Gravidez na Adolescência, reproduzem padrões associados aos discursos hegemônicos sociais, que reverberam na formação dos gêneros em relação a si mesmos e com o outro. Para Guacira Louro (2008, p. 2) o processo de formação dos gêneros, não deve ser visto apenas sob um ângulo, mas deve ser revisto e confrontado com as vivências e reverberações gerados na vida em sociedade:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos.

### **5.1. Gravidez na Adolescência: um olhar para ambos os gêneros**

A soberania dos discursos hegemônicos nas relações de gênero, que desprestigiam as meninas que vivem a Gravidez na Adolescência em contraponto aos meninos, que muitas vezes tornam-se invisibilizados no processo, em dado momento deste estudo, trouxe à tona um outro lado nessa realidade, pois para algumas alunas e alunos, tanto meninas como meninos sofrem durante a vivência da Gravidez na Adolescência, ou seja, o impacto reverbera em ambos participantes. Segue-se essas percepções no Quadro 9:

Quadro 9: Gravidez das meninas e Gravidez dos meninos: olhar para ambos os gêneros

Meninas	Meninos
Eu acho que por causa de engravidar na adolescência, as pessoas olham eles de outro jeito, julgam demais eles quando deveriam ajudar. (Aluna 14)	. A sociedade se esquece de que os dois são culpados. (Aluno 5)
Na maioria das vezes são vistos como irresponsáveis. (Aluna 15)	Em nossa sociedade atual ainda sofremos com opressão causada por bullying e desigualdade, então provavelmente seriam alvo de bullying por parte de opressores. (Aluno 6)

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir das respostas da questão 3 dos questionários)

O aluno 5 e a aluna 15 apresentam sua visão sobre a vivência da Gravidez na Adolescência permitindo em seus discursos a visibilidades de ambos os gêneros, entretanto percebe-se em suas falas um posicionamento voltado para um juízo de valor sobre o assunto. A aluna 14 e o aluno 6 apresentam um posicionamento empático e afetivo com que vive a realidade de uma Gravidez na Adolescência, ou seja, ambos tentam colocar-se no lugar do outro nessa situação. A aluna 14 enfatiza, que a gravidez nessa fase da vida tem um juízo de valor acentuado devido ao ocorrido estar atrelado à adolescência. Isso aponta a ideia de um juízo de valor ao quadrado, visto que a própria adolescência já carrega consigo vários apontamentos generalizantes e estigmatizados sobre sua formação, como se todos adolescentes fossem iguais e vivessem a mesma vida em sociedade. O aluno 6 destaca, o ambiente opressor e desigual que estamos inseridos, portanto esses adolescentes viveriam as reverberações da sociedade que vivemos.

Nos questionários e Oficinas Pedagógicas, os participantes deste estudo tiveram a oportunidade de colocarem-se no lugar de quem vive a Gravidez na Adolescência, sejam meninas ou meninos, porém como resultado deste movimento para colocar-se no lugar do outro, percebe-se na fala das alunas e dos alunos uma “predominância de vivências” na Gravidez das Meninas, que não acontecem na Gravidez dos Meninos.

Na Gravidez das Meninas, aponta-se pelos estudantes uma vivência permeada pelos cuidados com a gestação e a criança, uma ausência de vida social,

um ambiente de mudança generalizado, um juízo de valor da sociedade sobre si, uma vida com um futuro incerto, além dos sentimentos de medo, abandono, tristeza, dor e perda da juventude. Nessa gravidez também aparece a possibilidade de realização de um aborto, a isenção dos meninos e em contrapartida surge o apoio familiar no processo, junto a possibilidade de felicidade e assunção de responsabilidades na maternidade e vida.

Na Gravidez dos Meninos, percebe-se um posicionamento marcado pelo termo “assumir”, enquanto que no caso da Gravidez das Meninas essa palavra foi utilizada como se fosse um processo natural na vida mulher, que vive a gravidez. A aluna Alessandra apresentou outra visão sobre o assunto:

A mãe tem que ficar, porque o filho tá na sua barriga, porque senão seria diferente. O homem não tá aí, porque não tem esse vínculo. E muitas mulheres se não fosse isso também abandonava.

Na percepção da aluna, podemos contemplar um discurso que legitima a manutenção da gravidez na mulher, devido ao seu corpo ser o próprio receptáculo para desenvolvimento da gestação. Entretanto, caso não fosse isso, a Gravidez das Meninas receberia outra configuração na sociedade caracterizada pelo abandono como ocorre com os meninos. Dentre as falas das alunas e dos alunos, dois pontos em comum surgiram sobre Gravidez na Adolescência: meninas e meninos podem apresentar medo nessa vivência e perda da juventude.

## **5.2. O corpo que “fala” na Gravidez na Adolescência**

Ao longo do campo, seja através dos questionários respondidos ou Oficinas Pedagógicas, incluindo a participação da fase exploratória no estudo, vemos e revemos um corpo, que recebe em si mesmo, as marcas da Gravidez na Adolescência, esse corpo não é o corpo dos meninos, mas cada experiência trazida com este estudo faz emergir de forma constante o corpo da mulher nessa realidade.

Isso ficou evidente através da oficina dos jargões, realizado na segunda Oficina Pedagógica sobre as Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência, onde determinados jargões eram indicados para homens e mulheres, segundo os

discursos da sociedade e segundo as visões das alunas e alunos. No jargão<sup>15</sup>: “*Queria ver meu corpo funcionando*”, os catorze estudantes participantes desta oficina apontaram essa realidade apenas para as meninas adolescentes, ou seja, em uma vivência de Gravidez na Adolescência apenas o corpo da mulher encontra-se em evidência, ver Quadro 10:

Quadro 10: Oficinas dos Jargões sobre Gravidez na Adolescência: Corpo em experimentação

Homens (Adolescentes Meninos)	Mulheres (Adolescentes Meninas)
	“Queria ver meu corpo funcionando”!

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir da II Oficina Pedagógica: Relações de Gênero)

Em outro momento foi questionado ao grupo, a possível razão para pouca participação masculina na pesquisa sendo que ambos os gêneros foram convidados para esta experiência. Na visão de algumas alunas, o assunto trata-se de uma abordagem voltada para as mulheres como “coisa de meninas”, uma vez que um menino participe de uma atividade como essa, sua orientação sexual pode entrar em risco pelo grupo. Esse comportamento tornou-se explícito no decorrer das oficinas sobre jargões, a partir de debates oriundos sobre o respectivo jargão: “*Você só anda com meninas...é lésbica*”, iniciando reflexões sobre o assunto:

— “Os meninos também só andam em bando!” (Aluna Vanessa)

— “Homem falando pra mulher.” (Aluna Nadja)

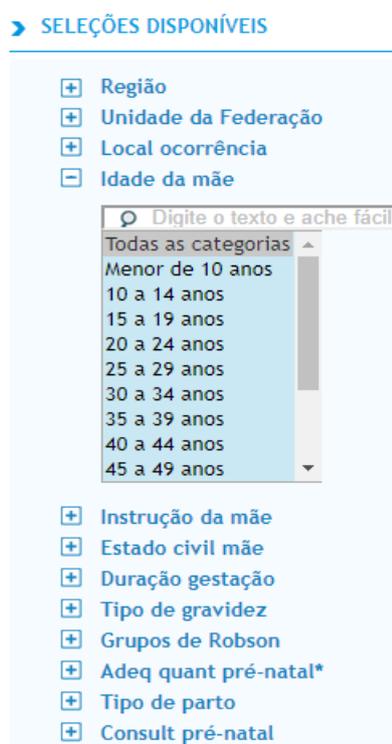
— “Geralmente isso acontece quando um menino só anda rodeado de meninas!” (Aluna Vanessa)

— “ Quando o menino é rodeado por meninas é viado!” (Aluna Alessandra)

— “Tipo o aluno Gui participando da Oficina aqui hoje.” (Aluna Alessandra)

<sup>15</sup>Os jargões representam as palavras usadas em nosso cotidiano, ou seja, expressões que nesse caso foram selecionadas, pensando-se nas relações de gênero do dia a dia. Essa atividade foi realizada na II Oficina Pedagógica: Relações de Gênero na Gravidez na Adolescência

Desde o momento inicial de divulgação desta pesquisa houve uma participação massiva das alunas (vinte e uma alunas) em comparação aos alunos (quatro alunos), entre valores absolutos quanto aos instrumentos metodológicos: (questionários, vinte e uma meninas respondentes e quatro meninos) e em relação as Oficinas Pedagógicas (no primeiro dia, doze meninas e dois meninos; no segundo dia, onze meninas e dois meninos). Esse dado foi respondido pelo campo através das percepções das próprias alunas e alunos sobre o assunto. Um dos pontos revelados encontra-se na construção de uma masculinidade excluída da Gravidez na Adolescência, visto que inclusive sua participação no processo pode colocar em jogo sua orientação sexual, ou seja, falar sobre Gravidez na Adolescência pode não ser reconhecido como “coisa de meninos”. Essa foi uma das hipóteses levantadas pelas análises dos dados, entretanto o próprio Ministério da Saúde corrobora isso, afinal no site do SINASC, Sistema de Informações de Nascidos Vivos, encontra-se como opção para consulta apenas informações sobre a mãe adolescente em preterimento da figura masculina no processo da gravidez.



Fonte: (Elaborada pelo autor através do Print retirado do Sistema ( tabnet.datasus ) = ( SINASC ).  
Abril / 2019

No sistema de registro nacional de gravidez, não existe a opção que acompanha informações sobre o pai da criança, tratando-se de uma gravidez voltada exclusivamente para a figura da mulher. No entanto a Lei N<sup>o</sup>. 9.263<sup>16</sup> de 12 de janeiro de 1996 sobre Planejamento Familiar, assim como a Lei N<sup>o</sup>. 13.798<sup>17</sup> de 3 de janeiro de 2019 sobre a Semana de Prevenção a Gravidez na Adolescência foram formuladas abrangendo a participação de homens, mulheres e adolescentes no processo, ou seja, em teoria não houve referência de um gênero específico para lidar com questões, que reportam-se aos cuidados sobre a saúde reprodutiva brasileira, porém na prática apenas a mulher, seja na adolescência ou na fase adulta, apresentam suas informações usadas no registro de nascimento dos seus respectivos filhas e filhos.

### 5.3. A Gravidez das “mudanças” X a Gravidez “mais fácil”

Ao que parece, há em andamento uma gravidez legal, social e cultural direcionada para as mulheres. Vale destacar que no discurso das alunas e alunos participantes deste estudo são as mulheres que encontram-se vivenciando as situações mais extremas de uma gravidez em suas vidas, ver Quadro 11, sobretudo na experiência de uma gravidez ocorrida na adolescência:

---

<sup>16</sup>Lei sobre Planejamento Familiar: Disponível em :<https://www.camara.leg.br/sileg/integras/490199.pdf> Acesso em 23/04/2019

<sup>17</sup>Lei sobre a Implementação da Semana Nacional de Prevenção a Gravidez na Adolescência. Disponível em : <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/01/semana-nacional-vai-conscientizar-para-evitar-a-gravidez-na-adolescencia> Acesso em 23/04/2019

Quadro 11: Alunas e alunos, colocando-se no lugar de uma menina, que vive a Gravidez na Adolescência

Meninas	Meninos
Devem se sentir triste no começo, se sentir diferente e a pior pessoa do mundo no começo. O modo de agir, de pensar, a maneira de fazer certas coisas, a rotina e entre muitas outras coisas.(Aluna 10)	Bom...deve ser uma mistura de sentimentos e emoções, a felicidade de estar tendo o primeiro filho com o medo e a vergonha de não saber como as pessoas e os familiares vão reagir. (Aluno 6)
Mudaria tudo em questão de família, sei que muitos ficariam contra mim e na escola também, ia perder série e teria que virar bem mais responsável. (Aluna 12)	As meninas passam por momento difícil, porque o preconceito fala mais alto, (o machismo fala mais alto, o desrespeito fala mais alto). E as vezes sofre em casa, muitas das vezes são expulsas de casa. Se eu fosse uma menina e ficasse grávida, muitas coisas iam mudar, como por exemplo, a minha relação com meus pais, e a escola e vou ter que deixar meus sonhos de lado por causa das crianças. (Aluno 23)

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir da questão 4 do questionário)

Através da fala das alunas e dos alunos percebe-se um misto de emoções e sentimentos, que resplandecem em culpa, medo, conflitos familiares, abandono dos estudos e dos sonhos, situações de violência como a expulsão de casa ou a responsabilidade “religiosa” e “biológica”, pois um filho pode ser considerado um “presente de Deus” ou “sangue do próprio sangue”. O fato é que uma vez vivendo essa realidade, a vida da adolescente na visão dos participantes desse estudo nunca mais será a mesma, isto é, trata-se de uma “*gravidez das mudanças*”.

Quanto aos meninos em uma situação de Gravidez na Adolescência, o sentimento de mudança volta-se para si mesmo referente a possibilidade de amadurecimento e responsabilidade no processo. Porém essa possibilidade segue guiada pelo primeiro passo, que se direciona para o posicionamento de assumir a gravidez como parte de si próprio nessa vivência. No demais, lança-se sobre o menino, o papel do homem, que ainda reverbera na sociedade enquanto provedor do lar. Não que seja uma vivência sem dificuldades, mas em comparação a mesma situação vivida pelas meninas, a Gravidez dos meninos parece-me, segundo a visão

das alunas e alunos deste estudo: “*mais fácil*”. Para tal segue-se no Quadro 12, algumas percepções sobre o assunto:

Quadro 12: Alunas e alunos, colocando-se no lugar de um menino, que vive a Gravidez na Adolescência

Meninas	Meninos
Nada, porque tem alguns que somem do nada. Nada eu não ia querer filho nenhum, alegando que sou muito jovem. (Aluna 16)	A maioria dos meninos hoje infelizmente não querem assumir que tiveram um filho com esta idade, eles param de falar, se afastam de suas companheiras, alguns forçam elas a abortarem o filho antes de alguém saber para impedir possíveis fofocas. (Aluno 6)
Alguns meninos não assumem porque tem medo, outros assumem e cumprem com suas responsabilidades de pais. Se fosse eu assumiria mais dependendo da menina eu casaria. (Aluna 20)	Eu acho mais fácil, os meninos lidarem com isso do que as meninas, eles vão ter que começar a trabalhar ou pedir um aumento no trabalho pra assumir o filho (a), e a mãe, vai ter que comprar uma casa e levá-los para morar com ele. (Aluno 23)

Fonte: (Elaborada pelo autor, a partir da questão 5 do questionário)

Até aqui, o corpo da mulher tem ficado em evidência no processo da Gravidez na Adolescência. Essa evidência na percepção das alunas e alunos aponta para uma vivência marcada pelo território das mudanças. Desde o início deste estudo, os dados produzidos no campo têm se direcionado para a elaboração de cenários distintos, que demarcam a Gravidez das meninas, a Gravidez dos meninos e suas respectivas sexualidades em construção no processo. Esse caminho visibilizado para construção de gravidezes diferentes apresenta-se em um movimento voltado para visibilidade do corpo da mulher no processo.

A visibilidade do corpo feminino, em discussões sobre Gravidez na Adolescência, tem sido registrada em outros estudos. A pesquisadora Helena Altmann (2009) identificou essa realidade em sua Tese de Doutorado. Em seu estudo etnográfico, em uma escola pública de ensino fundamental, na zona sul do Rio de Janeiro, a autora trouxe à tona informações sobre Educação Sexual, Sexualidades e Estudos de Gênero na escola. No que tange a visibilidade do corpo feminino, verificou-se nas aulas de Educação Sexual, na disciplina de ciências, uma

atenção diferenciada quando o assunto se tratava do corpo feminino em comparação ao masculino. Nessas aulas, a temática do corpo feminino era aprofundada com maior investimento de tempo e discursos voltados para a reprodução humana, sendo “destacado a relevância do corpo das meninas” em situações de Gravidez na Adolescência, como se estas tivessem maior responsabilidade nisso, em contrapartida aos meninos. As aulas, os olhares e os apontamentos eram norteados para o controle do corpo feminino.

Apesar das percepções das alunas e alunos, apresentarem a existência de uma Gravidez na Adolescência permeada pelas dificuldades, que abrangem principalmente às mulheres, este trabalho posiciona-se na condição de ouvinte de suas falas, trazendo à tona também o lado do homem nessa questão. Isso quer dizer, que esta pesquisa não defende a ideia que os pais adolescentes são ausentes, mesmo com as falas dos estudantes apontando para essa realidade. Entretanto, percebe-se que a construção social do homem acaba legitimando esse discurso e até mesmo a ausência paterna em muitos casos, porém os próprios estudantes apontaram que ambos os gêneros sofrem em uma vivência de Gravidez na Adolescência, sobretudo pelos estigmas que essa experiência carrega nessa etapa de vida.

Aa autoras Inez Almeida e Ivis Souza (2011, p.2), em seu estudo sobre a Gravidez na Adolescência abordada com enfoque no casal adolescente, que vivencia essa experiência, apresenta reflexões sobre o estigma do pai ausente nos estudos, sem criticidade sobre o tema:

Grande parte dos estudos já produzida focaliza a gravidez na adolescência vista pelo prisma dos preconceitos. Estes estudos situados no plano biomédico gravitam no discurso de que a gravidez na adolescência é um problema de saúde; no plano patológico, apontam o risco, fortalecido pela ideia de que o parto em adolescentes é cirúrgico; no plano social, assinalam que adolescentes não têm condições socioeconômicas para manutenção do filho; e na concepção de gênero, afirmam que o parceiro adolescente é alguém que não se envolve no processo gestacional.

Os Estudos de Gênero que subsidiam essa pesquisa encontram-se atravessados pelo aporte teórico-metodológico da obra de Guacira Louro (2013), que defende em seus estudos uma relação de gênero voltada e construída para todos os atores sociais participantes do processo. A figura do “excêntrico” torna-se

relevante nessa reflexão como parte de um processo de visibilidade e respeito ao diferente, ao outro. Portanto, a pesquisa desde seu início teve como proposta contemplar as reflexões de gênero em uma vivência, que se voltava para as alunas e alunos, visto que ambos reverberam as relações sociais vivenciadas em uma possível Gravidez na Adolescência.

Em outro estudo, as autoras Silmara Gonçalves, Cristina Parada e Neide Bertoncello (2001, p.7), apresentam as percepções de mães adolescentes sobre a presença paterna ao longo da gravidez. De uma forma geral, a maioria dos pais estiveram presentes durante a gravidez sendo o acontecimento registrado em três níveis de envolvimento:

pais que de imediato aceitaram a gravidez, participando efetivamente desta fase, do momento do parto e da criação do filho; pais que, num primeiro momento, rejeitaram a gravidez, mas que, após o parto, voltaram a procurar a adolescente e passaram a participar da criação dos seus filhos e pais, que de imediato rejeitaram a gravidez, afastando-se das adolescentes de forma permanente, sendo, este último grupo de pais, bastante reduzido.

A referida pesquisa citada teve um caráter qualitativo, assim como o presente estudo, embora essa realidade possa ser contestada, visto que uma abordagem qualitativa não representa um universo quantitativo relevante para a formação de um padrão, ainda assim, permite-nos direcionamentos para novos estudos, sobretudo sobre as especificidades e subjetividades de uma gravidez adolescente voltada para a figura masculina na questão. Além desse ponto levantado pelo estudo, as autoras identificaram que as meninas participantes da pesquisa não se importavam tanto quando seus companheiros sendo adolescentes ou não, não apresentavam recursos financeiros para auxiliar em casa, entretanto suas maiores reclamações estavam voltadas para a ausência de apoio no sentido afetivo, que atravessava a relação, isto é, no namoro ou na parentalidade em andamento, ou seja, ao longo de suas vidas compartilhadas na maternidade e paternidade em construção.

#### 5.4. A desconstrução do corpo biológico feminino

Os olhares para o corpo feminino, sob uma ótica apenas naturalista, ou seja, biológica deve exceder os paradigmas, que norteiam a temática da Gravidez na Adolescência. A autora Silvana Goellner (2013), defende um posicionamento da construção dos corpos, além de um viés exclusivamente naturalista. Portanto, um corpo nunca deve ser percebido apenas como um corpo natural:

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado (SILVANA GOELLNER, 2013).

Os primórdios dos estudos sobre o corpo tiveram início no final do século XVIII e aumentaram no século XIX tendo como base de apoio deste estudo, um respaldo voltado para discursos anatômicos, biológicos e médicos (SILVANA GOELLNER, 2013). Esse movimento biológico gerou reverberações na vida da mulher em nossa sociedade:

Por muito tempo as atividades corporais e esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram recomendadas às mulheres porque poderiam ser prejudiciais à natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e para os homens (SILVANA GOELLNER, 2013, p. 33).

A visão sobre o corpo feminino, mesmo para aqueles, que defendem apenas um discurso biológico sobre sua construção, acaba encontrando-se refém de um posicionamento, que volta-se para o controle cultural desse corpo. No caso estamos falando de uma cultura relacionada aos papéis de gênero, que ecoam na sociedade em que vivemos, onde o corpo da mulher “deve” ser controlado para viver uma vida sem espaço, autonomia ou liberdade para viver de fato sua própria vida. Isso impacta a vida na mulher quanto ao seu espaço profissional, tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Portanto, a cultural tem um peso na formação identitária da visão construída sobre a mulher e seu corpo em nossa sociedade.

Assim sendo, mesmo em casos como a Gravidez na Adolescência, onde a mulher e seu corpo ganham visibilidade, esse movimento tende pelo desprestígio, juízo de valor e culpabilização da mulher no processo, ou seja, mesmo sendo um “universo” jogado para às mulheres enquanto “protagonistas” nisso, seja em nível biológico ou social, ainda estamos diante de um quadro paradoxal, que torna este evento uma condição “desqualificada” no convívio social sendo a figura da mulher apontada para alvo nas múltiplas vivências, que permeiam o assunto.

O autor Alex Fraga (2013, p. 103) em sua análise sobre notícias de jornais em relação aos gêneros, fala sobre a forma como a mídia, em determinados momentos contribui para uma visão desqualificada da figura da mulher em nosso cotidiano:

O masculino se constitui como condição primeira, que subordina o feminino em uma relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta.

A figura da mulher e seu corpo na Gravidez na Adolescência ganha contornos, que excedem sua conotação biológica, caminhando para uma estruturação, onde o homem mesmo participante do processo, vive outras reverberações dessa vivência, pois a partir das percepções das alunas e alunos deste estudo, os homens em questão ainda que considerados como ausentes, irresponsáveis ou omissos na gravidez, conseguem viver essa experiência mediante uma “gravidez mais fácil”, sem uma presença hegemônica de juízos de valor, porém sendo legitimada por uma hierarquia social de privilégios construídos em nossa cultura. O alcance desses privilégios encontra-se em um território delimitado pela presença dos homens em preterimento das mulheres, vistas como culpadas e ao mesmo tempo vítimas na gravidez adolescente sendo apontadas mais como culpadas do que vítimas, inclusive pelas próprias mulheres, alunas participantes desta pesquisa.

A pesquisadora Sandra Andrade (2013, p. 109) fala em seu estudo sobre uma pedagogia, que acontece no corpo como resultado das relações sociais geradas no cotidiano:

O corpo, não somente o infantil, está constantemente aprendendo na relação, na interação com o outro – a família, o grupo de amizades, o par amoroso – este outro pode materializar-se ainda, através da televisão, dos livros, da internet, das revistas, enfim, da mídia de um modo geral e dos modelos idealizados que apresenta.

Essa pedagogia do corpo ecoa na forma, que esse corpo se constitui em nossa sociedade sobretudo quando iluminados sob a ótica dos Estudos de Gênero:

Tal teorização permite perceber como os sujeitos são continuamente inseridos em um reforçamento binário do que parece ser negativo ou positivo para meninos e meninas, para homens e mulheres nos espaços sociais em que se movimentam, isso porque tais atributos estariam inscritos na “natureza” de cada gênero, inscritos no corpo de cada um/a (SANDRA ANDRADE, 2013, p. 110).

Alguns comportamentos realizados na sociedade são direcionados para homens ou mulheres, representando determinadas configurações pré-moldadas pela sociedade como “meninos vestem azul ou meninas vestem rosa”. Entretanto, este estudo aponta em sua análise e reflexões, um movimento voltado para o exercício de um olhar para o outro, a partir de uma construção elaborada pela diversidade e vivências múltiplas, que acontecem nesse processo de configuração dos gêneros, sem um domínio hegemônico de um determinado gênero. Assim sendo, construídos permeados através de vivências que excedam as fronteiras e territórios, que abrangem os gêneros na sociedade em uma construção fluida e constante em suas reverberações culturais (GUACIRA LOURO, 2013).

### **5.5. Ficha comportamental dos gêneros: a divisão sexual do trabalho**

Na última etapa da Oficina sobre Gravidez na Adolescência e Gênero realizados neste estudo, as alunas e alunos participaram de uma atividade voltada para o aprofundamento de reflexões, referente aos estudos de gênero em nosso cotidiano, chamado de ficha comportamental. Os participantes da oficina foram divididos em dois grupos<sup>18</sup>, onde as alunas e alunos tiveram liberdade para ficarem

---

<sup>18</sup>Grupo 1: seis meninas e um menino. Grupo 2: seis meninas e um menino.

em seus respectivos grupos segundo sua própria vontade, ou seja, não houve imposição para determinação dos integrantes de cada grupo. Nessa oficina, os alunos tinham que marcar em uma ficha comportamental, ver na Tabela 26, os comportamentos que na visão deles estavam associados ao gênero feminino e ao masculino.

Tabela 26: Resultado das Respostas do Grupo 1: Reprodução do padrão de gênero voltado para desigualdade

Ordem	Comportamento	Masculino	Feminino	Ambos	Movimento para desigualdade
1	Cuidar das crianças			x	
2	Orientar sexualmente os filhos			x	
3	Trabalhar fora de casa	x			x
4	Usar brincos		x		x
5	Realizar trabalhos domésticos		x		x
6	Ter docilidade e romantismo		x		x
7	Embelezar-se		x		x
8	Amamentar o filho no seio		x		?
9	Ser elemento na relação seja namoro o u sexual			x	
10	Defender o cônjuge			x	
11	Ter força física e coragem	x			x
12	Manter economicamente o lar	x			x
13	Dirigir caminhão	x			x
14	Decidir sobre a anticoncepção		x		x
15	Viajar sozinho			x	
16	Praticar esportes radicais	x			x
17	Urinar em pé	x			?
18	Ter espírito prático e objetivo			X	
19	Usar cosméticos		x		x
20	Dançar balé		x		x

Fonte: (Elaborada pelo autor)

Constata-se pela análise das respostas da ficha comportamental, que o grupo um apresentou em seus apontamentos, um movimento voltado para

reprodução dos padrões de gênero voltados pelo predomínio hegemônico masculino em contrapartida ao feminino. Isso ficou explícito ao determinarem, que apenas os homens podem trabalhar fora de casa, apresentam força física e coragem, mantém economicamente o lar, dirigem caminhão, praticam esportes radicais e urinam em pé.

Em relação às mulheres, afirmaram que apenas estas podem usar brincos, realizar trabalhos domésticos, ter docilidade e romantismo, embelezar-se, decidir sobre a anticoncepção, usar cosméticos e dançar balé. A determinação do trabalho doméstico voltado para às mulheres, exclusivamente apontado pelo grupo, configura-se uma classificação hegemônica e desigual das relações entre os gêneros. A autora Flávia Biroli (2017, p.21) traz reflexões sobre o assunto em sua pesquisa:

Falar de divisão sexual do trabalho é tocar no que vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. E, claro, nas consequências dessas classificações. As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz, ao mesmo tempo, identidades, vantagens e desvantagens. Muitas das percepções sobre quem somos, o que representamos para as pessoas próximas e o nosso papel na sociedade estão relacionadas à divisão sexual do trabalho.

A divisão sexual do trabalho, segundo a autora citada, contribui como fonte norteadora para construção e reconstrução das relações sociais em um processo histórico e cultural. O norte disso causa impactos nas percepções dos outros em relação a si mesmos e em relação ao outro. Isso acaba reverberando nos apontamentos e determinações das relações de gênero sobretudo sobre o trabalho doméstico, ainda considerado trabalho nato das mulheres.

Apesar de estarmos no início do século XXI, ainda podemos perceber em nossa sociedade uma reprodução do trabalho doméstico, inerente a uma vivência do “universo das mulheres”. Esse fenômeno ocorre inclusive nas campanhas publicitárias<sup>19</sup>, que apresentam essa ideia sem uma abordagem crítica

---

<sup>19</sup>Propaganda reprodutora de desigualdade entre os gêneros. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/as-10-propagandas-mais-machistas-e-racistas-do-ultimo-ano/>. Acesso em abril/2019

sobre as discussões de gênero da atualidade, muito pelo contrário reproduzem a desigualdade entre os gêneros:



Figura 4:( Fonte elaborada pelo autor, a partir de acesso a reportagem<sup>20</sup>)

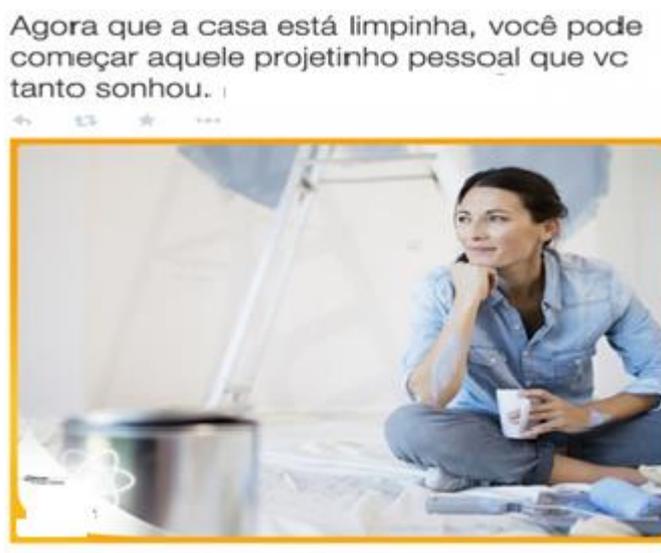


Figura 5: (Fonte elaborada pelo autor, a partir de acesso a reportagem<sup>21</sup>)

<sup>20</sup>Propaganda sobre a presença da mulher em campanhas publicitárias. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/as-10-propagandas-mais-machistas-e-racistas-do-ultimo-ano/>. Acesso em abril/2019. O nome da marca foi apagado da imagem devido aos critérios relacionados aos direitos autorais.

<sup>21</sup>Propaganda sobre a presença da mulher em campanhas publicitárias. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/as-10-propagandas-mais-machistas-e-racistas-do-ultimo-ano/>. Acesso em abril/2019. O nome da marca foi apagado da imagem devido aos critérios relacionados aos direitos autorais.

As imagens acima apontam para um trabalho doméstico protagonizado pelas mulheres como sendo uma função inerente destas em comparação aos homens. Se fossemos pensar nas propagandas sobre produtos de limpeza, que já assistimos em nossas vidas, a predominância da mulher nesse recurso publicitário acaba tornando-se uma fonte exclusiva de visibilidade. As autoras Lorena Carvalho e Pâmela Silva (2014, p. 48) realizaram um estudo sobre a representação da imagem da mulher em campanhas publicitárias de limpeza, no período entre a década de 50 e os anos 2000. Neste trabalho, apesar de notória mudança nos estilos de propagandas referente a produtos de limpeza quanto a figura da mulher, ainda se percebe um direcionamento voltado para o público feminino, enquanto responsável por esse papel na sociedade:

Assim, o enunciador dos anúncios de produtos de limpeza tem como intuito discursivo conquistar a confiança das mulheres e, para isso, utilizam recursos verbo-visuais diversos como imagens, textos explicativos e expressões, visando persuadi-las por meio da valorização de sua imagem ou das facilidades proporcionadas pelos produtos. Por outro lado, é comum ainda a concepção da mulher ligada aos trabalhos domésticos, em pleno século XXI.

O fenômeno parece-me representar a afirmação do espaço doméstico como um lugar direcionado para atividades de mulher, ou seja, homens não tem papel nesse contexto, portanto a responsabilidade das tarefas domésticas se perpetua ainda com exclusividade na vida de algumas mulheres. As autoras Rosana Monteiro, Daniela Gontijo, Vera Facundes e Anna Vasconcelos (2015, p. 8) elaboraram uma pesquisa voltada para os estudos de gênero e sexualidade para o público adolescente. Um dos achados deste trabalho, realizado em uma escola pública, encontra-se em um dos eixos temáticos, onde as meninas falam sobre as diferenças que existem nas relações entre os gêneros, sobretudo referente aos privilégios no “ser homem” no cotidiano:

Ao apontarem que “pensar como homem é mais fácil do que pensar como mulher”, as adolescentes explicitam em seus discursos as manifestações das situações de opressão vivenciadas no cotidiano das relações entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, admite-se o gênero como um fator impactante nas possibilidades do desempenho ocupacional, restringindo o comportamento feminino e limitando a mulher a atividades determinadas ao seu sexo, com caracterização de cenários de injustiça ocupacional.

A perpetuação das tarefas domésticas sofrem um processo de hierarquização desse acontecimento entre as próprias mulheres, pois mulheres que apresentam um poder aquisitivo elevado acabam contratando outras mulheres para exercício dessa função, em sua maioria mulheres negras, isto quer dizer, que as relações de classe social e étnico-racial, encontram-se também nas fronteiras da divisão sexual do trabalho, visto que mulheres negras ainda representam um número quantitativo majoritário de exercício do ofício doméstico em comparação às mulheres brancas (FLÁVIA BIROLI, 2017).

Não devemos pensar na figura da mulher exclusivamente voltada para o trabalho doméstico, sobretudo a mulher do nosso tempo, pois esse cenário tem mudado em nossa sociedade:

Acompanhando tendências verificadas em outros países latino-americanos, foi nas últimas décadas do século XX que o perfil do acesso das mulheres brasileiras à educação e ao trabalho remunerado se alterou significativamente. Entre 1970 e o início do século seguinte, o percentual de mulheres economicamente ativas passou de 18,5% para cerca de 55%, tendo alcançado um teto de 59% em 2005. A posição delas se modificou, também, no acesso à escolarização. Hoje têm, em média, mais tempo de educação formal do que os homens, passando a ser maioria entre as pessoas matriculadas no ensino superior (FLÁVIA BIROLI, 2017, p. 21).

Quanto aos fatores que se relacionam para ambos os gêneros temos o cuidado com as crianças, a orientação sexual na vida dos filhos, ser elemento importante na relação, seja namoro ou sexual, defesa do cônjuge, viajar sozinho e ter espírito prático e objetivo. Apesar deste grupo apresentar até certo ponto posicionamentos, que reproduzem desigualdades de gênero, o desejo de responsáveis presentes na vida dos seus filhos fez parte de suas percepções. Assim

sendo desde o início do campo, nota-se um anseio pelos adolescentes deste estudo por uma família, que esteja participando da respectiva formação dos seus respectivos filhos, inclusive em assuntos que atravessam a sexualidade. Afinal mesmo reproduzindo posicionamentos que reiteram a desigualdade entre os gêneros, mesmo esses tornam-se oprimidos pelo padrão hegemônico das relações de gênero e pela ausência dos seus responsáveis, que pode estar atrelada a isso. A autora Flávia Biroli (2017, p. 56), destaca em seu estudo, o preço pela construção de um cuidado no seio familiar, onde esta responsabilidade volta-se em muitos casos para às mulheres, enquanto a figura, que representa o cuidado no lar:

A divisão sexual do trabalho permeia os arranjos, articulada a outros fatores que posicionam e abrem ou restringem as alternativas: mulheres cuidam e são afetadas em suas trajetórias por estarem posicionadas como cuidadoras; cuidam em condições diversas, dependendo de sua posição de classe, em relações conformadas pelo racismo estrutural e institucional.

A construção sociocultural que nos encontramos, acaba colocando a mulher na figura de cuidadora, isso acaba reverberando na construção de suas vidas e no veículo usado nesta pesquisa para reflexões sobre os estudos de gênero: a Gravidez na Adolescência.

O grupo 2 pode ser considerado um grupo voltado para a igualdade entre os gêneros. Isso pode ser identificado na Tabela 27. A visibilidade de ambas tabelas 26 e 27, com seus respectivos resultados em relação a ficha comportamental demonstra a existência de dois grupos distintos participantes deste estudo.

Tabela 27: Resultado das respostas do Grupo 2: Produção de um padrão de gênero voltado para igualdade

Ordem	Comportamento	Masculino	Feminino	Ambos	Movimento para igualdade
1	Cuidar das crianças			x	x
2	Orientar sexualmente os filhos			x	x
3	Trabalhar fora de casa			x	x
4	Usar brincos			x	x
5	Realizar trabalhos domésticos			x	x
6	Ter docilidade e romantismo			x	x
7	Embelezar-se			x	x
8	Amamentar o filho no seio		x		?
9	Ser elemento na relação seja namoro ou sexual			x	x
10	Defender o cônjuge			x	x
11	Ter força física e coragem			x	x
12	Manter economicamente o lar			x	x
13	Dirigir caminhão			x	x
14	Decidir sobre a anticoncepção			x	x
15	Viajar sozinho			x	x
16	Praticar esportes radicais			x	x
17	Urinar em pé	x			?
18	Ter espírito prático e objetivo			x	x
19	Usar cosméticos			x	x
20	Dançar balé			x	x

Fonte: (Elaborada pelo autor)

O grupo dois, apresentou igualdade entre os gêneros, pois neste grupo ambos os comportamentos foram definidos como próprios para homens ou mulheres. A única exceção esteve determinada pela amamentação do filho no seio, sendo esse comportamento na visão desse grupo exclusivo para as mulheres. Os adolescentes do grupo desejam um lar, que seja regido através de uma responsabilidade de cuidado mútua, entre os seus responsáveis sendo esse papel desempenhado mediante a contemplação de ambos os gêneros, isto quer dizer, que o cuidado na família deve ser realizado por todos os integrantes deste lugar, indo além das fronteiras dos gêneros e configurações familiares.

### **5.6. A Abordagem que os adolescentes querem... A Escola que não conversa**

Nesta seção encontram-se apontamentos dos adolescentes sobre a presença da escola nas reflexões sobre a Gravidez na Adolescência. Afinal, retomando os canais de informações para busca sobre o assunto, a escola foi citada pelos alunos em penúltimo lugar de busca: internet, primeiro; amigos, segundo; escola, terceiro e em último lugar, a família. Apesar disso, ainda podemos verificar a escola em uma posição de referência para estes alunos, frente a um assunto como a Gravidez na Adolescência, que permeia suas sexualidades em construção. Nesse contexto, a escola acaba ultrapassando a posição de suas próprias famílias como lugar de diálogos.

Para a autora Guacira Louro (2000, p.5), assuntos como a Gravidez na Adolescência, que atravessam as sexualidades em construção, direcionam-se atrelados a vários caminhos na vida em sociedade, inclusive na própria escola:

O primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. O segundo, ao fato de que a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.

A relevância da escola frente a família como canal de informação, sobre a Gravidez na Adolescência leva-nos para uma imersão no processo de diálogo

ocorrido entre o tema e a escola através das percepções dos alunos. As percepções do alunado referente a escola voltam-se para as seguintes percepções:

Falta de informações, escolas que não conversam, falta de consciência (Aluna 3)

Na minha opinião é falta de informação. Acho que uma aula de educação sexual seja a solução para a grande parte dos problemas (Aluna 25)

Os alunos apontam a escola como um “canal gerador” da Gravidez na Adolescência, visto que quando esta exclui o tema do seu espaço, acaba contribuindo para a ausência de diálogos e reflexões sobre o assunto com os adolescentes. Este sentimento de “apagão” aparece na fala da aluna 3: “escolas que não conversam”. Isso quer dizer, que uma escola presente nos debates sobre a Gravidez na Adolescência poderia estar proporcionando a esses adolescentes outras perspectivas em relação ao tema, até mesmo, no que tange as percepções sobre as relações de gênero.

No final do primeiro dia de oficinas, que contemplaram os estigmas e contrapontos da Gravidez na Adolescência e as Relações de Gênero, os alunos descreveram suas percepções sobre sua participação no primeiro dia de oficinas. Esse resultado encontra-se no Quadro 13. E além disso, relataram como a escola deveria abordar o assunto em seu cotidiano:

Quadro 13: Percepções das oficinas pedagógicas x Sugestões dos alunos para abordagem na escola

<b>Percepções das oficinas pedagógicas</b>	<b>Sugestões dos alunos de como a escola deveria abordar o tema</b>
Compreensão	Debate
Compreensão	Com mais aulas
Leveza	Tendo aulas de psicologia e palestras para os alunos independentemente da idade
Aprendizagem	Compreendendo o lado de cada adolescente
Eu me senti normal	Tendo um professor pra falar sobre isso
Eu me senti normal	Tendo um professor que não tenha vergonha de falar com a gente
Leveza	Educação Sexual
Legal	Conversando
Compreendida	Bem...a escola poderia conversar sobre o assunto
Compreensão	Tendo palestras, debates e aulas sobre o assunto
Aprendizagem	Palestras sobre o assunto
Compreensão	Abordar com mais intensidade o tema da Sexualidade e Educação Sexual
Justiça	Com respeito e bondade

Fonte ( Elaborada pelo autor, a partir das Oficinas Pedagógicas)

O levantamento das percepções dos estudantes sobre as Oficinas Pedagógicas demonstra que este grupo de alunos desejam uma escola, que dialogue com eles sobre a Gravidez na Adolescência e seus assuntos correlatos como a própria Educação Sexual, em um conceito geral e mais amplo do assunto, suas sexualidades e visibilidade da diferença na visão do outro.

Além disso, vale destacar o uso da palavra compreensão, enquanto sentimento sentido e apontado como marca característica desta experiência através da participação nas Oficinas Pedagógicas. Pressupõe-se a partir disso, que estes adolescentes sentem-se incompreendidos quando o assunto Gravidez na Adolescência vem à tona em sua experiência na escola e na vida.

A autora Kaciane Almeida (2012, p.86) traz luz sobre a urgência de um movimento para o diálogo na escola, sobretudo em temas que atravessam as sexualidades em construção dos alunos, nesse espaço:

A desestabilização do processo hegemônico no qual professores/as e alunos/as estejam abertos a um diálogo franco e construindo abertamente entre os sujeitos traz para a escola o debate sincero e capaz de desconstruir atitudes e posicionamentos que remetem a educação para o controle e normalização

O desenvolvimento das Oficinas Pedagógicas junto aos participantes do estudo permitiram-lhes a oportunidade para sentirem-se compreendidos nas reflexões sobre a Gravidez na Adolescência. Entretanto, constata-se por suas falas, que essa compreensão não acontece com recorrência na escola. A partir disso, o que então encontra-se faltando nessa escola para esse movimento ocorrer? Um movimento voltado para o diálogo na escola, que contemple as necessidades dos alunos, além das fronteiras dos conteúdos.

Os alunos pesquisados parecem "cobrar" uma postura da escola que contribua para uma educação voltada para a aprendizagem de suas sexualidades em construção. Os professores, na visão destes alunos, também apresentam seu próprio papel nisso, como um canal de possibilidades para reflexões e diálogos sobre a gravidez na escola e sexualidades. Porém, por que existe essa ausência dos professores nessas discussões?

A pesquisadora Nadia Novena (2004) em sua tese investigou a vivência de professores em assuntos que permeiam a Educação Sexual e Sexualidades na escola. Em seu estudo, os professores relatam que não sentem-se preparados para lidar com o tema, seja por questões associadas aos seus próprios valores frente a vida ou ausência de uma formação pedagógica crítica para abordagem do assunto. Quando o tema é tratado, os discursos predominantes acabam reverberando na esfera médica sobre prevenção e controle da saúde sexual. Outro ponto enfatizado recai sobre a rotina do magistério quanto a necessidade do exercício profissional em várias escolas. Esse acontecimento acaba sobrecarregando os professores, limitando seu tempo investido no planejamento das aulas, tendo como consequência direta a ausência de preparo para abordagem nas aulas sobre a temática da sexualidade.

A falta de uma abordagem docente que atenda as necessidades dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência não deve ser vista como uma característica homogeneizadora dos professores nesse assunto. Algumas possibilidades já foram relatadas em estudos sobre o tema. A autora Fernanda Damiani (2003), em seu estudo sobre Gravidez na Adolescência e práticas pedagógicas, trouxe à tona o trabalho de professores que contribuíram para uma abordagem significativa na escola. Entretanto, esse processo ocorreu com adolescentes que já estavam

grávidas, ou seja, difere-se dos sujeitos contemplados neste estudo, que tem como participantes adolescentes meninas e meninos não-grávidos. No trabalho da referida pesquisadora, os professores tratavam a vivência de uma Gravidez na Adolescência indo além dos discursos biológicos. Nesse contexto, os professores demonstraram preocupação com a qualidade de vida das alunas grávidas em relação ao seu companheiro, família, possibilidade de manutenção do namoro ou casamento. Assim desse modo, pode-se inferir que há diferenças nas discussões que rodeiam a Gravidez na Adolescência na escola sendo para quem vivencia esta realidade no ambiente escolar ou almeja informações sobre o tema.

Os alunos ainda desejam a presença de uma escola em suas vidas que permitam um ambiente de diálogos para reflexões sobre suas sexualidades em construção. A Gravidez na Adolescência poderia ser vista como um conceito “guarda-chuva”, pois sua abordagem pode reverberar em uma diversidade de assuntos, que atravessam as sexualidades dos sujeitos em suas especificidades. Essa realidade emerge nas percepções dos alunos participantes deste estudo:

E outra coisa que eu também acho que se deve falar em escola é sobre orientação sexual, gênero. Isso ajuda agente do Grupo LGBT até mesmo a elas, pra eles não crescer com isso na cabeça que é errado ou pra eles não tornarem um monstro que é um (a) homofóbico (a) (Aluno 23).

Talvez porque os pais/responsáveis e no colégio, não tratam sexo com naturalidade (ainda mais entre jovens), vale frisar que falar sobre, não é incentivar. Por mais que esse assunto seja tabu, todo mundo sabe que sexo sem proteção tem uma GRANDE chance de resultar em gravidez e/ou DST (Aluna 2)

Os alunos citados falam sobre as possíveis contribuições da abordagem de temas correlatos a Gravidez na Adolescência na escola. Percebe-se que uma vez no ambiente escolar, as reflexões sobre sexualidades em construção podem nortear discussões, que atravessam formas de enfrentamento e remediação de situações marcadas pela violência na escola. Os casos de violência podem ocorrer contra o público LGBTI e também repercutir na vida das próprias mulheres e homens heterossexuais. Além disso, a possibilidade de uma gravidez prevista ou a

prevenção de infecções sexualmente transmissíveis torna-se uma vivência possível quando o assunto faz parte do cotidiano escolar.

Na última oficina sobre os canais de busca para informações sobre Gravidez na Adolescência, os alunos estiveram diante de imagens, que representavam possibilidades de fonte sobre o tema (amigos, escola, família e internet). Lembrando que essas fontes foram indicadas como consequência da revisão bibliográfica realizada durante este estudo. A partir da apresentação dessas imagens, os alunos apontaram a escola como um dos canais de informação, entretanto isso não indica, que esse espaço seja um lugar, de fato, significativo para os alunos. Esse posicionamento fica em evidência em suas falas. Ao longo da Oficina, os alunos foram questionados sobre o papel da escola em relação a Gravidez na Adolescência. Uma das questões norteadoras, deu-se na seguinte indagação: “ *Em uma escala de 0 a 100%, qual a presença da escola na Gravidez na Adolescência, enquanto um lugar para reflexões*”. As alunas responderam:

Atende 10% ! (Aluna Alessandra)

O quê, que atende? (Aluna Vanessa)

5 a 10% ! (Aluna Nadja)

“5%, pois tem algumas exceções de professores”. (Aluna Margarida)

Assim, concluímos que, mesmo a escola atendendo pouco as necessidades dos alunos referente ao assunto, esta ainda apresenta legitimidade para promover o debate no ambiente escolar nas percepções dos alunos.

### **5.6.1. Que abordagem é essa...?**

No final da questão número 8 do questionário, na Tabela 28, os alunos descreveram o método usado pela escola na abordagem sobre a Gravidez na Adolescência. Para tal foi respondido a seguinte questão: “*Como essa abordagem é realizada pela escola*”?

Tabela 28: Que abordagem é essa?

Percepções	Respondentes
Não é feita	11
Diálogo durante as aulas	3
Notificação do Interrupção dos estudos	3
Não sei	3
Em aulas de ciências	2
Questionários ou debates	2
Feira de Ciências	1

Fonte (Elaborada pelo autor, a partir da pergunta 8, parte final do questionário)

A partir da resposta dos alunos, percebe-se uma ausência na abordagem da Gravidez na Adolescência na escola, como constatado em outras questões e debates nas Oficinas Pedagógicas.

Quando a abordagem da Gravidez na Adolescência ocorre na escola, os alunos relatam que acontece durante as aulas ou até mesmo como consequência do ocorrido, com a sinalização da gravidez adolescente em curso mediante o interrompimento dos estudos. As aulas de ciências ainda aparecem como lugar de possibilidades para discussões, inclusive nas próprias Feiras de Ciências. Em suas falas, os alunos apresentam percepções sobre as abordagens e métodos usados para discussão do tema da gravidez na escola:

Geralmente a escola dão camisinha nas feiras de ciências mais não aborda de uma forma mais esclarecedora (Aluna 13).

A aluna aponta em sua percepção a ausência de um aprofundamento nos debates sobre a Gravidez na Adolescência. Até mesmo, quando existe uma proposta pedagógica exclusiva de ensino voltada para Educação Sexual, essa garantia não pode ser pensada como uma realidade. Os pesquisadores Suse Azevedo e Marcos Souza (2016) realizaram um estudo na cidade de Jequié\_BA em escolas municipais, onde apresentam em sua grade curricular, uma disciplina específica direcionada para Educação Sexual. Pressupõe-se, que uma disciplina na escola para Educação Sexual, proporcione ao alunado momentos de reflexão sobre o tema. Entretanto, os autores em questão apontaram, que os professores responsáveis pela disciplina conduziam a temática mediante posicionamentos de controle, prevenção e juízo de valor. Isso quer dizer, que mesmo com uma disciplina específica sobre Educação Sexual, o tema não contemplava a necessidade dos alunos como a diversidade sexual, citada neste estudo como ausente no cotidiano escolar estudado.

### 5.6.2. Abordagem distinta entre os gêneros

Ainda na questão número 8 do questionário, os alunos responderam a seguinte indagação : “*Tanto alunas como alunos são abordados da mesma forma pelo tema na escola*”? A proposta da questão direciona-se para verificar a possível existência de diferenças, na forma como a temática da Gravidez na Adolescência pode ser abordada entre as meninas e os meninos na escola. A partir disso, seguem-se na Tabela 29, as respostas dos alunos:

Tabela.29: Tanto alunas como alunos são abordados da mesma forma pelo tema na escola”?

Percepções	Respondentes
Não	12
Sem resposta	9
Sim	3
Sem Diferença	1

Fonte ( Elaborada pelo autor referente a questão 8 dos questionários)

A possibilidade da diferença no trato da Gravidez na Adolescência, com os alunos na escola aparece voltada para apontamentos norteados pela desigualdade nas percepções dos alunos. Todos os doze alunos que apontaram uma diferença na abordagem do aluno na escola são meninas. No registro das percepções dos meninos apareceu que não há diferença: um aluno; que existe igualdade: dois alunos, e os demais não registraram respostas. Esse caminho aponta para a presença de uma desigualdade que pode ter recaído sobre a vida da maioria das meninas participantes deste estudo. Isso quer dizer, que a visibilidade das meninas na Gravidez na Adolescência como responsáveis majoritárias no processo continua sendo corroborado nesta pesquisa, mediante a contemplação analítica dos dados produzidos no estudo.

Parecem que eles cobram mais das meninas do que dos meninos (Aluno 4).

Só que a aluna tem que parar de estudar depois de alguns meses (Aluna 11).

Os alunos citados apontam em suas percepções diferenças nas relações de gênero e interrompimento dos estudos quando ocorre a Gravidez na Adolescência.

### **5.6.3. Docência e Gênero**

O exercício de uma docência voltada para o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência apareceu ao longo deste estudo. Na questão 7, dos questionários, na tabela 30, os alunos estiveram diante da seguinte pergunta: *“Você prefere professores homens falando sobre gravidez na adolescência ou professoras mulheres”?*

Tabela 30: Docência x Gênero

<b>Preferência</b>	<b>Respondentes</b>
Ambos	13
Mulher	11
Depende	1

Fonte (Elaborado pelo autor mediante respostas do questionário na questão 7)

A maioria dos alunos indicou ambos professores em suas respostas, entretanto isso não fica claro como uma abertura para ambos os gêneros de professores estarem presentes nessas discussões. Os cinco meninos participantes dos questionários responderam, que ambos os professores podem abordar o assunto. Quanto a indicação de professoras mulheres como preferência na temática, nenhum menino apontou uma professora mulher exclusiva como referência para abordagem. Isso pode dizer, que os meninos não percebem as professoras mulheres como única fonte de referência no assunto. Pelo contrário, pode ser um indício que eles anseiam pela presença masculina nas reflexões.

Quanto aos respondentes que apontaram as professoras mulheres como referência distinta no assunto, apenas as meninas realizaram esse apontamento. Ou seja, nenhum menino indicou professoras mulheres como referência exclusiva nas discussões. Apenas as meninas fizeram isso. Quanto aos professores homens, em nenhum dos momentos, sejam as meninas ou os próprios meninos, apontaram estes como referência exclusiva no assunto. Isso pode significar, que a figura masculina mesmo na condição de professor na escola, ainda pode ser considerada sem condições para a condução da temática da Gravidez na Adolescência nos debates escolares, segundo os apontamentos dos alunos estudados. No Quadro 14, os alunos lançam luz sobre o assunto mediante suas preferências, que em dado momento excedem ou confrontam-se nas fronteiras entre os gêneros e suas realidades:

Quadro 14: Respostas na questão 7 do questionário: “Você prefere professores homens falando sobre gravidez na adolescência ou professoras mulheres”?

Meninas	Meninos
Mulheres por causa de ser mulher, porque tem professor homem que acha que é culpa da menina (Aluna 3).	Por mim tanto faz, acho que o importante é os conselhos, a visão de cada um sobre o assunto, acho que o bom seria ouvir os dois lados (Aluno 5).
Mulher, porque tem mais experiência ao falar para a menina, talvez por ser do mesmo sexo (Aluna 19).	Pra mim não tenho preferência, porque a mulher não engravida sozinha e o homem não faz filho sem a mulher, então eu acho que os dois devem falar sobre isso (Aluno 23).

Fonte: (elaborada pelo autor)

Nas percepções dos alunos, percebe-se uma disparidade em seus posicionamentos. Enquanto as meninas apontam a figura da mulher como espelho para a elaboração de reflexões sobre a Gravidez na Adolescência pela semelhança do gênero. Porém para os meninos, esse aspecto não foi significativo. Por outro lado, esse resultado pode estar atrelado as repercussões de uma vivência sexual distinta, que ocorre entre mulheres e homens. Em sua própria fala, a aluna 3 aponta o julgamento, que alguns professores homens fazem em referência as meninas em casos de gravidez. Nesse contexto de proximidade com o mesmo gênero, a figura da mulher toma corpo pela sua suposta experiência no assunto, já que apresenta o mesmo corpo, sendo este um canal de aproximação entre as alunas e professoras.

Esta pesquisa não pretende aprofundar as discussões da formação docente sobre o tema da Gravidez na Adolescência, visto que o objeto de estudo proposto volta-se para a contemplação das percepções dos alunos em relação à Gravidez na Adolescência, sob a égide dos estudos de gênero. Entretanto, o papel docente toma corpo nesse espaço como um fator diferencial na produção de diálogos na escola. Portanto, a formação docente tem um peso na vida dos alunos. Essa realidade pode ser percebida na pesquisa da autora Kaciane Almeida (2012, p.86), que aborda o tema da sexualidade em seu estudo:

Destaca-se que os/as professores/as mais jovens foram os que falaram com mais naturalidade sobre o tema, respondendo prontamente a questão referente à orientação sexual, sem receio ou engasgos. Observou-se que os homens responderam com mais clareza não demonstrando constrangimento para discutir o tema. Enquanto que entre as mulheres, percebeu-se certo incômodo na maior parte nas respostas.

A forma como um professor lida com assuntos que atravessam temáticas da sexualidade pode estar relacionado a diversos fatores. A pesquisadora Kaciane Almeida (2012) relata que a faixa etária dos professores participantes de seu estudo, destacou-se como um elemento norteador nos debates, onde o público mais jovem apresentou maior naturalidade nas discussões. Outro fator, que chamou a atenção apresenta-se no desembaraço dos homens em relação às mulheres nas discussões sobre sexualidade.

A variedade de posicionamentos que ecoam no magistério podem ser vistos e revistos mediante estudos que contemplam a vida de cada professor. A autora Vera Candau (2011, p.63) incrementa essas reflexões através de um estudo direcionado para o ciclo de vida dos professores :

O importante para o nosso tema é reconhecer que se trata de um processo heterogêneo. Tomar consciência de que as necessidades, os problemas, as buscas dos professores não são as mesmas nos diferentes momentos do seu exercício profissional e que muitos dos esquemas de formação continuada ignoram esse fato.

A falta de diálogo dos professores referente a temática da Gravidez na Adolescência pode ser vista mediante a presença de vários fatores, inclusive em seus diversos momentos experimentados ao longo do exercício profissional.

A pesquisadora Marília Carvalho (1999; 2003; 2004; 2012) tem lançado luz sobre os estudos de gênero na escola. Seus estudos apontam caminhos para reflexões sobre o assunto mediante o desenvolvimento de pesquisas qualitativas. Entre os participantes dos estudos encontram-se professores (principalmente professoras) e alunos. Entre os pontos evidenciados, vale o destaque para a construção dos gêneros, que constroem-se na escola e encontram-se difundidos em

nossa sociedade sobre o papel das meninas e dos meninos. Enquanto as meninas são vistas como obedientes, calmas, caprichosas, dedicadas, confiáveis e maduras, por outro lado, os meninos são identificados como agitados, indisciplinados, agressivos, relaxados e imaturos.

Em um dos seus trabalhos, Marília Carvalho (2012) realizou um estudo dessas diferenças comportamentais através de análises voltadas para os cadernos escolares dos alunos. Na pesquisa, segundo as percepções das professoras investigadas, as meninas apresentam cadernos “mais qualificados” do que o dos meninos devido ao seu cuidado e capricho com esse instrumento. Isso acabava influenciando suas definições para o conceito de bom aluno. Em contrapartida, os meninos apresentavam “os piores” cadernos sendo considerados relaxados e alunos ruins por isso.

Essas colocações trazidas pelos estudos citados fazem-me chegar a seguinte reflexão: Será que a ausência da figura do professor (homem), enquanto canal para abordagem sobre a Gravidez na Adolescência na escola também encontra-se apagada pelo cenário que ecoa na própria escola e na sociedade sobre a figura masculina? O quanto a própria feminização, histórica do magistério contribui para esse distanciamento? Usei a palavra também no trecho anterior fazendo referência a Gravidez do meninos abordada neste capítulo, pois os meninos em vivência de uma gravidez adolescente foram percebidos pelos alunos desse estudo como ausentes em sua responsabilidade paterna, visto que palavras como “assumir a gravidez” e “abandono” estiveram presentes ao longo das percepções dos alunos em questão. Por isso, os próprios discursos escolares sobre o comportamento dos meninos na escola e do homem (adolescente ou adulto) na gravidez, cruzam-se para potencializar e justificar essa reflexão referente ao professor (homem) como um canal “invisível”, visto que seu corpo não aparece nos debates sobre a temática da Gravidez na Adolescência na escola neste estudo.

## **5.7. Os ecos de muitas adolescências**

Ao longo do campo, ou através dos questionários e durante as oficinas pedagógicas, as percepções dos alunos vieram à tona tendo como consequência

nesse processo a visibilidade de suas múltiplas vivências em sociedade. A última seção deste estudo pretende refletir sobre a adolescência em formação dos alunos presentes nessa pesquisa. Dentre os assuntos reverberados pelo campo, percebe-se uma adolescência que vive sua vida fora do senso comum falado sobre esse grupo. Isso quer dizer que o clichê “sexo, drogas e rock ‘n’ roll” não recai sobre os sujeitos deste estudo como modelo para suas adolescências. O termo adolescências aqui usado apoia-se na égide da diversidade de vivências que essa fase da vida pode apresentar em sua constituição na sociedade. Portanto, os assuntos percorreram suas vivências, apontamentos sobre projetos de vida, o sentimento de solidão e abandono, felicidade e cuidados com o outro.

Os alunos participantes desta pesquisa encontram-se na faixa etária entre catorze e dezessete anos de idade, sendo considerados adolescentes segundo a Organização Mundial de Saúde e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Entretanto, este estudo pressupõe um conceito de adolescência que transcende essa visão de uma faixa etária fixa, determinante para a adolescência.

Apesar das mudanças na formação da identidade juvenil, ainda prevalecem alguns marcadores de transição nessa fase de vida como obter o primeiro emprego, casamento ou nascimento do primeiro filho. Porém, não devemos generalizar esse padrão como norte na vida dos adolescentes atuais.

O autor José Pais (2009) procura analisar a cultura juvenil em Portugal, a partir do recorte da Festa dos Rapazes, evento antigo celebrado no nordeste do país, que tem como característica ser um marcador de transição para a adolescência. As questões que norteiam sua pesquisa perpassam pelo impacto da atualidade nas configurações desse evento, segundo o posicionamento dos adolescentes atuais que participam dele. O advento da adolescência traz consigo a aquisição de direitos e deveres como membros na sociedade, mas a fronteira que delimita essa fase de vida tem sido indicada como cada vez mais fluida. Muitos adolescentes ainda dependem economicamente dos seus responsáveis, seja de forma direta ou indireta, para provimento de sua vida. Nisso, o autor caracteriza a adolescência atual pelo conceito da yoyogeneização<sup>22</sup>, visto que tem ocorrido com muitos adolescentes, um

---

<sup>22</sup>José Pais (2009p. 3), propõe o termo da yoyogeneização como: “uma crescente *reversibilidade* das trajetórias para a vida adulta (emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem), o que me levou a propor o conceito de *yoyogeneização* da condição juvenil”.

movimento elevado de reversibilidade de suas trajetórias de vida para a vida adulta. Ou seja, em outras palavras, esses adolescentes lidam com situações que extrapolam suas idades como casos de emprego/desemprego, casamento/divórcio, abandono/retorno à escola ou família de origem. Dentro de uma delimitação gerada pelo prisma dos estudos de gênero, ainda seguindo a pesquisa citada, percebe-se uma distinção entre os gêneros na “Festa dos Rapazes”, pois é um evento direcionado para consagração da masculinidade, onde os adolescentes têm sua identidade exaltada como um rito de passagem para a idade adulta. Isso ocorre através do uso de bebidas alcoólicas, cigarros, iniciação sexual e assédio às mulheres adolescentes, em contrapartida às idosas. As mulheres, no passado, nunca tiveram destaque nesse evento, senão como objetos para entretenimento do público masculino. No entanto, esse quadro tem mudado devido ao aumento da escolarização das mulheres em comparação aos homens. Através da escolarização, as mulheres têm ocupado momentos de protagonismo nesse ritual da masculinidade, demonstrando um movimento nas relações hegemônicas dos gêneros.

A partir das considerações do autor citado sobre o conceito de yoyogeneização, pode-se pressupor a Gravidez na Adolescência como um fator yoyogeneizador, pois alguns adolescentes que vivenciam esta experiência na vida acabam estendendo sua permanência na casa dos seus responsáveis, isso quando a família original permite essa possibilidade, afinal alguns adolescentes em situações de gravidez são expulsos de casa, principalmente as meninas (MARIA HEILBORN; ELAINE BRANDÃO, 2006).

O conceito do termo adolescência teve origem durante as duas guerras mundiais em meados do século XX. Nesse sentido, foi construído associado ao vigor, coragem, saúde e disposição para o combate (JOSÉ PAIS, 2009). A autora Luciana Coutinho (2009, p.18), amparada nos pressupostos teóricos do pesquisador Philippe Ariès (1973), apresenta-nos o mesmo posicionamento, inclusive com norteadores históricos que se direcionam para uma distinção entre os gêneros sobre a adolescência:

Consta que, no francês antigo, a designação *adolescent*, masculino, é encontrada pela primeira vez no século XIII, enquanto a palavra do gênero feminino, *adolescente*, só aparece no século XV. Há, portanto, uma decalagem entre o termo no masculino e o seu correspondente no feminino, o que talvez possa ser explicado pelo fato de que, desde a Antiguidade Romana, já havia um termo (*adulescens*) indicativo do período iniciático do rapaz no mundo sociopolítico, com suas obrigações civis e militares específicas. Trata-se de uma fase intermediária na vida dos rapazes, entre o estado de *puer* (menino) e *juvenis* (homem novo), ao qual sucediam o *senior* (homem maduro) e o *senex* (velho). Ora, esse não era o caso das mulheres, que passavam diretamente da condição de *puella* (menina) para *uxor* (esposa), do pai para o marido.

Esse acontecimento citado pela autora remete à diversidade de possibilidades, que o homem apresenta em sua formação histórica, enquanto indivíduo na sociedade. Com isso, o gênero masculino acaba sendo legitimado para vivenciar sua vida de forma independente, com requintes de superioridade, poder e liberdade. Essa realidade não reverbera na vida das mulheres que, segundo as reflexões do estudo referido, já nascem direcionadas com o propósito de servir aos homens.

Os estereótipos da juventude de beleza, força e saúde tem sido objeto de consumo do nosso século, afinal o tempo biológico de cada um pode ser “rejuvenescido” ou “retardado” com os atuais recursos tecnológicos na área da saúde. Essa busca pela fonte da juventude, que impacta nosso cotidiano corre em contrapartida aos ideais do século XVIII, onde os jovens buscavam aparecer “mais velhos” seja em seu comportamento ou nas perucas brancas, pois associavam a idade adulta como uma posição de respeito e poder.

Muitos associam a adolescência a uma faixa etária específica ou apenas consequência de fatores biológicos, mas esse processo sofre influência direta do tempo histórico em que estamos inseridos. Portanto, um outro ponto de análise reflete na sociedade do consumo que vivemos. O consumo, muitas vezes, está arraigado as características ditas juvenis como força, poder, autonomia, beleza e sucesso. A autora Beatriz Sarlo (2000, p.4 apud CARRANO; MARTINS, 2011) tem discutido a formação da adolescência, a partir da premissa que “a adolescência não é uma idade, mas uma estética da vida cotidiana”. Além disso, a autora discute a adolescência, mediante a lógica do consumo:

o mercado também a transforma em produto, em objeto de desejo das classes consumidoras. Sendo assim, o mito da eterna juventude é mais uma vez ressuscitado, valorizando o ser jovem apenas nos seus aspectos estéticos e corpóreos. Esses atributos e valores são comercializados a partir da multiplicação das mercadorias que permitem a todos entrar no universo da juventude e da beleza. No fetiche da juventude eterna apoia-se o fetiche da mercadoria e do consumo eterno.

Para o autor Reguillo Cruz (2000, p.2 apud CARRANO; MARTINS,2011), a adolescência constitui-se:

expressando sujeitos de direito e de consumo é uma invenção do pós-guerra. Para a efetivação dessa composição, para a construção de sentido e especificidade do mundo juvenil, podemos considerar que a realização tecnológica e suas repercussões na organização produtiva e simbólica da sociedade, a oferta e o consumo cultural e o discurso jurídico constituem três elementos fundamentais que superam o conceito baseado apenas em questões biológicas específicas desse período da vida.

A delimitação da adolescência, enquanto fase de vida, ecoa como um mercado consumidor potencial na sociedade. A adolescência, portanto, não deve estar atrelada a um padrão biológico, visto que nem todos conseguem vivenciar suas adolescências em determinada faixa etária. As classificações sociais para tal fase de vida como primeiro emprego, casamento ou primeiro filho são fluidas de acordo com a vida em sociedade de cada um. Ou seja, os fatores sociais, que influenciam de forma determinante o conceito da adolescência como curso de vida.

A armadilha do conceito atrelado às classes sociais médias e altas devem ser evitadas, pois não serve como panorama para as classes populares, pois essa, desde a tenra idade, tem a construção de sua adolescência impactada pelas desigualdades sociais (ELAINE BRANDÃO, 2003). Apesar das dificuldades nossos adolescentes das classes populares, ainda reivindicam um “lugar ao Sol”.

### 5.7.1. Projetos de vida

Os adolescentes desta pesquisa também apresentaram em suas percepções seus desejos e anseios para a construção de suas vidas. A questão treze, na Tabela 31, usada no questionário, volta-se para isso com a seguinte indagação: “*Você tem algum projeto para sua vida?*”. A partir disso, os estudantes apontaram seus respectivos sonhos precursores para suas próprias vidas, contabilizados mediante seus múltiplos apontamentos voltados para três eixos distintos: estudos, família e filhos.

Tabela 31: Projeto de Vida

Percepções dos alunos	Respondentes
Fazer alguma graduação	10
Ter uma família	7
Outras trajetórias	3
Trabalhar com o que gosta	3
Ter filhos	2

Fonte: (Elaborada pelo autor a partir da questão 13)

No cotidiano da escola, da família e da mídia ecoam discursos sobre os adolescentes do nosso tempo histórico. Expressões como “não querem nada”, “não tem nada na cabeça” ou “não pensam no futuro” são comuns para se referir a esse grupo social. Ao contrário disso, a presente pesquisa permitiu a emergência de projetos de vida variados e críticos pertencentes aos sujeitos do estudo. A maioria dos alunos indicou o desejo pela experimentação de uma graduação em suas vidas. Dentre as possibilidades de cursos no ensino superior, estudantes apontaram o desejo de fazer medicina (quatro meninas), programação (um menino), medicina veterinária (uma menina), psicologia (uma menina e um menino), direito (menina) e dança (menino). As possibilidades não ficaram limitadas apenas ao ensino superior como caminho profissional, os alunos apontaram outras trajetórias: entrar na Marinha (duas meninas), ser aeromoça e fluente em inglês (uma menina).

Dentre os apontamentos realizados pelos alunos, ter um emprego diferenciado (trabalhar com o que gosta), percebe-se uma preocupação norteadada pela qualidade de vida associada à profissão exercida e felicidade:

Ser feliz, ter um emprego diferenciado, ter filhos. (ALUNO 1)

Trabalhar com o que eu gosto (penso em Biologia Marinha), ter uma casa legal, cachorros e/ou gatos, uma horta, talvez uma companheira e viajar bastante! (ALUNA 2)

Os alunos destacam como premissa a felicidade, que pode estar associada ao desempenho de sua profissão. Essa felicidade reverbera na possibilidade da formação de uma família, que ultrapassa as fronteiras determinadas pelos modelos tradicionais de famílias. Esses modelos apoiam-se em formatos mononucleares patriarcais (pai, mãe, filhos). Entretanto, esses alunos apontam outros caminhos voltados para a paternidade sem um casamento tradicional, a decisão de não ter filhos e uma união gerada pela diversidade sexual.

Retomando as informações sobre a cidade de Cachoeiras de Macacu apresentadas no capítulo 2, pode-se presumir que, embora o lugar tenha um histórico de diferença salarial entre homens e mulheres quanto as relações de trabalho e escolaridade, constata-se nos sujeitos desta pesquisa um movimento voltado para investimentos nos seus estudos, independente da graduação como único caminho.

Para os alunos, a formação de uma família parece surgir demarcada, em alguns casos, como uma etapa de vida realizada após o desenvolvimento de uma vida profissional consolidada, ver no Quadro 15:

Quadro 15: Formação de família

Meninas	Meninos
Conseguir uma faculdade, me formar em pediatria e ter uma família na hora certa. (ALUNA 21)	Quero ser programador, formar uma família e ter uma vida estável. (ALUNO 6)
Quero me formar em Medicina, casar e depois quem sabe ter um ou dois filhos.(ALUNA 22)	Quero acabar os estudos e fazer o Enem pra entrar na faculdade de dança da UFRJ e me formar um dançarino profissional. (ALUNO 23)

Fonte: (Elaborada pelo autor)

Nas percepções dos alunos, nota-se um desejo pela conquista de uma vida profissional que lhes ofereça felicidade, independente da área de formação. A formação de uma família torna-se uma vivência gerada após a consolidação profissional. O desejo pela parentalidade (maternidade e paternidade), que se encontra presente no discurso de alguns alunos, permeia-se direcionado pelo planejamento do momento considerado ideal por eles para a geração de filhos. Durante a oficina pedagógica voltada para o tema: “Ser Adolescente”, a aluna Margarida posicionou-se sobre seu projeto de vida e a Gravidez na Adolescência:

—“Minha mãe nos últimos anos tem conversado mais comigo sobre o assunto. Até porque ela já passou pela maioria das coisas que nós estamos discutindo aqui. Ela é uma das pessoas, que mais pode me aconselhar. Até porque eu não quero ser mãe na adolescência. Minha meta é fazer uma faculdade. Ter uma criança exige muita responsabilidade e tem muito gasto. É muita coisa! Você tem que ter uma estrutura familiar, um parceiro que te ajude também. Não adiante você ser uma mãe excelente e ter um pai que não tem a mesma estrutura, também”!

A aluna em questão compartilha com o grupo presente sua experiência através de sua realidade familiar, na qual sua própria mãe viveu a experiência da Gravidez na Adolescência. Por isso, a aluna Margarida almeja investir sua vida

prioritariamente em uma carreira profissional, visto que a partir de sua experiência familiar, sobretudo com a relação voltada para o diálogo construído com sua mãe, ela pretende dedicar-se ao ingresso no ensino superior.

Destaca-se que alguns adolescentes manifestam-se demonstrando indiferença pelo estar na escola, principalmente quando associam a escola a transmissão de conhecimento, visto que essa função da escola parece obsoleta mediante a sociedade atual da informação. A geração do século XXI, que já nasceu conectada, tem como argumento para fonte de saber a internet em demérito da escola. Afinal, na internet, a princípio, o acesso à diversidade de informações pode cativar qualquer sujeito. Mas devemos refletir sobre esse comportamento, pois nem toda informação pode ser considerada conhecimento. Será que nossos adolescentes têm desprestigiado a escola pela informação alcançada na internet ou pelo conhecimento construído a partir desta? E a escola, quanto tempo ela vai existir reproduzindo uma forma dos séculos XIX e XX de mera transmissora de respostas prontas?

Os alunos participantes deste estudo apresentam em seus discursos o desejo pela continuação de seus respectivos projetos de vida. Entretanto, será que a escola tem condições de proporcionar possibilidades reais para os alunos alcançarem isso? E suas famílias? O autor Dayrrel (2007, p.5) parafraseando Sposito (2005), fala sobre a condição dos nossos jovens quanto aos estudos e trabalho:

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude”, mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho.

A escola pode ser considerada um dos momentos das nossas vidas fundamentais na construção do nosso futuro. Apesar dessa responsabilidade, muitos adolescentes têm deixado a escola ao longo do processo de formação de suas identidades, pois esta não dialoga com suas vidas. Pelo contrário, a escola tem reproduzido o sentimento de exclusão nos adolescentes, que não seguem o padrão de “aluno ideal”. Logo esses que deveriam ser ouvidos e vistos pela comunidade escolar são preteridos, ou seja, deixados de lado ou jogados “fora” do ambiente escolar. Assim, a escola não “faz” as adolescências em formação, principalmente, quando não é crítica para o processo de diferença na formação do outro e acaba deixando muitos adolescentes frustrados no processo de formação do conhecimento e na construção de suas identidades, visto que desde cedo “não serviram” para a forma escolar predominante. Essa forma deveria ser fluida, mas apesar de estarmos no século XXI, tendo como público alunos deste século, a forma permanece a mesma: excludente com o diferente, distante daqueles que precisavam ser vistos, mas que podem ser apagados ao longo do caminho. Inclusive para os alunos participantes deste estudo, que almejam uma trajetória de sucesso e realização para suas vidas pessoais e profissionais.

### **5.7.3. Solidão e responsabilidade pelos outros**

Na segunda etapa da oficina pedagógica sobre adolescências, os alunos foram apresentados a algumas imagens do país Moldávia. Vale aqui uma breve retomada dos objetivos propostos na elaboração dessa oficina. A tarefa inicial para ambos os grupos consistia no registro de suas percepções sobre cada imagem, ou seja, os integrantes do grupo deveriam registrar suas características ao contemplarem as imagens expostas. Destaca-se que nenhuma informação neste momento foi fornecida aos alunos sobre aquele país. Após o registro e coleta das imagens, foi apresentado um vídeo retratando o contexto da Moldávia, além de uma reportagem sobre o assunto divulgada em um livro usado como um dos recursos da Revisão Bibliográfica. O livro em questão chama-se “Sexualidade adolescente como direito?”, que foi formulado como resultado da pesquisa de mestrado da autora Vanessa Leite (2013). O país Moldávia retrata uma adolescência que vive uma realidade muito peculiar. Trata-se de um país oriundo da antiga União

Soviética, sendo criado no início da década de 90. A economia local não apresenta subsídios para sua manutenção própria, isso acaba levando sua população adulta ao desenvolvimento de uma cultura de emigração em massa para os países vizinhos como forma de sobrevivência. Nesse contexto, os adultos migram e seus respectivos filhos ficam no país, independentemente da idade, sendo criados pelos avós quando existem, pelos irmãos ou vizinhos. Isso gera um país predominado pela presença de adolescentes, que vivem essa fase da vida através de uma outra realidade, pois acabam tendo de cuidar de si mesmos sozinhos.

Após o desenvolvimento desta atividade, os alunos ficaram em silêncio absoluto durante dois minutos. Uma vez indagados sobre a realidade de Moldávia, nada de imediato foi externalizado, entretanto a aluna Ana Carla tomou a palavra quando já estávamos iniciando outra atividade:

— “Não é tipo assim...isso acontece com a aluna Alessandra, a mãe dela fica fora a semana toda e ela fica responsável. Por mais que você veja ela assim, descaralhada, mas ela é responsável”.

Nisso, a aluna Nadja tomou a palavra:

— “Cada um mostra o que querem que vejam!”.

A aluna Margarida apresenta sua rotina de cuidados com seus sobrinhos:

— “ Até porque tipo...pra algumas pessoas um bebê é como se fosse uma boneca e não é exatamente assim... Eu tenho dois sobrinhos pequenos, o da minha irmã do meio, que ela teve gravidez na adolescência, ela engravidou com 16, teve com 17 e outra irmã, que teve filho com 21 anos. Então no começo é tudo um mar de flores e eu que ajudo direto a cuidar, sei que é tudo diferente. Tem cólica, tem vacina, você tem que cuidar, não é só dar a mamadeira. Até que para futuramente evitar, que ela tenha alguma coisa”.

A aluna Alessandra, embora apresente um comportamento, que remete a uma vida “descaralhada”, na própria definição de sua amiga Ana Carla, possui em sua vida privada, uma vida de responsabilidades em casa permeada pelas tarefas

domésticas e cuidados com seus irmãos. Na ausência de sua mãe, ela fica responsável pelo seu próprio lar. Essa fala já foi apresentada no texto, entretanto, foi retomada como forma de visibilidade da adolescência enquanto um processo permeado por muitas adolescências. Assim como a aluna Alessandra, a aluna Margarida apresenta uma rotina de cuidados em seu lar. Retomando a fala da aluna Nadja: “Cada um mostra o que querem que vejam!”, pode-se presumir que mesmo adolescentes em determinadas realidades experimentam essa fase da vida repletos de responsabilidades e cuidados com os outros, assumindo um papel considerado para adultos na providência com o lar. Entretanto, um ponto em questão deve ser considerado nesse estudo, nenhum aluno menino, seja nos questionários ou nas oficinas, apresentou essa mesma experiência de cuidados com o lar. Essa experiência pode não fazer parte de suas realidades ou não foi externalizado pelos alunos participantes da pesquisa. Uma vez, não fazendo parte de suas realidades, percebe-se que as tarefas domésticas neste grupo acabam sendo direcionadas e vivenciadas pelas meninas em contrapartida aos meninos nessa realidade.

A autora Marília Carvalho (2003), em seu estudo, lança luz sobre a realidade de algumas meninas que se encontram prejudicadas em seu rendimento escolar devido à rotina dupla de estudante e cuidados com seu próprio lar. Para a autora Flávia Biroli (2017), seus estudos apontam para o preço silencioso, pago pelo trabalho doméstico sem remuneração, realizado em muitos lares brasileiros pelas mulheres. Essa realidade, pelo visto, não tem idade definida sendo ocorrido inclusive entre as participantes desta pesquisa.

#### **5.7.4. Felicidade... Aceitação de si mesmo**

A oficina pedagógica sobre a cultura adolescente trouxe à tona algumas nuances sobre a construção do sentimento de felicidade, reverberado pela aceitação de si mesmo, apontados pelos alunos participantes deste estudo. Esse momento aconteceu após a exibição do vídeo: “Tour pelo meu rosto”, que apresenta reflexões sobre autocuidado, empoderamento e aceitação de si mesmo. No final, houve um momento de debate sobre o vídeo e uma atividade voltada para a construção de um discurso referente a si próprio.

Durante os debates, os alunos posicionaram-se apresentando suas vivências referente ao processo de aceitação de si mesmos, como de fato são na vida em sociedade:

Quando eu era candomblecista, eu não gostava de ficar com meu cabelo solto, então eu prendia ele, minha mãe puxava muito. E eu tenho uma testona e meu dente ficava pra frente, e sempre me chamaram de Ronaldinho, porque eu parecia muito, muito mesmo. Agora eu aceitei mais um pouquinho (Aluna Alessandra)

Bom, então vamos lá...Já me chamaram de baleia azul, baleia preta, vista grande, já fui chamada de tanta coisa... que eu tinha a testa grande, mas eu me sinto feliz, sou descaralhada, divertida. Se me chamam de gorda, não tô nem aí, amo ser gorda, me sinto mais confiante. Eu não vou comer pra passar mal. Eu me sinto muito feliz, porque eu vejo que faço as pessoas felizes. Os gordinhos são os mais felizes. Meu pai tem um narigão, parece um demônio, mas ele é muito feliz. Ele se acha lindo! Não adianta você tentar mudar a pessoa, se ela pensa como eu, ela nunca vai ser atingida (Aluna Ana Carla)

Eu acho que é um processo de aceitação. Você aceitar seu corpo. Não é feio, apesar de não estar no padrão! Ser magra, e não ter um corpo perfeito...acho que é um processo de aceitação...você aceita o seu corpo...com estria...com celulite...com gordura...com qualquer coisa... (Aluna Margarida)

As alunas citadas apresentam discursos voltados para um processo de empoderamento de si mesmas quanto ao seu próprio corpo e sua autoimagem na vida em sociedade. Esse processo pode acontecer mediante um movimento individual consigo mesmo, como dito pelas alunas Alessandra e Margarida, ou sendo ancorado no seio da própria família como disse a aluna Ana Carla, pois seu pai mesmo não apresentando uma beleza considerada padrão, encontra-se na condição de aceitação de si mesmo. Esse comportamento pode acabar reverberando na vida de sua própria filha em seu autocuidado.

Apesar disso, alguns alunos apresentaram outro posicionamento que aponta para uma depreciação de si mesmo, perpassando pela sua autoimagem. Esse dado veio à tona através da última atividade desta oficina, que tinha como finalidade a construção anônima de um discurso sobre si próprio, mediante a frase inicial: “Eu

sou...”. Nas falas de alguns alunos percebe-se um discurso depreciativo contra si mesmo:

Eu sou insegura, realista, crítica, indecisa e antissocial. Sinto que não me encaixo. (Aluna 1)

Eu sou adolescente, cor da pele branca, cabelos cacheados cor castanho claro, porém chapinha reina. Não aceito meu corpo e nem meu jeito e não consigo me achar “linda” como todos comentam...porém, sigo tentando me aceitar (Aluna 2)

Eu sou antissocial, com poucos amigos, mas os pouco que eu tenho são os melhores. Não gosto e nem aceito meu corpo, tento me mostrar a mais bela e perfeita possível pela internet para ver se assim as pessoas possam me aceitar. Tenho um estilo meio maloqueiro, mas me mostro menininha pra agradar a sociedade. Meu cabelo é ondulado e volumoso, mas aliso para se adaptar a sociedade, coloquei aparelho para melhorar os dentes... Não me aceito simplesmente isso (Aluna 3)

As adolescentes demonstram insatisfação consigo mesmos e principalmente com seu corpo. Em suas falas nota-se o peso que a sociedade coloca sobre eles referente ao padrão de beleza imposto aceitável pela sociedade. Esse comportamento, entretanto, não apareceu entre os dois meninos participantes da oficina:

Eu sou muito social, gosto de conversar com as pessoas, amigável, amável, responsável, inteligente, humilde, guloso. (Aluno 1)

Eu sou magro, alto, branco, cabelo castanho, olhos castanhos. Não sou bonito, mas me amo. Me considero perfeccionista, chato, porém romântico. Não sou muito inteligente, mas me esforço. Sou skatista, sou cowboy, sou guitarrista, mas acima de tudo feliz. (Aluno 2)

Quando se compara o discurso das meninas com o dos meninos, percebe-se uma ausência de preocupação com sua autoimagem e padrões de beleza, que estiveram presentes na fala das meninas. As meninas em questão usam o termo “não me aceito”, de forma recorrente. Isso pode ocorrer devido à pressão social que as

mulheres sofrem para alcançar determinados padrões estéticos, sobretudo quando encontram-se na adolescência e vivem em uma sociedade permeada pelos impactos das diversas mídias: TV, rádio, cinema e novas tecnologias da informação e comunicação como a própria internet e suas redes sociais.

Essa pressão social permeia-se consolidado pela formação do conceito histórico da adolescência, apresentado no início desta seção, onde essa fase da vida reflete a imagem da beleza, vigor e força. Apesar disso, nem todos os adolescentes aceitam participar da imposição gerada pela sociedade do consumo referente ao padrão adolescente ideal. Entretanto, pode-se afirmar que em nossa sociedade as mulheres ainda sofrem as consequências de um padrão de beleza imposto sobre si como único, imutável e aceitável para todas, sem visibilidade da diferença que existe na formação de cada um. Mesmo assim, entre os participantes desta atividade (treze alunos: onze meninas e dois meninos), apenas três meninas demonstraram insatisfação com sua autoimagem.

O grupo de alunos adolescentes apontou um direcionamento de seus projetos de vida para o planejamento de seus respectivos futuros. Pelos discursos analisados, parece-me que os sujeitos da pesquisa não desejam vivenciar em suas trajetórias de vida uma Gravidez na Adolescência.

O capítulo cinco trata-se de um aprofundamento nas relações de gênero que se encontram voltadas para a Gravidez na Adolescência. Assim sendo, duas gravidezes distintas emergiram do campo: a Gravidez das Meninas e a Gravidez dos Meninos. Além disso, a escola teve seu lugar revisitado no campo junto com o advento da cultura adolescente do grupo estudado. O próximo capítulo volta-se para as considerações finais deste estudo.

## 6. Considerações Finais

Inicia-se essa etapa final da pesquisa analisando que os dados produzidos no campo, apontam que entre os adolescentes, perpassam algumas informações de que podemos apontar como um senso comum referido ao tema da Gravidez na Adolescência. Essas percepções podem estar atreladas aos estigmas que o tema pesquisado ainda carrega consigo mesmo. Entretanto, outros posicionamentos emergiram da própria revisão de literatura e dos próprios adolescentes participantes deste estudo. Dentre os estigmas apontados pelos alunos, encontramos conflitos familiares, situações de discriminação, preconceito à adolescente grávida e perda de oportunidades na vida. Os autores de gênero e o próprio campo estudado apresentam-nos referenciais que corroboram a presença das relações de gênero em nosso cotidiano. Porém, a pesquisa presente, além de confirmar essa tese, apresenta reflexões que legitimam os estudos de gênero na Gravidez na Adolescência. Esse movimento permite uma compreensão do processo da diferença entre os gêneros através da visão dos adolescentes na escola debatendo o tema.

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, ou seja, não temos/apresentamos dados quantitativos sobre o assunto através do campo. Apesar disso, através da revisão de literatura associada ao campo, podemos inferir pressupostos sobre a emergência dos estudos de gênero na Gravidez na Adolescência. A partir daí, defendo a necessidade constante da escola e seus professores estarem abertos para ouvir as percepções dos seus alunos sobre o tema pesquisado e, até mesmo, demais assuntos que estejam reverberando no universo escolar. A escola deve estar disposta para interagir com seu alunado segundo suas respectivas necessidades, visto que em um país desigual como o nosso, ela ainda pode representar um referencial de esperança para muitos alunos.

O tema da Gravidez na Adolescência pode ser considerado um dos eixos da Educação Sexual. Isso quer dizer que, no presente estudo, a Gravidez na Adolescência enquanto um recorte da Educação Sexual permitiu nortear discussões voltadas para discussões que ultrapassam assuntos como métodos contraceptivos ou infecções sexualmente transmissíveis. A Gravidez na Adolescência apontou possibilidades de aprofundamentos em questões como autocuidado e sexualidades em construção dos adolescentes.

Na visão dos alunos participantes do estudo, a abordagem da Gravidez na Adolescência na escola, ainda se ampara em posicionamentos voltados para a reprodução humana, visto que alunos LGBTIs encontram-se fora dessas discussões na educação sexual escolar. Por isso, mais do que uma abordagem biologizante, que trata o tema sob um viés da saúde, o estudo levanta a necessidade de uma nova configuração do tema da Gravidez na Adolescência na escola. Uma abordagem que possibilite a visibilidade de reflexões sobre as sexualidades em formações dos adolescentes e suas diferentes vivências no processo, que contemplem subjetividades além das discussões sobre diversidade sexual. Por isso, o estudo aponta uma abordagem sobre a Gravidez na Adolescência direcionada para a construção das sexualidades como possibilidade de contemplação do outro no processo e suas múltiplas vivências.

O grupo de alunos participantes, em sua maioria, consideram-se professantes de religiões associadas ao cristianismo, sendo no total um quantitativo de vinte e cinco alunos: quinze evangélicos, cinco católicos, dois sem religião, uma ateia, um sem definição e outro budista. Em determinados momentos, houve tensões quando o assunto atravessara aproximações com a religião. Isso ocorreu durante um debate sobre amamentação realizada dentro de uma igreja, por uma das irmãs da adolescente. A partir da existência do corpo da mulher exposto durante a amamentação, seguiram-se norteamentos sobre o que era certo ou errado mediante o corpo da mulher naquele lugar. Esse ocorrido gerou momentos de tensão entre os participantes, principalmente quando um dos meninos que estava na oficina pedagógica tentou intervir no assunto. A questão do corpo da mulher teve destaque nesse acontecimento, sendo o menino refutado, pois as meninas colocaram-se como protagonistas daquele debate. O menino em questão podia ser considerado inapto para falar sobre aquela situação, visto que seu corpo não viveria aquela experiência como uma mulher vive. Outro ponto nessa situação reverbera que as meninas junto com o menino, em dado momento, ficaram contra as próprias mulheres, recriminando a amamentação em local público religioso. Nesse recorte, percebeu-se duas meninas posicionando-se contra a amamentação, ou seja, reproduzindo discursos opressores contra as próprias mulheres. Entre os alunos participantes deste episódio, apenas uma aluna posicionou-se pelo ato da amamentação em qualquer lugar.

Apesar desse momento de tensão relacionado à amamentação em uma igreja, os adolescentes evangélicos apresentaram suas percepções sobre a Gravidez na Adolescência, apontando as razões para tal acontecimento, portanto sua religião não foi determinante para sua ausência nas discussões.

No debate sobre as relações de gênero na Gravidez na adolescência, a aplicação da legislação brasileira, na prática, acaba corroborando para a manutenção de uma gravidez construída sob responsabilidade exclusiva das mulheres. Afinal, a Lei N<sup>o</sup>. 9.263 de 12 de janeiro de 1996 sobre Planejamento Familiar, assim como a Lei N<sup>o</sup>. 13.798 de 3 de janeiro de 2019 sobre a Semana de Prevenção à Gravidez na Adolescência foram formuladas abrangendo a participação de homens, mulheres e adolescentes no processo, ou seja, em teoria não houve referência de um gênero específico para lidar com essa questão, que reporta-se aos cuidados sobre a saúde reprodutiva brasileira, porém na prática apenas a mulher, seja na adolescência ou na fase adulta, tem suas informações usadas no registro de nascimento dos seus respectivos filhas e filhos. Isso reverbera no corpo da mulher como meio condutor da gravidez, além do panorama biológico da questão.

Os adolescentes destacaram seus respectivos canais para busca de informações sobre a Gravidez na Adolescência. Para tal, a internet apareceu em primeiro lugar, seguido dos amigos, escola e, em última, a família. A internet foi indicada como canal de busca para informações sobre o tema pesquisado por todos os meninos participantes do estudo. Percebe-se essa realidade mediante a ótica que, dentre vinte e cinco alunos respondentes dos questionários, nove apontaram a internet como fonte de busca, sendo que desses nove alunos, cinco são meninas e quatro são meninos. Por isso, mesmo em números absolutos, temos uma discrepância nos valores entre meninas e meninos. Em uma análise comparativa com os dados gerais, percebe-se que apenas um pouco mais de um quarto das meninas apontaram a internet como fonte de informação. Por outro lado, todos os meninos participantes do estudo apontaram a internet como fonte de informação. As demais meninas (dezesseis) apontaram outras possibilidades de busca sobre a Gravidez na Adolescência, entretanto dentre as dezesseis alunas, sete relataram que não buscam informações sobre o tema. A seleção da internet para busca pelo tema estudado carece de estudos sobre sua ausência ou presença entre as meninas, visto

que o campo corroborou a hipótese de que há limites para essa fonte de informação enquanto canal afetivo.

Além disso, quando indagados pelas possíveis razões para a ausência de discussões sobre a Gravidez na Adolescência, percebeu-se uma diferença nas respostas entre meninas e meninos. Uma das possibilidades para tal comportamento recaiu-se no sentimento de vergonha pelo tema. Essa resposta foi apenas reproduzida pelas meninas. Nenhum dos meninos presentes apontou essa característica como razão para ausência de debates sobre o tema. Parece-me que existe uma maior liberdade para exploração do tema da Gravidez na Adolescência entre os meninos do que em comparação às meninas. Isso quer dizer que os meninos deste estudo apresentam, em suas vivências, recursos que os permitem uma experimentação de suas sexualidades sem tanto controle ou juízo de valor apontados pelas meninas na mesma experiência.

Entre as razões para a ocorrência da Gravidez na Adolescência, os alunos do estudo apontaram como possibilidade a falta de informação (orientação), a falta de preservativos, vontade própria, falta de responsabilidade e maturidade, falta de experiência, falta de comunicação com a família, atividade sexual precoce e as escolas que não conversam. Outra consideração relevante abrange uma razão levantada por cinco alunas como possível razão para Gravidez na Adolescência: a falta de “vergonha na cara”. Ao longo do campo, nenhum menino apontou isso como possibilidade, entretanto esse discurso com viés pejorativo deu-se na fala dessas meninas. Dentro do contexto de vinte alunas participantes do estudo, um quarto dessas alunas reproduziram posicionamentos com juízo de valor contra si mesmas quanto às possíveis razões para uma gravidez adolescente. O uso de métodos contraceptivos foi um dos assuntos refletido ao longo das pesquisas. Apesar de estarmos em pleno século XXI, três alunas apontaram que alguns adolescentes podem acreditar na teoria de que na primeira relação sexual não ocorre o risco de uma gravidez. Uma das alunas destacou a importância de uma escola que converse sobre métodos contraceptivos com aprofundamento sobre o assunto, visto que determinados medicamentos como antidepressivos e antibióticos interferem na eficácia do medicamento.

Nas percepções dos alunos sobre a Gravidez na Adolescência, duas gravidezes em formação configuraram-se durante a pesquisa: uma gravidez das meninas e uma gravidez dos meninos. A gravidez das meninas apontada pelos alunos, apresenta em sua construção, momentos permeados pelos cuidados com a Gestação/Criança, perda de vida social, juízo da sociedade sobre si, interrupção do futuro, futuro jogado fora, outro tipo de futuro, medo, aborto, isenção dos meninos no processo, assumir responsabilidades, felicidade, abandono, tristeza, dor, apoio familiar e mudanças em tudo. Portanto, constitui-se em uma “Gravidez das Mudanças”. A gravidez dos meninos, no entanto, apresenta outro redimensionamento voltado para assumir a gravidez, assumir responsabilidades e em alguns casos abandono, perda da juventude e medo. Por isso, pode ser considerada uma “Gravidez mais fácil”. Ambos os alunos apontaram essas características das gravidezes nas características citadas. Isso pode significar, que os alunos participantes deste estudo, independente do gênero, apresentam em suas vivências as reverberações de uma gravidez adolescente. Entretanto, a figura da mulher acaba sendo a detentora do ônus dessa experiência, na visão dos alunos do estudo. Esse movimento ocorre em contrapartida ao homem, que aparece ausente enquanto participante do processo. Dentre os alunos participantes do estudo, duas meninas e dois meninos discordaram do grupo, apontando que ambos os gêneros sofrem no processo de Gravidez na Adolescência, sobretudo pelo juízo de valor imposto pela sociedade. Apesar de onze alunos terem apontado a vontade própria como uma das razões para a Gravidez na Adolescência, a temática do prazer na experimentação do corpo não aconteceu ao longo do estudo.

Mesmo a família aparecendo em último lugar como canal de informações para a Gravidez na Adolescência, vinte e um alunos indicaram a presença familiar como papel importante na abordagem do assunto. Na visão dos alunos da pesquisa, seus responsáveis encontram-se ausentes nas discussões sobre sexualidade. Quando o assunto surge, acontece sob o discurso de controle, prevenção e punição na maioria dos casos. Ainda assim, ocorreram alguns registros de diálogos no ambiente familiar como canal de informação. Algumas alunas apontaram suas mães como ponte para o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência. Elas destacaram, como justificativa, o fato de suas mães serem consideradas suas melhores amigas para o exercício dessa atividade.

Em contrapartida, os alunos, quando citaram a família como canal de informação, usaram o termo pais como fonte, referindo-se sem definição de gênero para tal busca sobre o assunto. Quando ocorre o diálogo sobre a Gravidez na Adolescência nas famílias, esse encontra-se marcado nesse grupo estudado pela polarização dos gêneros. Isso quer dizer que quando ocorre o diálogo na família este se volta ocorrendo entre as alunas e suas mães, não tendo sido registrado um direcionamento polarizado na fala dos alunos, mas generalizado. Não houve registro da presença paterna sendo apontado como referência nos diálogos sobre Gravidez na Adolescência, de forma significativa ao longo dos dados produzidos pelos questionários, mas durante o desenvolvimento das Oficinas Pedagógicas, esse fato aconteceu mediante a colocação de apenas uma aluna e de um aluno.

Ao longo do campo fica explícito um corpo que vivencia de forma direta a Gravidez na Adolescência reverberando os impactos desta experiência em sua vida: o corpo da mulher. Na oficina pedagógica sobre gêneros, durante a atividade dos jargões, que permeiam a Gravidez na Adolescência, apenas as meninas selecionaram a opção: “Queria ver meu corpo funcionando”. Dentre os catorze alunos (doze meninas e dois meninos), que participaram desta oficina, todas as meninas marcaram a opção em comparação aos meninos presentes, que não realizaram a mesma escolha. Na mesma ocasião, quando o grupo da oficina foi questionado pela participação ínfima dos meninos da escola na pesquisa, a sexualidade de um dos meninos presentes foi colocada em xeque diante do grupo, pois na percepção de uma das alunas, aquele assunto era apenas para meninas. Esse apontamento da aluna talvez possa justificar a ausência quantitativa de alunos meninos participantes do estudo.

A partir da fase exploratória do campo, identificou-se que a cidade de Cachoeiras de Macacu, local do estudo, apresenta em seu contexto socioeconômico uma diferença nas relações de gênero quanto a divisão sexual do trabalho e escolaridade. Enquanto as mulheres ganham salários mais baixos do que os homens exercendo a mesma função, os homens apresentam um registro de escolaridade baixa ao longo de suas vidas em comparação às mulheres. Portanto, uma escola situada em uma cidade com essa característica deveria oferecer aos seus alunos reflexões sobre essa realidade. Apesar disso, a escola aparece para os alunos como uma escola que não conversa sobre a Gravidez na Adolescência segundo suas

necessidades. Ainda assim, ela aparece para os alunos da pesquisa como canal de informação sobre a Gravidez na Adolescência com uma relevância quantitativa em relação a suas próprias respectivas famílias. No final das oficinas pedagógicas, os alunos realizaram uma atividade feedback sobre o sentimento, que vivenciaram ao longo da experiência da pesquisa. Dentre os sentimentos apontados, a compreensão apareceu em grande parte de suas percepções. Outro ponto desta atividade consistia na forma como a escola deveria abordar a temática da Gravidez na Adolescência. Todos os alunos apontaram o diálogo para esse caminho. Parece-me, que esses adolescentes querem e desejam falar sobre a Gravidez na Adolescência na escola e em suas próprias famílias, entretanto essa realidade ainda não ocorre, gerando-lhes outro sentimento em cada um: a incompreensão. A escola não contempla suas necessidades sobre o tema em estudo, porém existem duas possibilidades que permitem essa ponte: a disciplina de Ciências, principalmente, História e alguns professores. Em temas que atravessam a disciplina de Ciências e História, a possibilidade para diálogo acaba surgindo sobre o assunto. Mesmo assim, na visão dos alunos isso não é garantia de uma abordagem significativa para estes estudantes, visto que as discussões se encontram atreladas ao controle, prevenção e discursos biologizantes, sem diálogos voltados para as relações de gênero na Gravidez na Adolescência, seus possíveis estigmas ou contrapontos. Quanto à preferência dos alunos para abordagem do tema, não houve determinação de um gênero específico para os professores na abordagem no assunto. Entretanto, em nenhum momento, os alunos apontaram um professor do gênero masculino como indicação exclusiva para abordagem do assunto. Em contrapartida, isso ocorreu com a indicação de professoras mulheres para abordagem do tema. A figura do homem, mesmo na condição de professor, encontra-se desqualificada pelos alunos do estudo como referência exclusiva no assunto. Talvez isso possa ser resultado da construção da figura do homem na sociedade e, sobretudo, na Gravidez na Adolescência, pois ainda que haja exceções, o homem ainda é apontado como ausente, irresponsável e imaturo para essa vivência em sua vida. Quando a abordagem sobre a Gravidez na Adolescência ocorre na escola, esta volta-se geralmente para as meninas em comparação aos meninos, segundo os alunos do estudo, como se elas fossem as únicas responsáveis pela gravidez.

Apesar dos estigmas que atravessam a vida adolescente, os dados do campo refletem a existência de um grupo que apresenta/representa muitas adolescências em formação. Os alunos apontaram, como projetos de vida, uma diversidade de desejos para suas respectivas vidas. Para este grupo estudado, tão importante quanto obter um diploma, existe um sentimento pela busca de felicidade, que deve acontecer junto com a construção de suas vidas pessoais e profissionais em andamento. Alguns adolescentes demonstraram uma vida de responsabilidades e cuidados com seus familiares desde cedo, indo contra o discurso de que eles “não querem nada” ou “não fazem nada” na vida. Essa realidade veio à tona durante as oficinas pedagógicas diante do grupo presente, ou seja, nos questionários esse outro lado do grupo não emergiu em suas percepções. A felicidade para alguns alunos do grupo apoia-se na aceitação de si mesmos como eles são, independente da visão da sociedade sobre suas vidas.

Os pontos levantados até agora, segundo a contemplação das percepções dos alunos participantes do estudo, corroboram a ideia de que gênero faz parte da vida de todos, inclusive nossos alunos adolescentes. Quando um assunto considerado tabu, porém emergente como a Gravidez na Adolescência, é usado como veículo para reflexões na escola, sob as análises dos estudos de gênero, esse pode permitir aos envolvidos no processo as seguintes considerações: reflexões sobre as possíveis razões para a visibilidade da mulher em comparação à ausência do homem e as consequências disso para ambos. Os alunos em questão abrangem uma faixa etária marcada pela vivência sexual, sendo as meninas monitoradas em suas sexualidades, tanto que em casos de gravidez adolescente, suas gravidezes são registradas. Os dados do Ministério da Saúde apontam para um número relevante dos casos de Gravidez na Adolescência, visto que isso pode acontecer em alguns casos em suas primeiras relações sexuais. Portanto, reflexões sobre o assunto podem levá-los a ter referenciais sobre o tema em uma vivência ou não de gravidez nesse período. Isso pode ser importante para lidar com determinados estigmas como o sentimento de vergonha e juízo de valor, que muitas vezes recai sobre a mulher, sendo um dos fatores que desencadeiam no abandono dos estudos nesse caso. Uma outra possibilidade seria trazer para debate a família e a escola, visto que essas instituições não atendem as demandas específicas dos seus filhos e alunos participantes do estudo. E sobretudo investir em formação continuada sobre gênero

na gravidez adolescente para professores, visto que esses ainda funcionam como sopro de esperança para seus alunos no tocante ao assunto na escola.

A experiência de se trabalhar com instrumentos metodológicos associados como questionários e oficinas pedagógicas mostraram-se um caminho pedagógico para desenvolver-se nas escolas a temática sobre a Gravidez na Adolescência e das sexualidades em construção. Afinal, ao longo do corpo da dissertação as percepções dos alunos foram ganhando movimento e reverberando suas percepções no ambiente privado dos questionários anônimos e público das oficinas pedagógicas. O cruzamento dos dados do campo trouxe à tona, as visões de mundo dos alunos participantes deste estudo sobre a Gravidez na Adolescência refletida sobre os impactos das relações de gênero em nossa sociedade.

## 7. Referências bibliográficas

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.575-585.

\_\_\_\_\_, **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese de Doutorado– Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005.

AMARAL, M. **Entre o desejo e o medo: oficinas de trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2005.

ALMEIDA, K. **Educação sexual: uma discussão para o ensino médio técnico?** Dissertação de Mestrado em Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012

AQUINO, C. ; MARTELLI, ANDREA. **Escola e Educação Sexual: uma relação necessária**. IX ANPEDSUL. Seminário Pesquisa e Educação da Região Sul, 2012.

ANDRADE, S. **Mídia impressa e educação de corpos femininos**. LOURO, G. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

AZEVEDO, S.; SOUZA, M. **O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes**. Ensino em Re-Vista | Uberlândia, MG | v.23 | n.2 | p.367-386 | jul./dez./2016 ISSN: 1983-1730

ALMEIDA, I.; SOUZA, I. **Gestação na adolescência com enfoque no casal: movimento existencial** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem 2011; 15(3): 457 – 464

BASTOS, G. **Biologia no Ensino Médio: diferentes abordagens metodológicas para adequar o conhecimento ao cotidiano – Enfoque sobre a Gravidez na Adolescência**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós- Graduação Educação em Ciências. RS, 2015

BATISTA, F. **Comportamento sexual de risco em adolescentes escolares**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v. I, II.** Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil.** 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018

BORTOLINI, A. (Org.) **Diversidade sexual e de gênero na escola: Educação, Cultura, Violência e Ética.** 1ª edição – Rio de Janeiro: Pró- Reitoria de Extensão/ UFRJ, 2008

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2004

BRANDÃO, E. **Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da Gravidez na Adolescência.** Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social, 2003

BRANDÃO, Z. **Aula de Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro. 2018

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BUTLER, J. **Gênero: feminismo e subversão da identidade.**— Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, M. **Diálogos com adolescentes sobre relações amorosas, cidadania sexual e democracia íntima: proposições para uma educação em saúde emancipatória!** – Belo Horizonte, 2017.

CANDAU, V. (Org.) **Magistério: construção cotidiana /** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

\_\_\_\_\_, **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CARRANO, P. ; MARTINS, C. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar.** Educação (UFSM), v. 36, p. 23-56, 2011.

CARVALHO, M. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo: Xamã; Fapesp, 1999

\_\_\_\_\_, **Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas.** Rev. Estud. Fem. vol.9, nº 2, 2001, pp.554-574.

\_\_\_\_\_, **Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003

\_\_\_\_\_, **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça.** Cad. Pagu [online]. 2004, n.22, pp.247-290.

\_\_\_\_\_, (Org.). **Diferenças e Desigualdades na Escola.** Campinas: Papyrus, 2012

CASTRO, A. L. **A formação de professores de matemática para o uso das tecnologias digitais e o currículo da era digital,** 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Lugar de Sexo é na Escola? Sexo, Sexualidade e Educação sexual.** In: Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – Pr., 2009. - p. 49 – 58.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais.** São Paulo: n. Versos, 2016.

COUTINHO, L. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

COUTINHO, L.; LEHMANN, L. **Produção de imagens e construção de sentidos: uma oficina com jovens na escola.** ETD: Educação Temática Digital. Vol. 14, n. 2, 2012

DAMIANI, F. **Gravidez na adolescência: prática pedagógica e competências profissionais.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, 2003

DAYRELL, J. **A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educação e Sociedade, Campinas, v.28, n.100, p. 1105-1128, out. 2007.

\_\_\_\_\_, (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG / -** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 10ª ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

Ferron, T. **Vulnerabilidade social juvenil: uma análise a partir de jovens do Projovem Adolescente no município de Pato Branco – PR**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRAGA, A. **A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda**. LOURO, G. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

GOELLNER, S. **A produção cultural do corpo**. LOURO, G. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

GONÇALVES S. et. al. **Percepção de mães adolescentes acerca da participação paterna na gravidez, nascimento e criação do filho**. Ver. Esc. Enferm.USP: 2001; 35(4): 406-13.

GUIMARÃES, R. **A educação sexual sob o prisma da Gravidez na Adolescência**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2000.

HEILBORN, M. ( Org.) **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

\_\_\_\_\_, (Org.) **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HEY, A. **Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação no ensino superior no Brasil**. São Carlos: EduFSCar, 2008.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 12 dez. 2018.

INEP. **Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2017

JÚLIO, SUELEN SIQUEIRA. **Gênero e etnia no cotidiano escolar: reflexões para uma educação transformadora**. Ouvi na escola: relatos sobre gênero e diversidade no Colégio Pedro II. Organizado por Bruno Reis; Cristiane Cedera. Rio de Janeiro: Edite, 2017.

Lei nº 9.394. **LDB – Leis de Diretrizes e Bases. 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein.9394.pdf>> Acesso em dezembro 2017.

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acesso em de jan. de 2018

Lei 13.798/2019. **Dispõe sobre a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência**. Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57877332/do1-2019-01-04-lei-n-13-798-de-3-de-janeiro-de-2019-57877241](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57877332/do1-2019-01-04-lei-n-13-798-de-3-de-janeiro-de-2019-57877241). Acesso em : jan. 2019

LEITE, V. **Sexualidade adolescente como direito? A visão de formuladores de políticas públicas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LINS, A. (Org.). **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1ª. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016

LOURO, G. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. Educação e Realidade**. Vol.20 (2), jul/dez. 1995<sup>a</sup>

\_\_\_\_\_, **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_, (Org.) **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição Autêntica, 2000

\_\_\_\_\_, **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação.** Rev. Estud. Fem. 2001. vol.9, n.2, pp.541-553.

\_\_\_\_\_, **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pró-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008

\_\_\_\_\_, (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

LÜDKE, M. ; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 2017

LUNA, S. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1997.

MACEDO, E. **Esse corpo das Ciências é o meu? Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa.** Organizado por Martha Marandino et. al. Niterói: Eduff, 2005.

MALUF, A. **Novas modalidades de família na pós-modernidade.** São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, F. **“Gravidez Adolescente e Vulnerabilidade Social nas Grandes Metrôpoles: O Caso das Comunidades de Praia da Rosa e Sapucaia”.** Dissertação de Mestrado. Ministério da Saúde. Fiocruz ( Fundação Oswaldo Cruz). Departamento de Ciências Sociais, 2001

MINAYO, M. (Org.) **Pesquisa social : teoria, método e criatividade.** — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_, **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** Ed. Mucitec. São Paulo, 2010

MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL. **Saúde sexual e saúde reprodutiva /** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010

MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL. **Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC).** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2019

MONTEIRO R., et al. **“Pensando como um menino é mais fácil”**. Rev. Ter Ocup Univ. São Paulo. 2015 maio/ago.;26(2):207-15.

MOURA, T. **“Ecos no cotidiano escolar: pichações como possibilidades para reflexões sobre gênero e sexualidades”** apresentado na modalidade de pôster no V CEDUCE (Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão) em Niterói, 2018.

NORONHA, G. **Sexualidades e Fontes de Informação entre adolescentes estudantes do Ensino Médio**. Dissertação apresentada ao Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2009

NOVENA, N. **A sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio**. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, 2004

OMS, **Organização Mundial de Saúde**..Dados de referência . Disponível em: [http://www.who.int/growthref/who\\_2007\\_bmi\\_for\\_age/en/index.html](http://www.who.int/growthref/who_2007_bmi_for_age/en/index.html). Acesso em jan. de 2008

PAIS, J. **A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. *Saúde soc.* [online]. 2009, vol.18, n.3, pp.371-38.

PANTOJA, A. **"Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2003, vol.19

PEREIRA, A.A. **Imagens da diferença: artes visuais e diversidade sexual no ensino fundamental**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, MG. 2013

PRIOSTE, C. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese apresentada a Faculdade de Educação de São Paulo, 2013

RIBEIRO, K. C.S. **Adolescência e sexualidade: vulnerabilidade às DSTS, HIV/AIDS e a gravidez em adolescentes paraibanos**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

SANTOS, R. **Resistências e emergências nas licenciaturas de Biologia: discursos e práticas sobre sexualidade e gênero** . Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2018.

SANDRE-PEREIRA, G. **Amamentação e Sexualidade**. *Estudos Feministas*. Vol. 11, No. 2 (julho/dezembro - 2003), pp. 467-491

SCOTT, J. **A invisibilidade da experiência**. Proj. História, São Paulo, (16), Fev. 1998

VIÑAO-FRAGO, A. **Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões**. In: VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VASCONCELOS, J. **A Pedagogia da Imagem: Deleuze, Godard – ou como produzir um pensamento do cinema**. Educação & Realidade. Vol. 33 (1). Jan/jun. 2008

VONK, ANGÉLICA CRISTINA ROZA PEREIRA. **Sexualidade, reprodução e saúde sexual e reprodutiva: experiências de adolescentes escolares de silva jardim, Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Figueira. Departamento de Ensino. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2011.

ZEK CER, I. **Adolescente também é gente**. São Paulo: Summus, 1985.

## 8. Anexos

### Anexo I

(Fase Exploratória: Revisão Bibliográfica= Teses)

Acervo Teses	Título	Autor	Universidade
1	Individualização e Vínculo Familiar em camadas médias: um olhar através da Gravidez na Adolescência	Elaine Reis Brandão	UERJ
2	A Sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio	Nadia Patrícia Novena	Universidade Federal de Pernambuco
3	Diálogos com adolescentes sobre relações amorosas, cidadania sexual e democracia íntima: proposições para uma educação em saúde emancipatória!	Helena Maria Campos	Fiocruz
4	Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola	Helena Altmann	PUC/RJ

Fonte elaborada pelo autor: Teses (Revisão Bibliográfica)

## (Fase Exploratória: Revisão Bibliográfica = Dissertações)

Acervo Dissertações	Título	Autor	Universidade
1	Sexualidade e fonte de informação entre adolescentes do Ensino Médio	Grace Peixoto Noronha	Universidade de São Paulo
2	A relação da gravidez com a educação, a profissionalização e a socialização das adolescentes das classes subalternas que freqüentam o hospital das clínicas/ufg	Denise Carmen de Andrade Neves	Universidade Federal de Goiás
3	Adolescência e Sexualidade: Vulnerabilidade às DSTs, HIV/AIDS e a Gravidez em adolescentes paraibanos	Karla Carolina Silveira Ribeiro	Universidade Federal da Paraíba
4	As Representações Sociais da Evasão Escolar para mães adolescentes: contribuição para a enfermagem	Maria Angélica Silveira Padilha	Universidade Federal de Pelotas
5	Biologia no Ensino Médio: Diferentes abordagens metodológicas para adequar o conhecimento ao cotidiano_Enfoque sobre a Gravidez na Adolescência	Giseli Duarte Bastos	Universidade Federal de Santa Maria
6	Comportamento Sexual de risco entre adolescentes escolares	Fernanda Altermann Batista	Universidade Federal de Santa Maria
7	Concepções de adolescentes acerca da sexualidade	Luciana Uchôa Barbosa	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
8	Depressão em adolescentes: um estudo de prevalência no Distrito Federal	Elisa Goulart Machado Kovalski	Universidade de Brasília
9	A Educação Sexual sob o prisma da Gravidez na Adolescência	Ranilce Mascarenhas Guimarães	Universidade Católica de Brasília
10	Educação Sexual: Uma Educação para o Ensino Médio Técnico?	Kaciane Daniella de Almeida	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
11	Era uma vez...meninas que engravidaram: histórias e trajetórias	Lucília Nunes da Silva	Universidade de São Paulo
12	Gravidez adolescente e Vulnerabilidade Social nas Grandes Metrôpoles: o caso das comunidades de Praia Rosa e Sapucaia	Fernanda dos Reis Melo	Fiocruz
13	Gravidez na Adolescência: como se configura no Brasil e em Portugal	Eva Diniz Bensaja Dei Schiró	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
14	A Gravidez na Adolescência como um dos desafios para as políticas públicas de educação e saúde	Claudia Marcia	UERJ

		Trindade Fanelli	
15	A Gravidez na Adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão	Eduardo Quintana	UERJ
16	Gravidez na Adolescência: prática pedagógica e competências profissionais	Fernanda Eloisa Damiani	Universidade de Passo Fundo
17	Gravidez na Adolescência: uma construção social	Mariza Sphangero Ferreira	
18	Representações de Prevenção à Gravidez Precoce e DSTs em adolescentes	Nelson Fernandes Junior	Universidade Federal do Paraná
19	Resiliência e apoio social de mães adolescentes em vulnerabilidade social	Bianca Gansauskas de Andrade	Universidade de São Paulo
20	Telenovela e a Identidade Feminina de Jovens de Classe Popular	Lírian Sifuentes	Universidade Federal de Santa Maria
21	Vulnerabilidade Social Juvenil: uma análise a partir de jovens do Projovem adolescente no município de Pato Branco-PR	Taciana Ferron	Universidade de Tecnológica do Paraná

Fonte elaborada pelo autor: Dissertações (Revisão Bibliográfica)

(Fase Exploratória: Revisão Bibliográfica= Artigos)

Acervo Artigos	Título	Autor	Universidade
1	Adolescência e Reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais	Estela M. L. Aquino; Maria Luiza Heilborn; Daniela Knauth; Michel Bozon; Maria da Conceição Almeida; Jenny Araújo; Greice Menezes	Universidade Federal da Bahia; UERJ; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Institut National d'Études Démographiques.
2	Cogitação e prática de aborto entre jovens em contexto de interdição legal: o avesso da Gravidez na Adolescência	Simone Ouvia Peres;  Maria Luiza Heilborn	UFRJ
3	Concepções e práticas do sexo masculino sobre sexualidades	Maria Juracy Filgueiras Toneli; Daniela Mendes; Mariana Barreto Vavassori; Thais Guedes; Ivana Finkler	Universidade Federal de Santa Catarina
4	Educação Sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural	Ana Cláudia Bortolozzi Maia; Nadia Mara Eidt; Bruna Mares Terra;	Universidade Estadual de Maringá

		Gabriela Lins Maia	
5	Reflexões sobre Gênero no Ensino de Biologia: um olhar sobre o Discurso de estudantes do primeiro ano do Ensino Médio acerca da Gravidez na Adolescência	Giséli Duarte Bastos; Everton Lüdke	Universidade Federal de Santa Maria
6	Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre Educação Sexual e suas implicações	Denise Regina Quaresma da Silva	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
7	Experimentação e aprendizagem na trajetória afetiva e sexual de jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, com experiência de aborto clandestino	Wendell Ferrari; Simone Peres; Marcos Nascimento	UFRJ; Fiocruz
8	Gestação na Adolescência com enfoque no casal: movimento existencial	Inez Silva de Almeida; Ivis Emília de Oliveira Souza	UERJ; UFRJ
9	Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização	Jaileila Araujo Menezes; Marina de Oliveira Leite; Elenice Serafim Barbosa; Karla Galvão Adrião	UFRJ; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal de Santa Catarina
10	Gravidez na Adolescência: Tendência na produção científica em enfermagem	Maria Glêdes Ibiapina Gurgel; Patrícia Neyva da Costa Pinheiro; Maria Dalva Santos Alves; Grasiela Teixeira Barroso; Neiva Francenely Cunha Vieira	Universidade Federal do Ceará
11	Intervenção Psicoeducativa para adolescentes jovens	Karla Carolina Silveira Ribeiro; Josevânia da Silva; Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	Universidade Federal da Paraíba; Universidade de São Paulo
12	Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil	Acácia Batista Dias; Estela M. L. Aquino	Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal de Feira de Santana
13	Maternidade na Adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral	Luiza Akiko Komura Hoga	Universidade de São Paulo
14	O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escape	Suse Mayre Martins Moreira Azevedo; Marcos Lopes de Souza	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia;
15	O que a telenovela ensina sobre ser mulher? Reflexões acerca das representações femininas	Lírian Sifuentes; Veneza Ronsini	PUC/RS; Universidade de Santa Maria
17	Pensando como um menino é mais fácil: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes	Rosana Juliet Silva Monteiro, Daniela Tavares Gontijo, Vera Lúcia Dutra Facundes,	Universidade Federal de Pernambuco

		Anna Carolina Sena e Vasconcelos	
18	A representação social das adolescentes sobre a Gravidez na Adolescência nesta etapa de vida	Débora Luiza de Oliveira Rangel; Ana Beatriz Azevedo Queiroz	Universidade Federal do Rio de Janeiro
19	Ser alguém na vida: uma análise socio-antropológica de gravidez/maternidade na adolescência em Belém do Pará	Ana Lídia Nauar Pantoja	Universidade Federal do Pará
20	Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil	Elaine Reis Brandão; Maria Luiza Heilborn	UERJ; UFRJ
21	Sexualidades em casa, na escola e na vida	Cleide Pereira Oliveira	Universidade do Estado da Bahia
22	Vivência de mulheres sobre contracepção na perspectiva de gênero	Thalyta Francisca Rodrigues de Medeiros; Sheila Milena Pessoa dos Santos; Alana Gonçalves Xavier; Roberta Lima Gonçalves; Saulo Rios Mariz; Fernanda Laísy Pereira de Sousa	Universidade Federal de Campina Grande
23	Você sabe o que é sexualidade? Relato de experiência de oficinas de educação sexual na escola	Carlise Inês Groth; Celine Luciana Thomé; Beatriz da Silva Rosa	Universidade do Oeste de Santa Catarina

Fonte elaborada pelo autor: Artigos (Revisão Bibliográfica)

**Anexo II**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO**



**PUC-Rio | Departamento de Educação**

**Pesquisa para dissertação de mestrado**

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_ Quanto tempo estuda na escola: \_\_\_\_\_

Qual a sua religião: \_\_\_\_\_ Qual a cor da sua pele: \_\_\_\_\_

**PESQUISA DE OPINIÃO DAS ALUNAS/ALUNOS**

Caro aluna/ aluno do Ensino Fundamental II, estamos realizando uma pesquisa para saber **a sua opinião** sobre alguns temas relacionados a escola. Não é necessário colocar seu nome, mas suas respostas sinceras e diretas são muito importantes para nós. Muito obrigado pela colaboração!

**Situações Hipotéticas:**

**“Alice engravidou com 14 anos...estava no ensino fundamental II...seu namorado desapareceu...”**

**“ Ana (15 anos) e Pedro (17 anos) estão esperando o primeiro filho...”**

**“Não usei preservativo... E agora???”**

- 1) A gravidez na adolescência ainda é visto como um assunto tabu em nossa sociedade. Por que quase não se fala sobre isso? O que você pensa sobre esse assunto?
- 2) Quais os motivos da gravidez precoce? Por que engravidam cedo?
- 3) Em casos de gravidez na adolescência, meninas e meninos que lidam com essa experiência são vistos da mesma forma em nossa sociedade ? Justifique sua opinião.
- 4) Na sua visão como as meninas lidam com a gravidez na adolescência, ou seja, o que estas meninas devem sentir ao viverem essa realidade? Coloque-se hipoteticamente no

lugar da menina. **Se você se visse grávida com 15 anos... O que poderia mudar em sua vida...**

5) Na sua visão como os meninos lidam com a gravidez na adolescência, ou seja, o que estes meninos devem sentir ao viverem essa realidade? Coloque-se hipoteticamente no lugar do menino. **Se você tivesse um filho com 15 anos... O que poderia mudar em sua vida...**

6) As professoras e professores dialogam sobre o tema gravidez na adolescência em sua escola? Em quais disciplinas o tema é mais recorrente?

7) Você prefere professores homens falando sobre gravidez na adolescência ou professoras mulheres? Justifique sua resposta.

8) Você acha que a escola aborda o tema gravidez na adolescência segundo às necessidades dos alunos? Tanto alunas como alunos são abordados da mesma forma pelo tema na escola? Como essa abordagem é realizada pela escola?

9) Na sua opinião como o assunto gravidez na adolescência deveria ser abordado na escola?

10) Onde você busca informações sobre gravidez na adolescência? Por quê?

11) Você conversa com seus responsáveis sobre gravidez na adolescência? Na sua opinião qual o papel da família nesse assunto?

12) O que você gosta de fazer nos seus momentos de lazer?

13) Você tem algum projeto para sua vida?

**Anexo III**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**( RESPONSÁVEL PELA ALUNA/ALUNO)**

Prezado(a):

Convidamos V. S<sup>a</sup> a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

**Pesquisa:** Percepções dos gêneros na escola: a gravidez das alunas e dos alunos no Ensino Fundamental II

**Pesquisadores:**

Mestrando: Thiago de Souza Moura/ <[benjaminocita@gmail.com](mailto:benjaminocita@gmail.com)>/ (21) 97656-6363

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares de Araújo Mesquita/ <[silvanamesquita@puc-rio.br](mailto:silvanamesquita@puc-rio.br)>/ (21) 3527-1815

**Justificativa:**

A pesquisa se justifica tendo em vista o tema gravidez na adolescência ser considerado um assunto tabú, isto é, polêmico pela sociedade e também a escola. E muitas vezes não contemplam a realidade e necessidade das nossas alunas e alunos.

**Objetivo:**

O objetivo geral da pesquisa é entender às percepções dos alunos do ensino fundamental II sobre às relações de gênero na escola, a partir da temática sobre gravidez na adolescência e com isso contribuir para novas abordagens dessa temática segundo a visão das alunas e dos alunos.

**Metodologia:**

Questionário qualitativo aberto e oficinas pedagógicas, por meio de áudio-gravação e filmagem, com duração média de 1h e 20 minutos.

**Riscos e Benefícios:**

Não há riscos físicos ou morais previstos. A participação na pesquisa poderá expor os participantes a riscos mínimos, como desconforto ou constrangimento para responder algumas das questões propostas no questionário ou do debate proposto nas oficinas. No entanto, cada participante ficará livre para responder às opções que desejar. As informações que o participante fornecer terão sua privacidade garantida. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados. A pesquisa visa contribuir com estudos sobre gênero e gravidez na adolescência.

Thiago Moura,  
mestrando \_\_\_\_\_

Silvana S. de A. Mesquita,  
orientadora \_\_\_\_\_

Eu,

\_\_\_\_\_,  
( nome do responsável)

responsável \_\_\_\_\_ por

\_\_\_\_\_,  
( nome da aluna/aluno)

de maneira voluntária, livre e esclarecida, autorizo o menor sob minha responsabilidade a participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação das oficinas pedagógicas a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Nome completo do responsável: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Identificação (RG): \_\_\_\_\_.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do(a) voluntário e outra para os arquivos dos pesquisadores. Como trata-se de um estudo com menores, os responsáveis destes também receberão seu termo para respectiva autorização.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Responsável)

**Anexo IV**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

( ALUNA/ALUNO)

Prezado(a):

Convidamos V. S<sup>a</sup> a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

**Pesquisa:** Percepções dos gêneros na escola: a gravidez das alunas e dos alunos no Ensino Fundamental II

**Pesquisadores:**

Mestrando: Thiago de Souza Moura/ <[benjaminocita@gmail.com](mailto:benjaminocita@gmail.com)>/ (21) 97656-6363

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares de Araújo Mesquita/ <[silvanamesquita@puc-rio.br](mailto:silvanamesquita@puc-rio.br)>/ (21) 3527-1815

**Justificativa:**

A pesquisa se justifica tendo em vista o tema gravidez na adolescência ser considerado um assunto tabu, isto é, polêmico pela sociedade e também a escola. E muitas vezes não contemplam a realidade e necessidade das nossas alunas e alunos.

**Objetivo:**

O objetivo geral da pesquisa é entender às opiniões dos alunos do ensino fundamental II sobre às relações de gênero na escola, a partir da temática da gravidez na adolescência na visão das alunas e dos alunos e com isso contribuir para novas abordagens para orientação sexual na escola e no respeito as diferenças.

**Metodologia:**

Questionário e dinâmicas de grupo, por meio de áudio-gravação e filmagem, com duração média de 1h e 20 minutos.

**Riscos e Benefícios:**

Não há riscos físicos ou morais previstos. A participação na pesquisa poderá expor os participantes a riscos mínimos, como desconforto ou constrangimento para responder algumas das questões propostas no questionário ou do debate proposto nas oficinas. No entanto, cada participante ficará livre para responder às opções que desejar. As informações que o participante fornecer terão sua privacidade garantida. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados. A pesquisa visa contribuir com estudos sobre gênero e gravidez na adolescência.

Thiago Moura,  
mestrando \_\_\_\_\_

Silvana S. de A. Mesquita,  
orientadora \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome da aluna/aluno)

de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos métodos de pesquisa usados para tal, com uso de questionário e dinâmica de grupo, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação das oficinas a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Nome  
completo: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Identificação (RG): \_\_\_\_\_.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do(a) voluntário e outra para os arquivos dos pesquisadores. Como trata-se de um estudo com menores, os responsáveis destes também receberão seu termo para respectiva autorização.

\_\_\_\_\_  
[assinatura do voluntária/voluntário]

**Anexo V**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
( RESPONSÁVEL PELA ESCOLA/ DIRETORA/DIRETOR)**

Prezado(a):

Convidamos V. S<sup>a</sup> a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

**Pesquisa:** Percepções dos gêneros na escola: a gravidez das alunas e dos alunos no Ensino Fundamental II

**Pesquisadores:**

Mestrando: Thiago de Souza Moura/ <[benjaminocita@gmail.com](mailto:benjaminocita@gmail.com)>/ (21) 97656-6363

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares de Araújo Mesquita/ <[silvanamesquita@puc-rio.br](mailto:silvanamesquita@puc-rio.br)>/ (21) 3527-1815

**Justificativa:**

A pesquisa se justifica tendo em vista o tema gravidez na adolescência ser considerado um assunto tabú, isto é, polêmico pela sociedade e também a escola. E muitas vezes não contemplam a realidade e necessidade das nossas alunas e alunos.

**Objetivo:**

O objetivo geral da pesquisa é entender às percepções dos alunos do ensino fundamental II sobre às relações de gênero na escola, a partir da temática sobre gravidez na adolescência e com isso contribuir para novas abordagens dessa temática segundo a visão das alunas e dos alunos.

**Metodologia:**

Questionário qualitativo aberto e oficinas pedagógicas, por meio de áudio-gravação e filmagem, com duração média de 1 hora e 20 minutos.

**Riscos e Benefícios:**

Não há riscos físicos ou morais previstos. A participação na pesquisa poderá expor os participantes a riscos mínimos, como desconforto ou constrangimento para responder algumas das questões propostas no questionário ou do debate proposto nas oficinas. No entanto, cada participante ficará livre para responder às opções que desejar. As informações que o participante fornecer terão sua privacidade garantida. Os sujeitos da pesquisa não

serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados. A pesquisa visa contribuir com estudos sobre gênero e gravidez na adolescência.

Thiago Moura,  
mestrando \_\_\_\_\_

Silvana S. de A. Mesquita,  
orientadora \_\_\_\_\_

Eu,

\_\_\_\_\_  
( Diretora)

de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo com a realização da pesquisa nesta unidade acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a realização da pesquisa na escola é isenta de despesas e que a imagem e o nome da Instituição não serão publicados. Estou de acordo com a áudio-gravação das oficinas pedagógicas a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, a escola tem a liberdade de recusar a sua participação ou retirar o seu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Nome completo da Unidade  
Escolar: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Identificação (RG): \_\_\_\_\_.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do(a) voluntário e outra para os arquivos dos pesquisadores. Como trata-se de um estudo com menores, os responsáveis destes também receberão seu termo para respectiva autorização.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Diretora/ Diretor)

**Anexo VI**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****( PROFESSORA/PROFESSOR)**

Prezado(a):

---

Convidamos V. S<sup>a</sup> a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

**Pesquisa:** Percepções dos gêneros na escola: a gravidez das alunas e dos alunos no Ensino Fundamental II

**Pesquisadores:**

Mestrando: Thiago de Souza Moura/ <[benjaminocita@gmail.com](mailto:benjaminocita@gmail.com)>/ (21) 97656-6363

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Silvana Soares de Araújo Mesquita/ <[silvanamesquita@puc-rio.br](mailto:silvanamesquita@puc-rio.br)>/ (21) 3527-1815

**Justificativa:**

A pesquisa se justifica tendo em vista o tema gravidez na adolescência ser considerado um assunto tabú, isto é, polêmico pela sociedade e também a escola. E muitas vezes não contemplam a realidade e necessidade das nossas alunas e alunos.

**Objetivo:**

O objetivo geral da pesquisa é entender às percepções dos alunos do ensino fundamental II sobre às relações de gênero na escola, a partir da temática sobre gravidez na adolescência e com isso contribuir para novas abordagens dessa temática segundo a visão das alunas e dos alunos.

**Metodologia:**

Questionário qualitativo aberto e oficinas pedagógicas, por meio de áudio-gravação e filmagem, com duração média de 1 hora e 20 minutos.

**Riscos e Benefícios:**

Não há riscos físicos ou morais previstos. A participação na pesquisa poderá expor os participantes a riscos mínimos, como desconforto ou constrangimento para responder algumas das questões propostas no questionário ou do debate proposto nas oficinas. No entanto, cada participante ficará livre para responder às opções que desejar. As informações que o participante fornecer terão sua privacidade garantida. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados. A pesquisa visa contribuir com estudos sobre gênero e gravidez na adolescência.

Thiago Moura,  
mestrando \_\_\_\_\_

Silvana S. de A. Mesquita,  
orientadora \_\_\_\_\_

Eu,  
\_\_\_\_\_  
( Professora/Professor)

de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo com a realização observação em minhas aula durante a aplicação dos questionários. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a realização da pesquisa na escola é isenta de despesas e que a imagem e o nome da Instituição não serão publicados. Estou de acordo com a observação das oficinas pedagógicas com registro em áudio-gravação, a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, a escola tem a liberdade de recusar a sua participação ou retirar o seu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Nome completo da Professora/  
Professor: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Identificação (RG): \_\_\_\_\_ . Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de  
\_\_\_\_\_ de 2018.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do(a) voluntário e outra para os arquivos dos pesquisadores. Como trata-se de um estudo com menores, os responsáveis destes também receberão seu termo para respectiva autorização.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Professora/ Professor)

## Anexo VII

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 23 de março de 2018

CI-CEVRAc-10/2018

Da: Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio  
Prof.<sup>a</sup>. Ilda Lopes Rodrigues da Silva  
Para: Prof.<sup>a</sup>. Silvana Soares de Araújo Mesquita  
Departamento de Educação

Prezada Professora,

Acusamos o recebimento do projeto intitulado "Gravidez na adolescência: as percepções das alunas e dos alunos do ensino fundamental II estão permeadas pelas relações de gênero?" de autoria do mestrando Thiago Moura sob sua orientação para submissão desta Comissão.

Após o exame do Projeto e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido apresentadas foram feitas algumas observações que devem ser respondidas.

**Observações:**

Quanto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE:

- Todos os documentos devem registrar na folha inicial o símbolo da PUC-Rio.
- O TCLE referente ao responsável necessita deixar claro que é solicitada a sua autorização para o menor participar da pesquisa. É importante abrir um espaço para o registro do nome do menor.
- A denominação do TCLE referente ao aluno/aluna precisa ser alterada para Termo de Assentimento. Lembrar que a redação do mesmo deve usar uma linguagem adequada à faixa etária a que se destina.
- Como o projeto pretende fazer observação de aulas é importante elaborar mais um TCLE para o professor autorizar a presença do pesquisador em seu meio.
- O TCLE dirigido ao diretor da Escola é para obter a anuência dele para o desenvolvimento da pesquisa em seu tade na unidade escolar.

Na oportunidade, ficamos à disposição para fornecer quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários ao assunto em pauta.

Atenciosamente,

*Ilda Lopes Rodrigues da Silva*  
Ilda Lopes Rodrigues da Silva  
Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

**Anexo VIII**Imagens<sup>23</sup> Oficina I (Estigmas e Contrapontos da Gravidez na Adolescência)

<sup>23</sup>As imagens selecionadas foram retiradas da internet sendo direcionadas apenas para a elaboração deste trabalho. Houve cuidado relacionado aos direitos autorais das mesmas sendo seu acesso ocorrido, a partir de buscas no google imagem. Disponível em : <https://www.google.com/imghp?hl=pt-br>. Acesso em agosto/2018





## Anexo IX

### Oficina II. Relações de Gênero (Casos da vida real)

#### Exemplo 1<sup>24</sup>

#### Vida Real ( exemplo 1)

- **Gabrielle Gunther afirma que passou por maus bocados quando descobriu que estava grávida, mas hoje acredita que o melhor aconteceu em sua vida**
- Gabrielle Gunther engravidou prestes a completar 18 anos, mas afirma que ainda se sentia uma menina quando viu que o resultado de seu exame deu positivo. Assim como ela, muitas jovens sofrem com as consequências da gravidez na adolescência, e foi pensando nisso que a norte-americana resolveu contar sua história na internet, a fim de encorajar outras garotas que também estão sentindo medo dessa nova fase.

#### Exemplo 2<sup>25</sup>

#### Vida Real (Exemplo 2)

- Aos 13 anos de idade, Maria entendia pouco sobre seu próprio corpo. Demorou quatro meses para descobrir que esperava um filho - fruto da primeira relação sexual que teve na vida, com um homem de 21 anos. Até receber a notícia da gravidez, Maria não sabia como ocorre uma gestação - jamais tinha recebido qualquer orientação em casa ou na escola. Tampouco sabia que a lei brasileira configura situações como a dela como estupro de vulnerável.

#### Exemplo 3<sup>26</sup>

#### Vida Real (Exemplo 3)

- Grávida aos 14 anos de um namorado de 19 em uma comunidade pobre de Autazes, Lúcia sofreu represálias na escola e na igreja evangélica. "Já vai abrindo as pernas, depois fica sem condição", disse ter ouvido de um professor.
- Ela não queria um filho, mas, religiosa, nem cogitou o aborto. "Sabia que era uma vida, não podia matar."
- A filha nasceu há um mês e agora ela só pode ir à igreja se ficar isolada. Foi excluída do grupo de jovens, em que participava do coral, sua principal distração. O pastor quer que ela case com o pai da criança "para voltar à comunhão e participar do grupo de senhoras".
- "Eu não sou senhora. Tenho que ter responsabilidade por causa dela, mas não tenho que ser senhora. Me senti abandonada, senti revolta", contou.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://delas.ig.com.br/filhos/2018-06-25/maegravidez-na-adolescencia.html>. Acesso em setembro/2018

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/sinto-saudade-de-sercrianca-em-uma-decada-gravidez-de-meninas-de-10-a-14-anos-nao-diminui-no-brasil>. Acesso em setembro/ 2018

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/sinto-saudade-de-ser-crianca-em-uma-decada-gravidez-de-meninas-de10-a-14-anos-nao-diminui-no-brasil>. Acesso em setembro/ 2018

**Anexo X**Listagem de jargões

**Listagem de jargões:** “ Sou homem, pô “!, “Nasci para isso...é a minha vocação”!, “Eu que trabalho aqui”!,“Você que cuida da casa e das crianças “!,Eu trabalho aqui... Eu sustento a casa!, “Queria ver meu corpo “funcionando””..., “ Queria provar que sou homem”!, “ Queria casar com o homem amado”, ”Queria provar que sou mulher”!, “Você fez...você cuida”!, “Culpa da paixão”!, “Já vai abrindo as pernas”!,“Quem engravida é mulher”!, “ Você não fica com ninguém...é viado” e “Você só anda com meninas...é lésbica”

**Anexo XI****Tabela de jargões**

<b>Gravidez na adolescência</b>		
<b>Jargões</b>	<b>Homens (Adolescentes Meninos)</b>	<b>Mulheres ( Adolescentes Meninas)</b>
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		

**Anexo XII**

( Ficha comportamental)

<b>Ordem</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Ambos</b>
1	Cuidar das crianças			
2	Orientar sexualmente os filhos			
3	Trabalhar fora de casa			
4	Usar brincos			
5	Realizar trabalhos domésticos			
6	Ter docilidade e romantismo			
7	Embelezar-se			
8	Amamentar o filho no seio			
9	Ser elemento na relação seja namoro o u sexual			
10	Defender o cônjuge			
11	Ter força física e coragem			
12	Manter economicamente o lar			
13	Dirigir caminhão			
14	Decidir sobre a anticoncepção			
15	Viajar sozinho			
16	Praticar esportes radicais			
17	Urinar em pé			
18	Ter espírito prático e objetivo			
19	Usar cosméticos			
20	Dançar balé			

## Anexo XIII

### Frases:

- 1) “ Não terem nada na cabeça, não terem preocupação com o futuro, se quer ser alguma coisa”
- 2)“ Estarem perdidos devido à não preocupação com o estudo, com uma carreira e com o próprio futuro e a uma tendência a viverem a vida ligando-se apenas ao momento”
- 3) “Viver a vida o mais que puder”
- 4)“ Despreocupado politicamente, sem interesse pelos problemas sociais”
- 5) “Escola: lugar para ascensão social através de um diploma ou um emprego”
- 6) “Escola: lugar de passeio, convivência social, encontrar amigos e namorar”
- 7)“ Os adolescentes tem muita liberdade”
- 8) “Pais não sabem orientar os filhos adolescentes”
- 9) “Auto-afirmação da sua identidade...de quem são”
- 10)“ eu acho que a adolescência de hoje está, de modo geral, muito desorganizada, muito desmiolada, eles não estão pensando muito na vida”
- 11) “só pensam em sexo, bebida e diversão, sem se preocupar com o futuro”

Anexo XIV

Imagens da Moldávia





## Anexo XV

### Imagens da IV Oficina Pedagógica (Onde Buscam Informações)

